


**No refúgio das montanhas, só havia lugar para o amor.**

No interior da Escócia, Noemy se viu numa cabana solitária, tendo como única companhia o homem a quem quase matara num acidente.

A atração entre os dois fora fulminante! Ele a fascinou com seus olhos negros, seu poder de sedução e afagos tão delicados que a deixaram ardendo de paixão.

Precisava fugir dali. Jamais poderia se entregar a Brian Hendricks como gostaria, livre da culpa que a atormentava. Mas como esquecer o amor que ameaçava sufocá-la?

**DIGITALIZAÇÃO: Tinna**
**REVISÃO: Vitória**




Copyright © 1990 by Jessica Steele
Publicado originalmente em 1990
pela Mills & Boon Ltd., Londres, Inglaterra
Esta edição é publicada por acordo com a Mills & Boon Ltd.
Titulo original: Hidden heart
Tradução: Izabella Nagy
Copyright para a língua portuguesa: 1991
Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento no Círculo do Livro S.A.

## CAPÍTULO I

Naquela manhã ensolarada de junho, Noemy Haynes acordou sentindo-se feliz. Pela janela do pequeno apartamento avistou o céu azul, e suspirou satisfeita. Tornou a fechar os olhos e aconchegou-se no calor das cobertas. Queria cochilar mais uns cinco minutos antes de levantar-se e enfrentar os desafios de mais uma semana de trabalho. Mas o sono fugiu-lhe totalmente.

Sentou-se na cama e pôs-se a avaliar sua vida: estava com vinte e quatro anos, possuía um bom emprego na prefeitura como secretária do inspetor Probert, morava num bairro agradável da cidade de Reefingham e namorava um rapaz muito bom e atencioso, mas que às vezes parecia uma "múmia", como Cláudia costumava chamá-lo.

Sorriu diante daquela definição pouco lisonjeira da irmã. Afinal, Robert Naylor era até bem simpático, apesar da reserva habitual. Então apertou o botão do despertador, antes que tocasse, e saiu da cama.

Enquanto tomava banho, continuava com a avaliação. Devia agradecer aos céus por sua situação atual. Até dois anos antes, morava com seus pais, que educaram as duas filhas de uma maneira antiquada, impondo regras rígidas. Não fora sem razão que Cláudia se rebelara.

Noemy saiu do chuveiro e secou o corpo esguio, os pensamentos voltados para a irmã, cinco anos mais velha que ela. Aos dezessete anos, depois de uma discussão violenta com os pais por ter voltado tarde de uma festa, Cláudia fora morar sozinha.

— Viver nesta casa é como estar enclausurada! — ela desabafava para a pequena e infeliz Noemy, então com doze anos, que observava a irmã adorada guardar os pertences numa mala.

— Aonde você vai? — Noemy perguntara, angustiada.

— Eu não posso lhe dizer, querida, porque eles a forçariam a confessar — Cláudia respondera. — Mas... não vou me esquecer de você.

Desde então Cláudia passou a ser mencionada em casa como um mau exemplo.

Durante algum tempo Noemy ficou confusa entre as constantes acusações contra a irmã e as boas lembranças que tinha em relação a ela.

Algum tempo depois, ao sair da escola, avistou Cláudia esperando por ela. A confusão em sua cabeça desapareceu como por encanto, seu coração encheu-se de alegria.

— Cláudia! — ela gritou, eufórica.

— Mamãe ainda vai ao cabeleireiro na sexta-feira? — Cláudia perguntou, abraçando-a.

Noemy assentiu com a cabeça.

— E eu devo esperá-la no Blue Café, tomando chocolate quente com biscoitos. Ela deverá chegar lá mais ou menos daqui a uma hora — ela informou.

— Muito bem! — Cláudia sorriu. — Vou tomar um chocolate quente com você.

Assim, durante vários meses, Noemy esperava ansiosamente pelas sextas-feiras, quando podia passar alguns momentos divertidos na companhia da irmã.

Certa ocasião tentou defender Cláudia, mas o longo sermão que foi obrigada a escutar por essa ousadia a fez compreender o péssimo conceito que seus pais tinham da filha que um dia se rebelara contra a autoridade deles. Então teve a certeza de que fariam de tudo para que ela não seguisse o mesmo caminho.

Após seis meses, Cláudia compareceu ao encontro costumeiro com um brilho diferente nos olhos. Sorriu de forma marota antes de perguntar:

— Você sabe se mamãe e papai estarão em casa hoje à noite, no caso de eu querer dar um pulinho até lá?

— Você vai voltar? — Noemy arregalou os grandes olhos azuis.

— Não exatamente. Eu vou me casar, e uma vez que...

— Você vai se casar?! — Noemy gritou, excitada.

— Fale baixo... Você quer que todo mundo fique sabendo? — Cláudia riu, vendo que algumas pessoas já haviam se voltado na direção da mesa em que elas estavam.

— Mas... então?... — Noemy achava que já tinha a resposta. — Você está querendo a permissão deles?

— Não, eu não preciso disso. Farei dezoito anos dentro de duas semanas.

Cláudia contou-lhe sobre seus futuros sogro. Embora não fossem tão repressivos em suas atitudes, os pais de seu noivo, Gerald Overton, faziam questão de que o casamento fosse realizado da maneira tradicional, com as duas famílias cuidando dos preparativos. E o casal Overton os havia ajudado a comprar uma casa em Penny Dale, que ficava bem próximo dali.

— Eu nem queria comunicar o casamento a mamãe e papai — Cláudia confessou. — mas, já que os pais de Gerry não abrem mão dessa exigência, nós dois vamos juntos dar a notícia a eles. Sabe, Gerry é filho único.

Cinco meses depois do casamento de Cláudia e Gerry, nasceu a pequena Emily. Noemy e os pais de Gerry ficaram encantados com a menina.

O casal Haynes, contudo, recebeu a notícia do nascimento da neta com a maior indiferença. Tanto o sr. Haynes como a esposa ficaram ainda mais decepcionados ao perceberem que Cláudia, contrariando a educação severa que recebera, criava a filha com a maior liberdade possível. Quando a menina estava com dois anos, nasceu sua irmãzinha, Aline. Todos pareciam muito felizes, exceto os avós maternos.

— Espero que essa criança receba melhor educação que a terrível Emily — a sra. Haynes limitou-se a comentar, demonstrando que não sentia orgulho em ser avó de uma menina que considerava uma pequena delinqüente. E de jeito nenhum amolecia o coração diante daquela figurinha loira de cabelos cacheados, cheia de graça e saúde.

Dois anos mais tarde, chegou a pequena Florence, seguida por Prudence, dois anos depois.

— Mamãe ainda está inflexível? — Cláudia perguntara a Noemy, então com dezenove anos, que fora de ônibus até Penny Dale para tomar conta das quatro sobrinhas enquanto Cláudia e o marido sairiam para jantar e ir ao cinema, coisa que raramente podiam se permitir.

— Você conhece mamãe — Noemy replicou, com paciência.

A irmã examinou-a demoradamente.

— Por que não sai de casa? — indagou, sem rodeios.

— Minha situação em casa não é tão má assim.

— Duvido. Céus, Noemy, pense bem: na sua idade eu já estava longe de casa havia dois anos!

— Mas...

— Mas nada — Cláudia a interrompeu e continuou a pressioná-la: — Você tem uma pele alva e linda, possui belos cabelos loiros, longos e ondulados, com esses adoráveis cachinhos nas extremidades. Isso sem mencionar esses enormes olhos azuis. Você é uma mulher estonteante, Noemy. Não pode passar as noites de sábado dando uma de *baby-sitter*. Está na hora de começar a dar suas saidinhas. Se depender de mamãe e papai, vai ficar em casa, costurando e tricotando.

— O que há de errado em costurar e tricotar? — Gerry as interrompeu, entrando na sala.

— Cláudia está querendo que eu vá embora de casa — Noemy esclareceu ao cunhado alto, magro e barbudo, por quem nutria uma afeição muito grande.

— Você sabe que será sempre bem-vinda aqui — ele afirmou, sério.

— Obrigada, Gerry. — Noemy sorriu, mas sabia que não teria coragem para dar aquele passo. Pelo menos, não ainda.

— Você é sossegada demais — Cláudia observou.

E a vida de Noemy continuou a mesma por mais três anos, embora às vezes a idéia e o desejo de morar sozinha, num lugar só seu, a assaltassem.

Até que, dois anos antes, ela começou a sair com Robert Naylor, um rapaz calmo, simpático, bondoso e cavalheiro. Ele nunca se revoltava com nada. Noemy soube desde o primeiro encontro que o relacionamento dos dois jamais passaria de uma boa amizade. Mas, uma vez que ele raramente lhe pedia um beijo, contentando-se apenas em segurar-lhe a mão, quando saíam juntos, transformara-se num namorado muito conveniente.

Enquanto tomava o desjejum, Noemy relembrava os fatos que haviam mudado o rumo de sua vida. Logo depois que ela iniciara o namoro com Robert, seu pai recebera uma promoção e a família teria de se mudar para Solihull, perto de Birmingham.

Assim, fora uma sorte seus pais haverem simpatizado com Robert. Julgando que os jovens estivessem apaixonados, o sr. e a sra. Haynes concordaram que Noemy permanecesse em Reefingham, desde que achassem um apartamento para ela num lugar seguro. Afinal, o rapaz era o genro com que sempre haviam sonhado, mas ainda não estava em

condições de se casar.

Noemy ficara muito feliz com o desencadear dos acontecimentos; sem precisar discutir nem provocar nenhum escândalo na família, conquistara a sonhada liberdade. Por outro lado, sentia-se culpada por estar usando Robert. No caminho para a garagem, concluiu que aquele era o único motivo que a mantinha ao lado dele, mesmo passados dois anos.

Quando estacionou o carro em frente ao prédio da prefeitura e subiu para o gabinete do inspetor Probert, seus pensamentos tomaram outra direção. Um sorriso se estampou nos lábios carnudos ao lembrar-se de Cláudia, que esperava o quinto bebê para dali a quinze dias. A casa dos Overton ficaria um pouco pequena com a chegada daquele pequeno ser, mas transbordava de amor e alegria.

— Como pode estar tão alegre e animada numa manhã de segunda-feira? — recebeu o cumprimento de seu simpático chefe.

— Bom dia, sr. Probert — ela o saudou, ainda sorrindo. — É o sol e esse céu azul...

Depois de conversarem sobre as costumeiras amenidades, ambos se puseram a trabalhar. Por volta das dez horas, o telefone tocou.

— Departamento de superintendência — Noemy atendeu.

— Noemy? Sou eu, Gerry!

— Está tudo bem? — ela indagou, desconfiada. O cunhado parecia um tanto exaltado e, além disso, sempre que precisavam dela, era Cláudia quem lhe telefonava.

— Não poderia estar melhor! — Gerry comunicou, entusiasmado. — Eu sou pai de um belo garoto!

— Um garoto! Mas Cláudia...

A seguir o cunhado relatou como tudo acontecera. No meio da madrugada ele tivera de chamar a mãe para ficar com Emily, Aline, Florence e Prudence e em seguida levara Cláudia para o Hospital Geral de Reefingham. Uma hora e meia mais tarde, ela o presenteara com um lindo menino.

— Cláudia está bem? E o bebê? — Noemy indagou, ansiosa, sentindo lágrimas nos olhos.

— Ambos estão ótimos — Gerry lhe assegurou. — Você precisa vê-lo — ele continuou, animado. — Rosadinho, ruivinho e... igualzinho ao pai, lindo!

— Seu presunçoso! — Noemy riu, enxugando os olhos. — Quando poderei ver Cláudia?

— Ela deixa o hospital amanhã, mas tenho certeza de que adoraria a

sua visita hoje à noite mesmo — Gerry informou.

— Bem, então está ótimo. Irei assim que puder.

O cunhado desligou, e Noemy permaneceu com a mão sobre o telefone, com uma expressão sonhadora no olhar.

— Pelo que entendi, você é titia novamente. — O sr. Probert interrompeu seus devaneios.

— Não é sensacional? — ela disse, radiante.

De repente, lembrou-se da mãe. Teria de ligar para ela contando a novidade, mas entristeceu-se ao lembrar que Dorothy Haynes encararia a notícia como das outras vezes: para ela, Cláudia estaria trazendo ao mundo mais um monstrinho mal-educado. Decidiu então que só telefonaria na hora do almoço.

Quando ligou para a cidade de Solihull, de um telefone público, a acolhida da mãe foi mais fria do que esperava.

— Espero que ela pare por aí! — foi a primeira reação dela.

— Cláudia e Gerry gostam de família grande — Noemy retrucou, com raiva. — Eu irei visitar Cláudia hoje à noite... quer que lhe dê algum recado?

— Eu escreverei para ela assim que tiver tempo — Dorothy volveu, inflexível.

Noemy se despediu, sentindo-se bastante magoada com a mãe. Achou que seus pais nunca haviam amado de verdade nem a ela nem à irmã.

Durante a tarde, ela se achava concentrada no trabalho quando recebeu outro telefonema. Dessa vez era Robert.

— Eu sinto muito, mas tenho de cancelar nosso encontro de amanhã à noite — ele informou, meio hesitante.

Noemy teve vontade de perguntar se ele tinha outra, mas deteve-se a tempo.

— Ah! — ela murmurou, espantada com a própria reação. — Você vai viajar?

Robert trabalhava como chefe de estoque em uma companhia que vendia papel de parede e freqüentemente precisava visitar alguma cidade das ilhas britânicas.

— Tenho de ir a Gales a serviço — ele comunicou, fazendo-se de importante. — Não deverei estar de volta antes de sexta-feira.

— Vejo você quando retornar, então — Noemy concluiu com indiferença. Estava mais ansiosa em conhecer o sobrinho do que em ver o "gentil e educado" Robert. — A propósito, sabia que Cláudia teve um menino? Não é maravilhoso?

Após desligar, Noemy permaneceu olhando para o nada durante algum tempo. Na verdade, confessou a si mesma, estava farta de Robert. Será que ele ficaria muito magoado se ela terminasse tudo? O relacionamento entre eles mais parecia o de dois irmãos; ela não conseguia enxergá-lo como um amante. Mesmo assim, não queria vê-lo sofrer.

Às seis da tarde, de volta ao apartamento, Noemy tomou uma ducha, pôs um vestido leve de algodão e fez um lanche rápido. Penny Dale ficava a apenas oito quilômetros da Reefingham, e havia tempo de sobra para ver Cláudia. Então sentou-se para ler uma revista.

Subitamente o telefone tocou, anunciando seu cunhado.

— Daria para você vir me pegar? — ele pediu. — Meu carro não quer pegar justo agora. Pensei em pedir a papai para me levar até o hospital, mas ele foi a uma reunião e o horário de visitas termina às oito.

— Já estou indo — Noemy o tranqüilizou. Sabia que Gerry desejava aproveitar todo o tempo possível ao lado da esposa e do filho.

Ao chegar à velha casa da irmã, em Penny Dale, Noemy encontrou a família reunida no jardim. Emily, Aline, Florence e Prudence ficariam novamente sob os cuidados da avó paterna.

A sra. Overton cumprimentou Noemy com entusiasmo, e as meninas correram ao encontro da tia, mas Gerry interrompeu os abraços e beijos calorosos e, visivelmente apressado, tirou as chaves da mão da cunhada.

— Vocês podem conversar com Noemy quando voltarmos — ele disse por sobre os ombros, empurrando Noemy para o carro. Sentou-se à direção e deu a partida.

— Francamente! — a sra. Overton gritou ao ver o filho arrancar cantando os pneus. — Nem parece que é pai de cinco filhos, moleque!

Mais tarde Gerry contou a indignação de sua mãe para Cláudia, que caiu na gargalhada.

— Moleque! — Cláudia brincou. — Você deixou de ser um "moleque" desde que tinha vinte anos e levou a maior bronca de seu pai por ter me engravidado.

— É, meu pai ficou uma fera — lembrou Gerry. — Falando nele, papai foi a uma reunião e pegará mamãe por volta das dez horas.

— E por falar em mãe, você ligou para a nossa, Noemy? — Cláudia quis saber, encarando a irmã.

— Liguei, e...

— E?... — Cláudia insistiu.

— E ela está muito contente com a novidade. Vai escrever e mandou beijos...

— Você é a maior mentirosa que já conheci.

— Já decidiram que nome dar ao garoto? — Noemy mudou de assunto bruscamente.

Cláudia olhou para Gerry com ternura.

— Eu gosto do nome Luke — ela falou.

— O que me faz lembrar que, se as damas me permitem, está na hora de dar uma olhada em Sua Excelência Luke Overton, meu filho — Gerry anunciou, orgulhoso. Depositou um beijo doce no rosto da esposa e saiu.

Noemy também queria ver o pequeno Luke, mas achou melhor ficar com a irmã, que devia estar magoada com o pouco-caso da mãe.

— É verdade que você já vai ter alta amanhã? — ela perguntou, animada.

— É, sim, e o melhor de tudo foi que deram quinze dias de folga para Gerry. Como pode ver, poderemos arranjar melhor as coisas lá em casa.

— Pode me dizer como? — Noemy brincou. A casa deles sempre era uma enorme bagunça, mesmo sem o novo bebê.

— Oh, cale a boca — Cláudia fingiu se ofender, e as duas riram.

Pouco depois, quando Gerry voltou, Noemy se despediu da irmã e saiu para que o casal tivesse alguns momentos de intimidade. Ao se aproximar do carro, lembrou que as chaves estavam com Gerry.

A noite estava agradável, e a espera não foi incômoda. Além disso, não demorou muito para o cunhado alcançá-la.

— Vamos comemorar! — ele sugeriu assim que abriu a porta para Noemy entrar. Depois acomodou-se à direção.

— Sua mãe está esperando por você — observou ela, embora ciente de que Gerry se achava num momento especial de euforia.

— Não seja desmancha-prazeres — o cunhado protestou.

— Então será por minha conta — Noemy concordou, reconhecendo que estava sendo chata.

Assim que ambos saíram do bar em que brindaram pelo recém-nascido, perceberam que o tempo mudara. Agora o ar estava abafado, fazia um calor opressivo.

— Parece que teremos uma tempestade pela frente — Noemy observou enquanto Gerry acendia os faróis antes de manobrar o automóvel para saírem do estacionamento.

Ela sorriu ao perceber que o cunhado ainda continuava nas nuvens. Assim que o sinal ficou vermelho no cruzamento próximo, avistou um homem alto e forte descer da calçada. Seus olhos fixaram-se no desconhecido e, sem que ela percebesse, registraram em sua mente os

traços fisionômicos aristocráticos. Gerry, por sua vez, perdido em devaneios, não viu nada a sua frente.

— Pare! O freio! — Noemy gritou, histérica, ao perceber que o cunhado não ia parar.

Mas foi tarde demais!

O carro deu uma guinada quando Gerry freou bruscamente e virou a direção, tentando desviar o pedestre inesperado. Noemy agarrou-se no assento enquanto via o homem cair no chão. O carro deslizou para a direita, depois para a esquerda, bateu num hidrante e parou de atravessado do outro lado do cruzamento. Depressa Noemy desatou o cinto de segurança e já ia abrindo a porta para socorrer o acidentado quando Gerry subitamente acelerou, deixando-a atônita.

— Pare! — ela gritou, sendo atirada para trás no banco. Chegou a pensar que Gerry não vira o homem cair. — Nós atropelamos alguém!

Boquiaberta, ela viu o cunhado relancear o olhar pelo espelho retrovisor e acelerar mais ainda.

— Não se preocupe — replicou Gerry. — Já chegaram várias pessoas para socorrê-lo.

— Mas nós temos de parar! — Noemy frisou num tom enérgico. — E se o matamos, ou o ferimos gravemente?

— Ora, Noemy, eu só o relei... não seja tão dramática — ele retrucou, embora estivesse bastante agitado também. Parecia querer se convencer do que dizia.

Ambos já se achavam bem afastados dó local do acidente, e Noemy ainda insistia.

— Temos de chamar a polícia, Gerry.

— Nem se atreva — ele berrou, nervoso.

— Mas nós...

— Dane-se, Noemy, já paguei várias multas por excesso de velocidade... Com certeza perderei minha licença se for julgado por mais esta!

— Mas você não pode fingir que... nada aconteceu — ela protestou. — Isso...

— Posso, sim, e fica a cargo da minha consciência esquecer que raspei em alguém que provavelmente só ficou um pouco tonto e logo se levantou para continuar seu caminho. Ainda mais sabendo que, se me entregar à polícia, minha esposa, sua irmã, pode dizer adeus à segurança que tenho lhe dado.

— Não vejo em que isso pode afetar a segurança de Cláudia — Noemy

retrucou com rispidez.

Gerry explicou que não poderia perder sua carteira de motorista, uma vez que precisava do carro para trabalhar. Como fiscal de uma construtora de edifícios, como faria para visitar as obras caso fosse proibido de dirigir? Com certeza perderia também o emprego.

— Não posso fazer isso com Cláudia — ele insistiu, ainda abalado, já estacionando o carro na frente de sua casa.

— Eu sei, mas mesmo assim...

— Não vê como está sendo tola? Tenho certeza de que aquele homem está bem. Você teria coragem de arruinar a felicidade de sua irmã só por não suportar um ligeiro peso na consciência? Viu como ela estava feliz esta noite? — ele tentou impressioná-la. — Gostaria de ver Cláudia na rua da amargura, com cinco filhos pequenos?

A situação colocada daquela forma fez Noemy estremecer.

— Vai contar para sua mãe o que aconteceu?

— Não vou dizer nada a ninguém — ele respondeu.

De volta ao seu apartamento, Noemy foi para a cama sem conseguir tirar da cabeça as cenas traumatizantes do acidente. Depois de muito custo pegou no sono, mas em seguida foi atormentada por um pesadelo terrível: ela guiava um carro, batia num semáforo e atropelava Cláudia.

Acordou com o próprio grito, banhada de suor. Resolveu então levantar-se e preparar um pouco de chá de erva-cidreira para acalmar os nervos. Sem vontade de voltar para a cama, sentou-se à mesa e tomou o chá devagar, segurando a xícara com as duas mãos.

Retornou ao quarto uma hora depois e, assim que se deitou, fechando os olhos, estranhamente não foi o rosto da irmã que surgiu em sua mente e sim o do homem alto que ela e o cunhado haviam atropelado. Nunca o vira antes daquela noite, mas as feições de traços fortes e aristocráticos gravaram-se de tal forma em sua memória que teve certeza de que jamais as esqueceria.

Quando acordou de outro sono agitado, às seis horas da manhã, percebeu que não podia mais ficar deitada e foi para o chuveiro.

Enquanto se vestia, suspirou, sentindo-se infeliz. Desejou de todo o coração que o homem realmente tivesse se levantado e saído andando, conforme Gerry dissera.

Ainda era muito cedo e, antes de sair para o trabalho, resolveu ligar o rádio para ouvir o noticiário local. Ao final de uma música suave, entrou a voz do locutor, que anunciou:

— "E agora as notícias da cidade". — Noemy sentiu o coração

apertado. — "A polícia ainda está procurando o motorista que fugiu após ter atropelado um homem na avenida Reefingham, por volta das nove horas da noite de ontem". — Ela sentiu a garganta seca e deixou-se cair na poltrona. — As testemunhas descreveram o carro como sendo um Fusca marrom." — Afundou as unhas nos braços da poltrona em que estava sentada. O Fusca dela era verdemusgo. Então o radialista chegou à parte mais importante: — "O homem acidentado se encontra no Hospital Geral de Reefingham, onde há pouco informaram que o estado dele é bom". — Ela deu graças aos céus. Gerry não o matara. Mas o sangue pareceu congelar em suas veias quando o locutor acrescentou: — "Infelizmente, quando a vítima recobrou a consciência descobriram que ele perdeu a memória".

Perdeu a memória!

— Não! — Noemy gemeu alto, olhando horrorizada para o rádio. — Meu Deus, pobre homem!

## CAPÍTULO II

Atordoada, Noemy continuava sentada na poltrona. Sabia que sua consciência não lhe permitia que permanecesse calada. Tinha de entrar em contato com a polícia o quanto antes.

O toque do telefone sobressaltou-a.

— Acabei de ouvir o noticiário local — a voz de Gerry anunciou sem rodeios assim que ela atendeu.

— Eu também escutei — Noemy replicou secamente.

— Então você já sabe...

— Sim, eu sei — ela confirmou. E, achando que sabia por que Gerry ligara, continuou: — Vou passar na polícia antes de ir para o trabalho. Você prefere me encontrar lá?

— Está louca?! — ele exclamou, afobado. — Por favor, Noemy, já discutimos isso ontem à noite! Você concordou em não fazer nada que coloque em risco a felicidade de Claudia.

— Eu sei — Noemy admitiu, sentindo-se miserável. — Mas isso foi antes das notícias. O pobre homem está hospitalizado e sem memória... É um crime a gente não...

— Crime muito maior será deixar Cláudia e as crianças sofrerem porque você não consegue calar sua consciência! — Gerry declarou, sensivelmente alarmado. — Por acaso sua consciência ficaria mais leve se

toda a minha família estivesse infeliz?

— Não — ela respondeu, sentindo-se ainda pior, e por mais cinco minutos escutou Gerry repetir o mesmo sermão da noite anterior.

Após o cunhado desligar, depois de demovê-la da idéia de procurar a polícia, Noemy continuou com o mesmo sentimento de culpa.

Quando desceu para a garagem, já conseguia enxergar a situação sob o ponto de vista de Gerry. Mesmo assim, sabia que cada vez que passasse por um policial tremeria de medo.

O pouco de tranqüilidade que conseguiu resgatar durou só até quando, após tirar o carro da garagem, desceu para fechá-la. Então, horrorizada, percebeu o pequeno amassado no pára-lama frontal direito, onde a pintura também fora lascada. À luz do dia, com certeza perceberiam que a marca de tinta deixada no hidrante era de cor verde-musgo e não marrom. Assustada, Noemy guardou o Fusca e foi a pé para a prefeitura.

Assim que chegou ao escritório, recebeu um outro telefonema de Gerry.

— Pode ficar descansado, não vou passar na polícia — tranqüilizando o cunhado. Precisava convencê-lo de que podia confiar nela, para que não ficasse ligando a todo instante.

— Não é por isso que estou telefonando — ele garantiu. — Acabei de ligar para o hospital para saber a que horas Cláudia receberia alta, mas disseram que ela não poderá sair hoje.

Noemy sentiu-se gelar.

— Por que não? O que há de errado com ela? — indagou, nervosa.

— Nada de alarmante — Gerry lhe assegurou. — A temperatura subiu um pouquinho e é preciso esperar até que volte ao normal. Mas o motivo de ligação é que, como você sabe, mamãe ficou com as crianças ontem o dia inteiro e hoje está muito cansada. Por isso gostaria de pedir-lhe que tomasse conta delas hoje à noite, enquanto vou visitar Cláudia.

— Mas é claro! — Noemy logo concordou, mas em seguida lembrou-se, subitamente alarmada: — Você tem como ir ao hospital?

— Sim, meu carro já está pronto. Era só um probleminha com a bomba de gasolina — Gerry contou. — Então, espero-a à noite. Até lá e obrigado. — E desligou.

Noemy deixou escapar um breve suspiro antes de voltar para o trabalho.

— Está tudo bem? — o sr. Probert indagou.

Ela desejou contar toda a verdade ao bondoso homem, mas sabia o que ele diria: o mesmo que sua consciência. Não tinha a menor dúvida de

que o inspetor a aconselharia a procurar a polícia.

— Minha irmã deveria receber alta hoje, mas sua temperatura subiu e irão retê-la por mais um dia — Noemy contou.

— Ah, isso não é nada — o sr. Probert comentou, gentil. — Além do mais, ela está em boas mãos. O Reefingham é o melhor hospital da redondeza.

Noemy assentiu com um gesto de cabeça e, nas duas horas seguintes, não parou de pensar no acidente e nas possíveis conseqüências que poderiam abatê-la e a família da irmã.

Estava tão tensa que, quando a porta do gabinete se abriu e o *boy* entrou, trazendo uma encomenda, por um segundo ela imaginou à sua frente um policial uniformizado.

— Um banco da avenida foi assaltado há pouco — o rapaz contou. — O trânsito está todo congestionado.

A notícia trouxe-lhe um certo alívio, fazendo-a pensar que, com certeza, o assalto manteria a polícia local ocupada demais para lembrar-se do atropelamento da noite anterior. Mas que ilusão! Reefingham era uma cidade pequena, onde tudo era comentado e esmiuçado nos mínimos detalhes. Jamais um fato daquele porte passaria esquecido.

Após algum tempo, seus pensamentos voltaram-se para o pobre homem que agora se encontrava numa cama de hospital por causa de uma distração de seu cunhado. Coitado! Devia ser angustiante perder a memória. Se ele não sabia quem era, talvez a polícia também não houvesse descoberto, e o hospital muito menos. Aquilo significava que ninguém avisara a família dele.

Noemy saiu para almoçar, mas não conseguiu comer nada, pensando obsessivamente no acidentado. Sua esposa não deveria saber onde ele se encontrava naquele momento, ninguém o visitaria no hospital... Que situação desesperadora!

Retornando ao gabinete, sentou-se na cadeira giratória, colocou os cotovelos sobre a mesa e apoiou a cabeça nas mãos. Sentia-se esgotada.

Perdida em devaneios, não percebeu a aproximação do sr. Probert, que, estranhando os vários erros que ela cometera pela manhã, resolvera chamar-lhe a atenção.

— Isto... — o chefe começou, mostrando a folha datilografada por ela. Então parou e fitou-a demoradamente. Mas, mudando de idéia, sugeriu com gentileza: — Por que não vai visitar sua irmã, para se certificar de que ela está bem? Dou-lhe uma hora para isso.

Noemy evitou o olhar do sr. Probert, para que ele não percebesse sua

ansiedade.

— Obrigada, mas eu estou bem — murmurou, esforçando-se para demonstrar calma.

— Por favor, srta. Haynes, isto é uma ordem. — Ele sorriu e entregou-lhe alguns papéis datilografados. — Seu trabalho está sofrendo as conseqüências de sua preocupação.

— Oh, sinto muito — Noemy se desculpou de imediato e aceitou a sugestão, levantando-se e pegando a bolsa. Voltou-se para o sr. Probert e prometeu: — Voltarei e trabalharei até mais tarde hoje à noite.

No caminho de casa, para onde tivera de ir para buscar o carro, lembrou-se de que prometera a Gerry ficar com as sobrinhas naquela noite. Na volta explicaria tudo para seu chefe e jurou a si mesma que trabalharia o resto da tarde com muito afinco e com toda a atenção de que era capaz.

Antes de entrar no hospital, parou numa banca de flores e comprou um buquê de cravos vermelhos, a flor preferida de Cláudia.

Passou pela porta principal e atravessou o saguão. Conhecia muito bem aquele hospital, pois lá mesmo já visitara amigos e parentes várias vezes; até mesmo Gerry, certa vez, quando sofrera um acidente de moto.

Contudo, em vez de ir até o quinto andar, onde funcionava a maternidade, sem refletir desceu do elevador no primeiro, onde sabia que ficava a ala dos acidentados.

No meio do corredor, deteve-se bruscamente. Não! Não cederia àquela tentação. Desejava muito saber sobre o estado do desconhecido, mas não podia ir até o quarto dele. Teve a idéia de procurar a sala das enfermeiras; ali poderia perguntar sobre ele sem levantar suspeitas, dizendo que ouvira o caso pelo rádio.

Era horário de visitas, e Noemy passou rapidamente por diversos quartos onde os pacientes se encontravam cercados por familiares e amigos. Um forte sentimento de culpa a fez temer que a qualquer momento pudesse avistar um homem deitado e sozinho.

Entrou numa enfermaria, na qual não encontrou ninguém, e em seguida abriu uma porta dupla de vidro certa de que entrava na ala dos funcionários. No mesmo instante, porém, percebeu que cometera um terrível engano!

Esforçou-se para não entrar em pânico. O ambulatório que invadira tinha apenas um ocupante: o homem cujas feições de traços fortes haviam se gravado indelevelmente em sua mente. Mesmo de onde estava podia ver que ele aparentava ter uns trinta e cinco anos e possuía cabelos castanhos

emoldurando as feições aristocráticas. Dois grandes olhos negros examinaram Noemy devagar, deixando-a mais nervosa ainda.

— Entre — ele a convidou.

A voz, que soou grave e agradável, por um momento fez Noemy ter vontade de dar meia-volta e sair correndo. Então ela percebeu que, embora o estranho estivesse sem nenhuma atadura, parecia muito abatido e pálido. Sua consciência acusou-a de forma implacável, fazendo-a entrar e aproximar-se da cama dele.

— Como está se sentindo? — perguntou.

— Já tive dias bem melhores — ele replicou com a voz arrastada.

— Teve alguma fratura? — ela quis saber.

Ele balançou a cabeça de um lado para outro, numa resposta negativa, fazendo-a sentir um enorme alívio.

— Puxe uma cadeira — ele disse, gentil.

Noemy não tencionava sentar-se, assim como não queria nem ter entrado naquele quarto. Mas, vendo que o homem à sua frente encontrava dificuldade em manter a cabeça voltada para cima, para olhá-la, resolveu aceitar o convite.

Rapidamente ela pegou uma cadeira e carregou-a até o lado da cama. Quando se deu conta do que fazia, não soube explicar a si mesma o motivo de estar ali.

— Pensei em vir aqui para ver se você precisava de alguma coisa — mentiu ela.

— Você é algum tipo de voluntária?

— Oh, não, trabalho como secretária — ela confessou antes de perceber que poderia estar se traindo. Precisava tomar muito cuidado com cada palavra que pronunciasse. — Sabe... eu estava passando por lá, quando vi a ambulância chegar e levar você.

Noemy sentiu as faces quentes e rezou para que não tivesse corado; então notou um sinal de desconfiança nos olhos escuros. Mas ele continuava calmo, quando perguntou:

— Você testemunhou o acidente?

— Não! — Noemy exclamou com veemência. — Cheguei quando a ambulância levava você, e hoje...

— Pelo que ouvi — o desconhecido observou —, aquela ambulância quebrou todos os recordes, trazendo-me para cá na maior velocidade.

— O motorista da ambulância não perdeu tempo, realmente. — Ela sorriu. — Ele partiu antes que as portas estivessem totalmente fechadas — ela completou para dar um toque de autenticidade ao seu relato. Então

recomeçou: — Eu estava passando pelo hospital hoje e...

— Você não trabalha às terças-feiras? — ele a interrompeu, seco.

Mais uma vez Noemy acautelou-se com o que dizia. Embora aquele homem estivesse debilitado fisicamente, sua cabeça parecia trabalhar com uma rapidez invejável.

— Meu chefe deixou-me sair por uma hora... para ir ao dentista — ela tornou a mentir. — Passando pelo hospital, lembrei-me do acidente de ontem e achei que... isto é, pensei se sua... família saberia que... — Noemy ficou confusa, imaginando que, se ele perdera a memória, devia ser doloroso ouvir falar na família.

Para seu alívio, ela não precisou continuar gaguejando.

O homem sorriu de um modo muito charmoso e pousou os cravos vermelhos que ela apertava entre as mãos tensas.

— Você os trouxe para mim? — perguntou ele.

— Sim, achei que iria gostar. — Ela também sorriu e completou com sinceridade: — Qualquer coisa que precisar... — Interrompeu-se, julgando ter entendido mal a palavra que ele murmurara entre os dentes, e perguntou: — O que disse?

— Mentirosa — ele repetiu. — E devo observar que não é uma boa mentirosa!

— Eu... bem... — Ela hesitou por alguns instantes diante dos olhos negros acusadores. Chegou à conclusão de que era impossível ele saber a extensão de sua mentira e que provavelmente estava se referindo aos cravos. — Sei que alguns homens não apreciam flores, mas...

— Uma vez que devo a você estar confinado nesta droga de lugar e pelo visto por vários dias, trazer flores é o mínimo que se pode esperar...

— Deve a mim?! — Noemy exclamou espantada, sentindo o coração bater acelerado e a garganta seca. Desesperada, ainda tentou blefar: — Não sei do que está falando. De onde está tirando essa idéia maluca de que tenho algo a ver com o fato de você estar... ha... — diante do olhar penetrante que parecia paralisá-la, ela começou a perder o pouco do autocontrole que lhe restava — ...hospitalizado?

— Eu lhe direi — ele disparou, irritado. — Para começar, você estava dirigindo na avenida principal ontem à noite! Depois...

— Mas que absurdo! — Noemy interveio, em pânico.

— E parece que estava bastante distraída — ele continuou, ignorando-a.

— Eu sempre dirijo com muita atenção — ela rebateu secamente, e já ia levantando o tom de voz quando se deu conta de que deveria esclarecer

que não estava dirigindo o carro.

— Ah, sim, tanto que nem percebeu o sinal vermelho, atropelou-me e ainda fugiu, agindo como uma criminosa... Não é mesmo? — O homem estava furioso.

Antes de abrir a boca para protestar, Noemy entendeu, aliviada, que ele não se lembrava de quem dirigia o carro que o atropelara. Portanto, Gerry estava a salvo! Mas ela não podia aceitar calada aquela acusação, caso contrário ele interpretaria seu silêncio como um consentimento. Então rebateu, dando de ombros:

— Você não pode provar nada.

— Apenas fiz uma constatação — ele falou, calmo, enquanto Noemy amassava convulsivamente um dos cravos que segurava.

A porta abriu-se de repente, interrompendo-os.

Noemy sentiu as batidas do coração na garganta assim que reconheceu, pelo uniforme, a enfermeira-chefe. Preferia ter deixado o ambulatório sem que ninguém a tivesse visto.

A mulher rechonchuda franziu a testa, assumindo uma atitude severa. Noemy achou que o homem na cama informaria a enfermeira sobre suas suspeitas, mas, para sua surpresa, quando a funcionária ia começar a esbravejar, ele se limitou a dizer:

— Não seja tão rigorosa, enfermeira. — E deu um outro sorriso incrivelmente charmoso, como o de minutos antes. — Tenho certeza de que não me privaria da presença de minha bela visitante.

Noemy ficou confusa. Não entendia como aquele homem, que acabara de acusá-la com tanta agressividade, conseguia elogiá-la como se realmente a admirasse. A mulher lançou-lhe um olhar curioso, mas logo voltou a assumir sua atitude profissional.

— O senhor precisa descansar — ela repreendeu o paciente. Depois, com voz mais suave, determinou: — Só mais cinco minutos.

— Já que precisa descansar... — Noemy murmurou assim que a enfermeira saiu, pondo-se de pé.

Mas, antes que conseguisse dar um passo, ele a agarrou pelo pulso direito, forçando-a a sentar-se novamente.

Ela não entendia como alguém aparentemente tão abatido conseguia ter tanta força numa mão só.

— Sua visita ainda não terminou — ele disse, lacônico.

Então uma idéia súbita iluminou a mente de Noemy e, antes que ela se desse conta, as palavras já lhe escapavam da boca:

— Já sabe quem você é? — Ela desejou que o chão se abrisse sob seus

pés, mesmo assim ousou continuar: — Já recuperou a memória?

— Eu não perdi a memória! — ele esclareceu com firmeza e, enquanto ela arregalava os imensos olhos azuis, prosseguiu: — E agora estou muito interessado em saber quem você é. — Antes que Noemy pudesse pensar em escapar outra vez, segurou-a pelo braço. — Você tem cerca de três minutos para contar quem é, antes que a enfermeira volte.

Ela fitou-o, atordoada.

— Se não me disser — o homem insistiu —, serei forçado a revelar a ela que foi você quem me atropelou e que... apesar dos meus pedidos... não quis confessar.

— Você não tem certeza de que fui eu! — ela o desafiou com veemência. — Não tem nenhuma prova. Só porque eu estive no local do acidente quando a ambulância chegou...

— Eu poderia deixá-la ir — ele argumentou, ríspido. — Mas, do jeito que você mente, qualquer advogado a desmascararia em dois minutos.

Noemy sentiu um calafrio diante da palavra "advogado", mas esperou que o desconhecido continuasse.

— Contudo — ele falou, fechando os olhos —, sinto uma terrível dor de cabeça e acho que a enfermeira estava certa ao recomendar que eu descansasse um pouco. Resumindo: eu não fui trazido para este estabelecimento por uma ambulância, mas sim...

— Você... não veio de ambulância? — Noemy gaguejou e o observou a abrir os olhos, abatido.

— Por sorte, uma das pessoas que me socorreu era médico, que estava justamente a caminho deste hospital — esclareceu o homem. — Ele parou... você não. Eu quero seu nome. — E ameaçou-a com um olhar tão fulminante que Noemy teve vontade de gritar por socorro. — Seu nome — ele repetiu.

— Noemy Haynes — ela confessou, vendo-o fechar os olhos novamente; parecia mais pálido. Sentiu-se culpada por tê-lo fatigado a tal ponto.

A mão em volta de seu braço relaxou, fazendo-a deduzir que ele adormecera. Colocou as flores sobre a cadeira ao lado da cama e caminhou em silêncio até a porta. Já estava com a mão na maçaneta quando o ouviu ordenar, atrás de si:

— Venha me ver amanhã.

Noemy se voltou, sobressaltada.

— Mas... — ela tentou protestar, mas viu que seria perda de tempo.

Assim que deixou o ambulatório, avistou a enfermeira.

Cumprimentou-a gentilmente e sentiu-se aliviada ao verificar que ela entrara no recinto para examinar o paciente.

Já no saguão principal, Noemy conseguiu raciocinar com calma: Lembrou-se, então, de que fora visitar a irmã e resolveu subir até a maternidade. Não desejava mentir para o sr. Probert e sabia que ele lhe faria perguntas sobre Cláudia.

Já estava arrependida por ter dado seu nome correto ao acidentado. Por que não lhe ocorrera a idéia de um nome falso?

Enquanto saía do elevador, rezou com fervor para que ele esquecesse seu nome. Afinal, ele parecia muito cansado e talvez não memorizasse direito a conversa que haviam tido.

Noemy se achava no meio do corredor quando se lembrou da revelação atordoante de que o desconhecido nunca perdera a memória. Recordou então que, em meio a toda aquela confusão de pensamentos e sentimentos de pavor, esquecera-se de perguntar o nome dele. Recriminou-se por mais esse deslize.

Pelo menos um fato estava a seu favor, ela refletiu: o homem não parecia se lembrar do momento do acidente. Pois, se ele realmente a tivesse visto no carro, com certeza teria notado Gerry na direção, a seu lado.

Noemy chegou ao quarto da irmã.

— Noemy! Que surpresa agradável! — Cláudia exclamava, abaixando a revista que folheava. — Não esperava nenhuma visita antes da noite.

— Eu vou cuidar das meninas, hoje à noite. Então o sr. Probert, muito gentilmente, permitiu que eu desse um pulinho até aqui para vê-la. E, então — ela falou, animada —, o que aconteceu com você, menina?

— Ah, eu já estava pronta para ir embora e mostrar para minhas filhas seu novo irmãozinho, quando minha temperatura resolveu disparar.

— Você devia aproveitar esse tempo para descansar bastante — Noemy sugeriu. — Com cinco crianças e um marido, imagine o trabalho que vai ter daqui para a frente.

— Eu sei — Cláudia concordou. Então, com uma expressão séria, declarou: — Mas eu adoro meu lar, minha casa, minha família!

Nesse instante foi a vez de Noemy ficar séria. Sabia que a irmã amava a idéia de um lar seguro, uma casa aconchegante. E não suportaria perder nada daquilo.

— Então teremos de tomar todas as precauções para que você fique boa logo e volte para casa, certo? — ela encorajou a irmã.

— Certo! — Cláudia voltou a ficar radiante.

Enquanto Noemy deixava o hospital, refletia sobre a segurança da irmã. E aquele estranho que Gerry atropelara parecia tão terrível! Em que confusão fora se meter!

Antes de subir a escadaria da prefeitura, resolveu comprar um jornal na banca da esquina para afastar da mente aquele turbilhão de pensamentos que a atormentava. Ficaria com a parte de entretenimentos e entregaria o caderno policial ao sr. Probert.

Assim que pisou no hall de entrada, o cabeçalho da primeira página chamou-lhe a atenção. Ela parou, horrorizada.

—"Industrial recobra a memória" — ela leu em voz alta, sentindo o coração disparar. Rapidamente, correu os olhos pelo artigo que contava que a vítima do atropelamento da noite anterior estava hospedada no Belvedere, um dos dois hotéis de maior prestígio da cidade, e que saíra para dar um volta pelos arredores sem levar nenhum documento. Ainda, segundo o jornal, ele recobrara a memória quando o gerente do Belvedere, após ouvir o noticiário local pelo rádio, informou que um de seus hóspedes desaparecera.

Noemy lembrou-se de que ele havia dito que nunca perdera a memória, mas não deu muita atenção ao fato; estava ansiosa para saber quem era aquele homem. No final da reportagem de página inteira, descobriu o que desejava: o acidentado era o famoso industrial Brian Kendrick, dono de uma das mais prósperas indústrias do país.

O artigo dizia ainda que nunca nenhum homem conseguira passar a perna nele sem receber o troco.

"Oh, céus!", Noemy refletiu, "espero que isso não se refira também às mulheres."

## CAPÍTULO III

Após outra noite maldormida, Noemy levantou-se na manhã seguinte repetindo mentalmente o que lera no jornal sobre Brian Kendrick: trinta e seis anos, industrial, solteiro... Lembrou-se, divertida, de que relera o artigo pelo menos meia dúzia de vezes.

Na noite anterior levara a reportagem para mostrar a Gerry, mas ele já a havia lido.

— Não se preocupe — o cunhando a tranqüilizara. — Logo, logo o caso será esquecido. Bem, agora preciso ir, Cláudia está me esperando. Juízo, hein, meninas?

Não houve tempo para contar-lhe o que sucedera durante a tarde e, quando ele retornara do hospital, estava muito preocupado porque Cláudia talvez precisasse ficar internada por mais um dia; a febre não cedera. Então Noemy decidiu não falar nada sobre a tolice que cometera, para não aborrecê-lo ainda mais.

Mais uma vez ela dirigiu-se à prefeitura a pé, pois ainda não se sentia à vontade para pegar o carro. Na noite anterior, dera uma volta enorme para chegar a Penny Dale. Não quisera passar pela avenida principal, onde acontecera o acidente.

— Bom dia, sr. Probert — ela cumprimentou o chefe, fingindo-se despreocupada. Precisaria trabalhar com muita disposição e atenção, para não cometer tantos erros como na manhã anterior.

Mas, à medida que as horas passavam, sua concentração foi diminuindo e ela voltou a pensar em Brian Kendrick, que esperava a visita dela naquela tarde.

Rezou mais uma vez para que ele esquecesse seu nome, ou melhor, para que nem se lembrasse de que a intimara a retornar ao hospital. Nesse meio tempo, Gerry ligou.

— Cláudia não terá mesmo alta hoje — comunicou ele. — Sei que estou abusando de sua boa vontade, mas será que esta noite poderia vir tomar conta das crianças outra vez?

— Claro, estarei aí por volta das seis e meia — Noemy se prontificou, imaginando que àquela altura estaria livre do industrial.

Retornou do almoço com a palavra "advogado" na mente. A ameaça explícita contida na frase de Brian Kendrick a deixara preocupada. Uma hora mais tarde, sentindo a ansiedade, crescer dentro dela, achou melhor fazer logo aquela visita. Afinal, ele estava com a faca e o queijo na mão.

— Será que eu poderia me ausentar por uma hora? — ela perguntou ao sr. Probert.

— Quer ver sua irmã, não é? — o chefe concluiu, num tom amável.

— Certo, gostaria muito de ir até o hospital — disse ela. Parecia que a mentira estava se tornando uma rotina na vida de Noemy, e aquilo começava a assustá-la.

Ao chegar ao hospital, foi acometida de um súbito temor. E se a polícia estivesse a sua espera? No entanto, assim que encontrou a enfermeira-chefe na ala dos acidentados, percebeu que seu medo era infundado.

— O sr. Kendrick foi transferido para um quarto particular — a enfermeira apressou-se em dizer. — Ele deixou ordens para que só a

senhorita pudesse vê-lo. Sabe onde fica a ala particular?

— Acho que sim, obrigada. — Noemy forçou um sorriso, sentindo-se pouco à vontade com aquele privilégio que lhe fora concedido. Dirigiu-se então para a ala nova do hospital, recentemente construída, acoplada ao prédio antigo.

— Posso ver o sr. Kendrick, por favor? — indagou no balcão de informações.

— Sinto muito, mas ele não está recebendo visitas — a enfermeira de plantão informou.

— Bem... — Noemy murmurou, já dando meia-volta, mas uma súbita preocupação a deteve: — Ele não piorou, não é mesmo? A enfermeira da outra ala me disse que eu poderia visitá-lo.

— Você é a senhorita...

— Haynes — Noemy completou, resignada, recebendo de volta um gentil pedido de desculpas da moça.

— É que o mundo inteiro queria vê-lo hoje — a enfermeira esclareceu enquanto a conduzia por um corredor estreito. — Ele ainda não está em condições de receber a imprensa. Não vai ficar muito tempo, não?

Se dependesse de Noemy, aquela visita seria a mais breve possível. Ela respirou fundo, bateu de leve à porta do quarto e entrou.

— Você está atrasada! — esbravejou Brian, recostado nos travesseiros.

Noemy se aproximou da cama, percebendo que o mau humor dele não passara. Desejou nunca ter ido até lá.

— Como está se sentindo? — ela indagou, educada. Achou melhor agradá-lo o máximo possível, então puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama.

— Como acha que estou me sentindo? — ele respondeu, irritado. — Não é todo dia que sou derrubado por uma jamanta.

No íntimo, o fato de ele exagerar daquele jeito a divertiu.

— Um Fusca, na realidade — Noemy o corrigiu, rindo arrependendo-se logo a seguir. Irritou-a a facilidade com que dera a ele uma informação tão preciosa.

— Fico contente que ache isso divertido! — ele observou de maneira mordaz, fitando-lhe os lábios carnudos.

Imediatamente Noemy ficou séria.

— Não acho esta situação nada engraçada — ela declarou com frieza. — Apenas achei o modo de você dizer... — Ela se deteve. Achou que perderia seu tempo tentando se explicar com aquele sem educação. Então mudou de assunto. — Sua cabeça ainda dói?

Ele parecia mais descansado, mas continuava bastante pálido.

— Você havia bebido? — ele indagou, ignorando a pergunta dela.

— Eu estava comemorando... — Noemy se calou bruscamente, intrigada com o fato de aquele homem que mal conhecia, conseguir sempre que ela lhe respondesse sem antes refletir.

— Então você estava comemorando! — repetiu ele, antes que Noemy pudesse emendar o que dissera. Depois acusou-a, ríspido: — Você estava bêbada!

— Não, eu não estava — ela negou com veemência. — Eu só tomei um...

— O que você estava celebrando? — ele quis saber.

— Não é da sua conta! — ela retrucou. Já falara mais do que devia e não tinha a menor intenção de mencionar sua família.

— Eu poderia fazer isso se tornar da minha conta — Brian ameaçou com a voz mansa.

Noemy sentiu-se entrar em pânico. A palavra "advogado" voltou a sua mente.

— Há... apareceu numa grande reportagem no jornal local de ontem, sr. Kendrick — tornou ela, tentando distraí-lo.

— E você não, suponho — ironizou ele.

De repente, Noemy descobriu que odiava aquele homem.

— Se isso tivesse acontecido, dificilmente eu estaria aqui! — ela retorquiu, áspera.

— Onde você mora? — ele indagou de repente, fazendo-a sobressaltar-se.

— Em Reefingham — respondeu ela, sabendo que não adiantaria ocultar um dado que ele poderia descobrir facilmente.

— Onde? — insistiu ele.

Noemy estava ficando irritada com aquele interrogatório e achou melhor safar-se com evasivas.

— Num apartamento — ela replicou friamente.

— Mora com sua família? — foi a pergunta seguinte, à queima-roupa.

Noemy se viu em perigo outra vez. Não queria mencionar a irmã.

— Meus pais vivem em Solihull — ela revelou a contragosto. Aflita, tentou mudar de assunto: — E você mora em Londres, suponho. Ao menos, segundo o jornal...

— No momento resido aqui, neste hospital! — ele interveio, irritado. — Mas não por muito tempo.

— Não me diga que vão lhe dar alta. — Noemy não conseguiu evitar

uma certa inquietação. Era evidente que ele ainda não estava bem.

— Ninguém pode me manter aqui à força — ele retrucou.

— Não? — Noemy perguntou, observando-lhe o queixo firme. Chegou à conclusão de que estava diante de um homem muito obstinado, daqueles que dificilmente mudavam de idéia.

— Estou cansado de ficar aqui, sinto-me um prisioneiro. Vou sair amanhã.

Noemy espantou-se com aquela informação. Embora não entendesse nada de medicina, era evidente que aquele homem ainda não estava bem o suficiente para receber alta.

— Você não pode! — ela exclamou, fazendo-o erguer a sobrancelha direita, surpreso.

— Quer me examinar? — brincou ele.

— Mas... você não está bem! Necessita de cuidados, de alguém que olhe por você — ela argumentou.

Brian subitamente ficou pensativo, e Noemy se perguntou se ele tinha uma namorada ou uma governanta que cuidasse dele em Londres.

— Você possui alguém que olhe por você em Londres?

Ele meneou a cabeça, e Noemy gostou da expressão divertida no rosto dele.

— Uma vez que é responsável pelo estado em que me encontro, srta. Haynes, deixarei que faça isso por mim.

— O quê? — ela indagou, achando que não entendera direito.

— Deixarei que tome conta de mim — ele esclareceu. — Tenho certeza de...

— Eu não irei a Londres com você! — ela protestou.

— Não é isso que tenho em mente — ele a interrompeu logo em seguida.

— Mas... mas... — ela gaguejou, ignorando o sorriso cínico que se formara nos lábios bem-feitos de Brian.

— Irei para o seu apartamento — ele anunciou, observando divertido a expressão confusa naqueles enormes olhos azuis. — Um mês de convalescença é o mínimo que você me deve.

Noemy ficou muda. Convalescença! Um mês! Passar um mês com aquele homem em seu minúsculo apartamento!

— Isso é impossível! — ela conseguiu dizer, afinal, pensando nas tantas complicações que aquilo lhe traria.

De repente, ele se tornou sério.

— Possui um amante que mora com você? — ele indagou, visivelmente

contrariado.

— Não! — ela volveu sem pensar e notou a raiva dele diminuir.

— Nesse caso, pode vir me buscar amanhã às dez da manhã.

— Mas eu não posso — ela tentou fazê-lo entender. — Meu apartamento só tem um quarto e...

— Acalme-se, srta. Haynes. Eu... — ele se deteve — ...não pretendo dividi-lo com você.

Pela primeira vez na vida Noemy sentiu uma vontade incontrolável de bater em alguém. Pensava numa boa resposta para dar àquele atrevido, mas ele falou primeiro:

— Eu lhe garanto que não agüento passar nem mais esta noite aqui.

— Mas... — ela tentou protestar.

— Amanhã de manhã, às dez horas — ele repetiu secamente, deixando claro que não mudaria de idéia.

Entretanto, Noemy achou que deveria tentar outra vez, mas a enfermeira os interrompeu, entrando no quarto. A mulher sorriu amistosamente para ela e se aproximou de Brian.

— Ficou com dor de cabeça novamente, não é mesmo? — ela indagou.

Noemy entendeu que já ficara tempo demais ali. Então recolocou a cadeira no lugar e saiu sem dizer uma palavra.

Sua cabeça estava fervendo quando retornou ao gabinete e o sr. Probert perguntou por sua irmã. Só então lembrou-se de Cláudia. Respondeu que ela continuava na mesma e, antes que o chefe fizesse mais indagações, sentou-se à máquina de escrever, deixando claro que queria trabalhar.

A carta que estava datilografando não exigia muita concentração, e seus pensamentos se voltaram para Brian. Ele simplesmente decidira que se alojaria na casa dela por um mês. Aquilo era inviável. O que poderia fazer?

Não conseguia imaginar aquele homem em seu pequeno apartamento de apenas um quarto, sala e cozinha conjugados e um banheiro. Suas coisas já mal cabiam lá dentro.

— Não vai para casa hoje? — o sr. Probert perguntou, saindo da sala dele às cinco horas da tarde.

— Só vou terminar mais esta carta — ela replicou, sabendo que não poderia se estender muito por ali se quisesse estar em Penny Dale no horário que combinara com o cunhado. Então sorriu, antes de completar: — Não vou me demorar.

Noemy saiu da prefeitura uma hora e meia mais tarde e, a caminho da

casa da irmã, ainda refletia sobre a idéia de ter Brian como hóspede. Era uma situação absurda; mesmo que sua casa fosse maior, ainda existiam outras implicações. Como faria quando Cláudia ligasse para baterem seus habituais papos de meia hora? Ou quando as crianças também telefonassem? Ele não poderia saber sobre a família dela e vice-versa. E Robert chegaria sexta-feira. Tentava desesperadamente encontrar uma boa razão para não ter de passar no hospital na manhã seguinte.

Enquanto dava banho nas sobrinhas e, depois, quando lhes contava histórias antes que dormissem, Noemy conseguiu esquecer todas as suas preocupações.

Quando Gerry retornou e subiu para dar um beijo de boa-noite nas filhas, Noemy aproveitou para preparar um café. Queria saber da irmã, mas não perguntou na frente das crianças temendo que elas chamassem pela mãe e começassem a chorar.

— Notícias ótimas! — o cunhado exclamou assim que entrou na cozinha. — Cláudia e Luke vêm para casa amanhã!

— Oh, que maravilha! — Noemy exultou, servindo uma xícara de café a Gerry, que continuava a contar os apuros que enfrentara sozinho com as filhas.

— Você se importaria se eu passasse o aspirador agora? — ele indagou. — Gostaria de dar uma geral na casa, para que amanhã Cláudia encontre a menor bagunça possível.

Noemy adorava fazer parte daquela família.

— Essas roupas que estão no cesto são para passar? — quis saber ela.

— Você faria esse favor? — Gerry perguntou.

Noemy ficou na cozinha passando roupa, enquanto o cunhado limpava a sala.

Uma hora depois, quando terminava de passar a última peça, ainda tentava inventar uma desculpa para não ir ao hospital na manhã seguinte. Mas não obteve sucesso. Então, desligou o ferro da tomada e soltou um longo suspiro, sem notar a presença de Gerry.

— Noemy — ele a chamou, desconfiado, notando a palidez do rosto normalmente rosado da cunhada —, você não fez nada contra nós, não é mesmo?

— Não, pode ficar descansado, Gerry. — Ela conseguiu sorrir.

Envolvida em reflexões sombrias, dirigiu o carro para casa.

Enquanto subia a escada do primeiro andar, um pensamento terrível passou-lhe pela cabeça: imaginou-se saindo com seu hóspede indesejado, dando de cara com Gerry, Cláudia e o restante da família. O cunhado não

levaria muito tempo para deduzir quem era aquele estranho a seu lado e teria um ataque do coração.

Não, decididamente não poderia ir ao hospital na manhã seguinte.

Mergulhada naqueles pensamentos angustiantes, Noemy julgou estar enlouquecendo quando, ao tomar o corredor que levava ao seu apartamento, avistou o avantajado corpo de Brian sentando no chão, com as costas apoiadas bem na sua porta. Seria uma miragem?

— Oh, não! — murmurou ela, chocada, tocando-o para se certificar de que era real.

Brian estava dormindo, com uma pequena mala de couro fino a seu lado.

Bem, ela tentou consolar-se, pelo menos não teria de ir ao hospital na manhã seguinte.

## CAPÍTULO IV

Eram onze horas da noite. Desde quando ele estaria lá, adormecido a sua porta? Noemy teve o súbito desejo de se afastar antes que ela a visse, de ir embora, mas logo se conscientizou de que não poderia largá-lo assim, não no estado debilitado em que se encontrava.

— Sr. Kendrick... — ela sussurrou, bem próximo ao ouvido dele. Não desejava que nenhum vizinho a ouvisse e rezava para que ninguém o tivesse visto ali. — Sr. Kendrick! — repetiu num tom mais alto, mas ele não reagiu. Então chamou-o pelo primeiro nome: — Brian!

Subitamente ele acordou, e Noemy se deparou com dois olhos escuros de expressão inteligente.

— O quê? — ele respondeu.

— Você não pode dormir aqui — Noemy falou em voz baixa.

— Eu não voltarei ao hospital — Brian declarou naquele tom de voz decidido que Noemy já conhecia.

— Não foi o que eu quis dizer — ela esclareceu, notando que ele parecia bastante abatido. — Venha — sua voz soou mais terna —, é melhor a gente entrar.

— Isso é uma boa idéia — ele replicou e ergueu-se com dificuldade, recusando qualquer ajuda. Parecia estar sentindo dores pelo corpo inteiro.

Noemy notou o rosto muito pálido e preocupou-se quando o viu recostar-se no batente. Rapidamente procurou pela chave e abriu a porta.

— Por aqui — ela indicou, pegando a maleta do chão e

acompanhando-o para dentro da pequena mas aconchegante sala.

Brian parou, apoiando-se na maçaneta; parecia não estar se agüentando em pé.

— Acho melhor sentar-se — Noemy sugeriu, colocando a valise no chão, e em seguida ajudou-o a acomodar-se no sofá de dois lugares.

Já sentado, Brian murmurou alguma coisa que ela julgou ser um agradecimento, embora não tivesse certeza. Ele devia estar louco de raiva por precisar de ajuda.

Assim que Brian fechou os olhos, Noemy perguntou-se como sairia daquela enrascada. Ele deixara bem claro que não retornaria ao hospital e, pelo visto, carregara com ele todos os pertences que haviam ficado no hotel.

Enquanto o observava, ela foi tomada por um terrível sentimento de culpa. A aparência dele era lastimável; como pudera pensar em deixá-lo desamparado naquele estado?

Brian parecia ter adormecido novamente. Então, rapidamente, Noemy levou a mala dele para o quarto e trocou a roupa da cama. Ao retornar à sala, onde ele continuava sentado com os olhos fechados, chamou-o baixinho:

— Sr. Kendrick.

— O que aconteceu ao "Brian"? — ele indagou, abrindo os olhos. Demonstrou que, embora o corpo estivesse fatigado, seu cérebro continuava mais alerta do que nunca.

— Quando você comeu pela última vez? — ela quis saber.

— Não sinto fome.

— Gostaria de tomar alguma coisa?

Ele fez que não com um gesto de cabeça, e Noemy notou uma expressão de dor no rosto aristocrático.

— Deram-lhe algum medicamento no hospital?

— Na minha mala — Brian disse.

— Está na hora de ir para a cama — ela ordenou suavemente, no que foi obedecida sem protestos.

Ele a acompanhou até o quarto com um andar vacilante e sentou-se na cama, exausto. Pobre homem!, pensou Noemy ao observar que o rosto de traços fortes assumira uma coloração ainda mais pálida.

— Deite-se logo, vai se sentir melhor — ela o aconselhou, ajudando-o a tirar a jaqueta.

— Sua palavra é uma ordem — Brian murmurou e, apático, assistiu-a a desabotoar-lhe a camisa.

Noemy deixou que ele mesmo tirasse a camisa. Enquanto isso abriu a maleta de couro para apanhar os remédios e colocou-os sobre o criado-mudo. Então, remexendo as roupas dele, informou:

— Esqueceram de lhe entregar seu pijama.

— Eu não uso pijama — ele declarou, seco.

Noemy odiou-se por sentir-se corar. Refletiu então que cuidar de um homem doente requeria muito mais do que imaginara.

Evitando olhar para o peito nu e musculoso, ela imaginou que Brian não dormiria confortavelmente com a calça que vestia e que necessitaria de ajuda para tirá-la.

Aproximou-se dele e, esforçando-se para parecer natural, tentou abrir-lhe o cinto com a mão trêmula. Num movimento rápido, Brian segurou-a pelo pulso, afastando-a de si.

— Bem, eu seria... — ele começou. — Bem, deixe que eu mesmo tiro minhas roupas. Não preciso de ajuda para isso.

Noemy percebeu que houve algo de significativo na resposta dele.

— Desculpe, não quis ofendê-lo.

— Não fique com raiva de mim, Noemy. — Ele sorriu. — Isso só pioraria minha dor de cabeça.

— Não estou com raiva — ela tentou soar gentil. — Precisa de alguma coisa?

— Você pode me trazer um copo de água? — ele pediu, o tom de voz fatigado.

Pouco depois, Noemy retornou ao quarto e encontrou a calça de Brian no chão e ele dormindo entre as cobertas. Noemy alisou o rosto pálido, agora mais relaxado, e sentiu compaixão. Permaneceu olhando-o por alguns segundos, indecisa sobre se devia ou não acordá-lo para que ele tomasse o remédio. Vendo que ele dormia tranqüilamente, desistiu da idéia. Era melhor deixá-lo descansar.

Depositou o copo de água sobre o criado-mudo, para o caso de Brian acordar com sede durante a noite. Depois pegou a calça dele, dobrou-a e colocou-a no encosto de uma cadeira. Então, pegou suas próprias roupas e lençóis, apagou a luz e saiu do quarto, deixando a porta entreaberta.

Após remexer-se por duas horas sem conseguir conciliar o sono, Noemy convenceu-se de que aquele sofá não fora feito para se dormir nele. Não encontrava uma posição confortável para que lhe permitisse relaxar.

Além disso, o homem que dormia no quarto dela não lhe saía do pensamento. Ele devia ter gasto toda a energia que lhe restava para chegar até ali e subir a escada até o primeiro andar. Mas por que a escolhera para

tomar conta dele, se sabia que não seria bem-vindo?

Por fim, quando começou a amanhecer, Noemy adormeceu de puro cansaço.

Acordou duas horas mais tarde, com os mesmos pensamentos assaltando-lhe a mente. Ao menor deslize, num telefonema, numa conversa, Brian poderia descobrir que não fora ela quem o atropelara. De alguma forma precisava convencê-lo a sair de sua casa, o mais rápido possível.

Sabia que não dormiria mais, então levantou-se e esticou os braços para cima, espreguiçando-se, ouvindo as juntas estalarem devido ao desconforto do pequeno sofá. Colocou o roupão e, pé ante pé, foi espiar seu "hóspede" pela porta entreaberta.

Ele ainda dormia, e uma nova onda de compaixão invadiu-a. Desejou que aquele acidente nunca tivesse acontecido. Observou candidamente aquela testa alta, o nariz aquilino e o queixo firme, sentindo um impulso de acariciar aquele rosto, como se um gesto de carinho pudesse livrá-lo de qualquer dor.

Um minuto depois, suspirou de alívio por não ter cedido ao impulso. Brian acordou e, ao contrário do que ela esperava, sorriu! Ele examinou o rosto delicado, alvo e levemente rosado nas faces, os longos cabelos loiros emaranhados que caíam pelos ombros, em seguida continuou sorrindo de uma maneira gentil e sincera.

Noemy ficou perturbada diante daquela primeira manifestação leve e espontânea e, sem que se desse conta, sua boca de lábios carnudos e vermelhos curvou-se, abrindo-se num adorável sorriso.

— Bom dia — ela o cumprimentou e, percebendo que sorria feito uma boba, endireitou-se e entrou no quarto. Informou por sobre os ombros: — Eu só vou tomar um banho e me vestir.

Na intimidade do chuveiro, Noemy concluiu que seu comportamento de minutos antes devia-se ao fato de sentir-se pouco à vontade com aquela situação: ela nunca tivera um homem como hóspede em seu apartamento.

Satisfeita com a própria explicação, pôs um vestido leve de algodão e escovou os longos cabelos.

Sem saber por que, Noemy respirou fundo e endireitou os ombros antes de abrir a porta do banheiro. Para sua surpresa, Brian não estava no quarto. Encontrou-o de pé, e vestido, na sala.

— Não devia ter saído da cama! — ela o repreendeu, preocupada.

— Estou farto de ficar na cama — ele disse com firmeza.

Noemy ficou preocupada. Lembrou-se de que, se não fosse visitar

Cláudia e o bebê à noite, certamente a irmã telefonaria. Munindo-se de coragem, resolveu enfrentar o insolente Brian de igual para igual.

— Se está tão bem assim, então já pode ir para casa!

— Eu ficarei aqui! — ele declarou, ríspido.

— Você não pode! — Noemy retrucou.

— Por quê? — Ele fitou-a friamente, esperando por um argumento convincente.

— Porque... — Ela se deteve, confusa. — Porque... — tentou novamente. — Porque preciso ir trabalhar, ora!

— Você já tem um trabalho: cuidar de mim. — Brian declarou, cínico.

Noemy teve vontade de esbofeteá-lo, mas ao vê-lo passar a mão pela testa se controlou, lembrando-se do estado de saúde precário em que ele se encontrava.

Sem dizer mais nada, passou por ele e foi para a cozinha. Pouco depois, ouviu a porta do banheiro se fechar.

Apressou-se em fazer um chá e procurou algo substancioso para o desjejum.

Estava arrumando dois lugares à mesa quando ele retornou, banhado e barbeado.

— Pode se sentar, sr. Kendrick, vou servir-lhe ovos fritos com torradas — Noemy convidou-o, indicando uma cadeira.

Ele parecia bem mais relaxado. Assim que ela se virou para o fogão, murmurou:

— Você não vai ficar me chamando de "sr. Kendrick" durante todo o mês. Brian é bem mais fácil.

O rosto de Noemy se tornou sombrio. Tinha de haver um meio de livrar-se daquela situação.

Quando voltou para a mesa, depositando dois pratos, forçou uma expressão satisfeita. Sentou-se de frente para ele.

— Precisa tomar o remédio antes de comer — lembrou-o assim que o viu pegar o garfo.

— Já tomei — ele resmungou.

— Está com dor de cabeça?

Um olhar de desprezo foi a resposta.

O silêncio reinou sobre a mesa, enquanto Noemy tentava achar uma tática perfeita para convencê-lo a ir embora, sem provocar seu lado obstinado. Olhou para o rosto aristocrático, que adquirira um pouco de cor e, subitamente animada por aquele indício de melhora, pensou em suplicar-lhe que fosse para casa. Observando que Brian comia com apetite

— outro bom sinal —, notou os ferimentos em seu pulso esquerdo. Quando o Fusca o derrubara, instintivamente ele devia ter se protegido com aquela mão. O direito também estava machucado.

— Você machucou muito os pulsos? — Noemy sorriu.

— De acordo com os médicos, ficarão bons em poucos dias — ele se dignou responder.

— E o resto? — ela indagou.

— De qualquer modo — ele respondeu de maneira perspicaz —, ainda estou decidido a ficar um mês sem trabalhar.

Noemy ficou em silêncio, enquanto comia uma torrada com geléia. De repente, teve uma idéia. Brian já terminara de comer e tomava o chá quando ela perguntou, gentil:

— Oh, desculpe a minha distração, senhor... ha... Brian... você não preferia café?

— Chá está ótimo — ele murmurou.

— Muito bom. — Ela sorriu e então desatou a falar: — Eu estive pensando que, se você fosse para um hotel... Deixe-me terminar — falou prontamente ao ver que ele ia protestar. — Claro, eu o levarei de carro até lá. — Diante de um olhar frio, continuou: — Então eu poderei ir vê-lo depois do serviço e... — Ele balançava a cabeça negativamente. Furiosa, por fim Noemy explodiu: — Bem, você não pode ficar aqui!

Brian observou ternamente aqueles olhos azuis que brilhavam de cólera. Então, perguntou, com a maior calma do mundo:

— Por quê?

— Porque... — Noemy começou, então olhou para o sofá e continuou, irritada: — porque eu não vou passar mais uma noite dormindo nisso.

— Para uma virgem, o que imagino que você seja — ele murmurou com uma expressão marota —, está sendo um tanto oferecida.

— O que quer dizer com isso? — Noemy perguntou, fulminando-o com o olhar. E o que ele tinha a ver se ela era virgem ou não?

— Você não quis dizer que preferia dormir na cama comigo a passar outra noite...

— Não é nada disso! — ela vociferou antes que ele terminasse a frase. Como gostaria de dar um tapa naquele rosto cínico! Brian estava passando dos limites, isso sem mencionar o olhar divertido que a enfurecia ainda mais.

— Aceite minhas desculpas — ele pediu com dissimulação e, após alguns momentos de reflexão, murmurou: — Eu sei do que está falando. — Fitou os imensos olhos azuis que o observavam desconfiados e anunciou:

— Nós dois... devemos nos mudar... para outro lugar.

— Nós dois! — ela repetiu, não acreditando no que ouvia.

— Você mesma disse que eu precisava de alguém que cuidasse de mim. — E completou, sem hesitar: — Muito bem, para onde gostaria de ir?

Não, aquilo não podia ser real. Noemy achou que estava tendo um pesadelo: mirava o par de olhos negros de um monstro que esperava por uma resposta sua.

— Escócia — ela replicou, afinal, achando que ele não estava falando sério.

— Algum lugar em particular? — ele inquiriu seriamente.

Noemy deu-se conta de que Brian não estava brincando e meneou a cabeça sem conseguir dizer uma palavra.

Ele consultou o relógio, e Noemy olhou para o seu, verificando que estava atrasada para o trabalho. Já passava das nove horas.

— Onde fica o telefone? — Brian perguntou em seguida, arrancando-a do leve estado de choque em se encontrava.

— Está pendurado na parede, aí atrás de você.

Ele se ergueu com certa dificuldade e discou um número. Noemy permaneceu sentada, sem reação nenhuma. Após algum tempo, viu-o falar, a voz autoritária:

— A srta. Boulter, por favor. — Após uma breve pausa, ele disse: — Helen, eu já saí do hospital e preciso descansar. Arranje-me um refúgio na Escócia.

Noemy espantou-se ao ouvir a palavra "refúgio", mas logo compreendeu que a importância de Brian no mundo dos negócios não devia deixar-lhe muito espaço para a privacidade. Com certeza aquela "Helen" devia ser a secretária dele.

— Ligue-me de volta neste telefone — ele continuou e ditou o número dela.

Noemy continuava incrédula.

— Você... realmente... pretende ir para a Escócia? — perguntou quando ele retomou seu lugar à mesa.

— E você vai comigo — ele afirmou, calmo, servindo-se de mais uma torrada. — Foi muito gentil da sua parte oferecer-se para dirigir.

Noemy fulminou-o com o olhar, levantou-se e começou a arrumar a cozinha. Irritada, desligou o telefone da tomada e levou-o para a sala, ligando-o novamente. Era uma maneira de expulsá-lo da minúscula cozinha.

Enquanto tirava a mesa, notou que ele não movia muito bem a mão

esquerda. Levaria mais alguns dias até que pudesse usá-la. Não podia mesmo dirigir um carro.

Assim que ela começou a lavar a louça, Brian foi para a sala e acomodou-se confortavelmente no sofá.

Depois ela foi limpar o banheiro, como sempre fazia todas as manhãs antes de ir para a prefeitura.

Mais uma vez pôs-se a analisar aquela situação sob os mais diversos ângulos, sem chegar a nenhuma conclusão. "Nunca nenhum homem conseguiu passar a perna nele sem receber o troco". Aquelas palavras voltaram-lhe à mente, e ela sabia que, se não fizesse o que Brian queria, seria Gerry quem pagaria. E da maneira mais óbvia: sendo entregue à polícia. Noemy só não entendia por que ele não a denunciara.

Quando passava pela sala, Brian a interpelou:

— Você realmente dormiu neste sofá?

— Por alguns minutos, acho — Noemy retrucou secamente, e teria se dirigido ao quarto se a sonora gargalhada de Brian não a tivesse detido.

Ele parecia divertir-se com seu sofrimento. Ela permaneceu parada ali na sala, sem ter nada para dizer.

— E... o que disseram os médicos? — ela conseguiu perguntar, afinal, para disfarçar o embaraço que sentia.

— Os médicos? — intrigou-se ele.

— Quando você disse que sairia do hospital — ela esclareceu, recompondo-se.

— Ah, eles não tinham nada para dizer — declarou ele, provando mais uma vez que ninguém o contrariava quando tomava uma decisão.

— Você disse que seus pulsos ficariam bons em alguns dias — ela relembrou. — E quanto ao resto? — insistiu naquela pergunta, esperando uma resposta mais objetiva.

— E quanto ao resto? — ele devolveu a indagação deliberadamente.

Noemy encarou-o com uma expressão agressiva.

— Vai levar muito tempo para você se restabelecer por completo? — quis saber.

— Não — ele replicou, sem fornecer nenhum detalhe a mais. Em seguida completou com suavidade: — principalmente com você ao meu lado, assegurando meu descanso.

Noemy cerrou os dentes para não lhe dar uma resposta malcriada e continuou:

— Foi isso que eles recomendaram? Que você precisa descansar?

Brian lançou-lhe um olhar gelado como resposta. Sem dúvida se

mostrava bastante aborrecido quando discutiam sobre sua saúde, mas mesmo assim Noemy teve certeza de que o médico dera instruções para que ele fizesse repouso.

Ela foi para o quarto e começou a passar a vassoura mágica no carpete. Enquanto isso, pensou no sr. Probert. O que iria dizer-lhe? Aquele brutamontes lhe daria um tempo para ir até a prefeitura? Duvidava. E Gerry? Como poderia telefonar-lhe, se Brian plantara-se ao lado do aparelho?

Logo o telefone tocou, fazendo-a sobressaltar-se. Correu para a sala, mas Brian já estava com o fone na mão. Como ousava mostrar-se tão à vontade em sua casa? Será que não desconfiava de que ela teria dificuldades para explicar a voz de um estranho em seu apartamento?

— Alô? — ele atendeu, ignorando a sua apreensão.

Noemy caminhou em sua direção, decidida a tomar-lhe o fone, mas Brian a impediu com um gesto de braço.

— Ah, Helen — ele prosseguiu —, o que você arranjou para mim?

Noemy deixou cair os braços ao longo do corpo e suspirou aliviada, observando-o pegar um lápis e fazer algumas anotações.

Subitamente, foi assolada por pensamentos inquietantes. E se Gerry ou Cláudia ligassem para o gabinete e descobrissem que ela não fora trabalhar? Ou então imaginou o sr. Probert telefonando para a casa de sua irmã, querendo saber por que ela não aparecera na prefeitura, e as conseqüências que teria de enfrentar. Para afastar tais idéias, decidiu prestar atenção no que Brian dizia.

Ele dava algumas instruções profissionais para a secretária e terminou o telefonema com a seguinte recomendação:

— E, Helen... deixe passar vinte e quatro horas antes de informar a qualquer interessado que estou me recuperando fora do país.

Noemy concluiu que ele valorizava muito sua privacidade. Após desligar o aparelho, encarou-a, parecendo cansado. Mas sua voz soou firme e autoritária quando indagou:

— Você fez as malas?

— Malas?! — Noemy se espantou.

— Se quisermos chegar à Escócia antes do anoitecer, é melhor sairmos agora mesmo.

## CAPÍTULO V

Noemy sentiu um calafrio. Ele não estava mesmo brincando! Voltou para o quarto em silêncio.

Sentiu a raiva crescer dentro de si, enquanto atirava algumas roupas negligentemente dentro de uma mala. Sabia que não havia alternativa a não ser ir com ele.

Desesperou-se ao pensar em Cláudia. Não sabia como avisá-la, ou melhor, não sabia o que dizer-lhe, já que não podia revelar para onde nem com quem viajaria. Mas também não podia sair de Reefingham sem dar uma satisfação à irmã, que ficaria muito preocupada se ela desaparecesse por um mês. Com certeza acionaria a polícia para procurá-la. A menos que...

Uma idéia brilhante surgiu-lhe na mente. Não tinha certeza de quanto tempo ficaria cuidando de Brian, mas, uma vez que ele insistia em que o pagamento por seu "crime" durasse um mês inteiro, Noemy colocou mais roupas na mala.

Quando ela voltou para a sala, Brian continuava sentado no sofá, com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás, como se aproveitasse aquele tempo para descansar antes de enfrentar a viagem. Noemy olhou de relance para o telefone ao lado dele. Preferia fazer a ligação da cozinha mas, pensando melhor, seria bom que ele ouvisse as mentiras que a obrigara a inventar. Então, discou o número da prefeitura.

— O sr. Probert, por favor — ela pediu e ficou esperando o chefe atender. — Sinto muito estar ligando assim na última hora — ela se desculpou ao ouvir a voz dele, sentindo-se bastante constrangida. Tomou coragem e em seguida disse que estava ligando de Solihull, para onde tinha ido a fim de cuidar da mãe, que contundira gravemente o pulso direito e necessitava de sua ajuda por algum tempo. — Eu estava pensando — ela completou — em antecipar alguns dias das minhas férias.

Noemy desligou, mais uma vez admirada com a bondade do sr. Probert, que pareceu mais preocupado com a mãe dela que com a necessidade de ter de arranjar uma secretária temporária. Ela odiou ter de mentir para o chefe, mas com aquele telefonema eliminara duas possibilidades ao mesmo tempo: a de ele ligar para Cláudia perguntando por ela e a de a irmã chamar a polícia, se não a encontrasse em algum lugar.

O fato de saber que Cláudia não ousaria ligar para a mãe ajudava muito.

Tudo o que Noemy desejava era que a mãe não resolvesse escrever a bendita carta para a filha mais velha justamente naqueles dias.

Noemy notou que estava sendo observada: Brian passeava os olhos demoradamente pelas curvas delicadas e bem torneadas de seu corpo, deixando-a irritada. Como aquele homem podia ser tão cínico?

— Obrigada, sr. Kendrick, graças ao senhor tornei-me uma mentirosa! — disparou.

— Por que agradece a mim, srta. Haynes? — ele replicou, irônico, fitando os lábios dela antes de encará-la. — Se não me falha a memória, eu observei que era uma mentirosa, sem nenhuma incitação da minha parte, bem antes de hoje. De fato, foi assim que acabamos de nos conhecer durante os primeiros cinco minutos de conversa que tivemos.

Noemy o fitou; tinha de concordar com ele. Para mudar de assunto, resolveu perguntar, meio relutante:

— Quer que eu vá até o hotel onde esteve hospedado, para buscar seu carro? — Com certeza, pensou, Brian tinha viajado até Reefingham no próprio automóvel.

— Quando entrei em contato com Belvedere — informou ele —, dei ordens para guardarem o carro até que eu fosse buscá-lo ou mandasse alguém no meu lugar.

— O que está querendo dizer é que não confia em mim para dirigir seu automóvel, não é mesmo? — investiu ela, recebendo um olhar de desdém como resposta. Então continuou, mordaz: — Estou admirada com o fato de você deixar eu dirigir até a Escócia!

— Pode ter certeza de que, se provocar algum acidente, eu arrasto você até o posto policial mais próximo e registro a ocorrência. Aliás, as duas... — ele replicou, tranqüilamente.

Noemy olhou-o com desgosto, foi até o quarto para pegar sua mala e caminhou decidida para a porta. Então lembrou-se do estado dele e resolveu ajudá-lo.

— Quer que eu leve sua valise? — prontificou-se, dominando a raiva que sentia.

— Sou capaz de carregar minha própria bagagem — ele devolveu com frieza.

— Como quiser! — Ela destrancou a porta e abriu-a.

Ambos desceram a escada devagar, ela seguindo na frente, e foram para a garagem, onde se encontrava o Fusca de Noemy.

Enquanto colocava a bagagem no porta-malas, ela percebeu que Brian examinava a pequena marca no pára-lama.

— Aposto que não vai pedir para o seguro pagar isto! — ele comentou secamente. — Embora, conhecendo você, até acredito que seria capaz de

fazer uma coisa dessa.

— Você não sabe nada sobre mim! — Noemy exclamou, fitando-o com um ar de desafio.

Quando Brian entregou-lhe a maleta, ela notou, apreensiva, que o rosto dele estava pálido novamente.

— Tem certeza de que está preparado para esta viagem? — ela indagou, ciente de que levariam quatro horas para chegarem à fronteira escocesa.

— Isso a preocupa? — ele murmurou com ironia.

— O suficiente para não desviar de nenhum buraco na estrada! — ela retorquiu e bateu a tampa do porta-mala com força. Em seguida sentou-se à direção.

A cada momento que passava sentia aumentar o ódio pelo homem sentado a seu lado. Dirigiu em silêncio, saindo da cidade e tomando a direção norte.

Contudo, tomava todo o cuidado para desviar dos buracos que surgiam à sua frente, evitando os solavancos.

Após algum tempo, sentiu a raiva diminuir um pouco. Chegou a admitir para si mesma o quanto fora engenhosa a idéia de Brian em viajarem com o carro dela. Assim, ele podia assegurar melhor a própria privacidade, impedindo que o reconhecessem caso estivesse no automóvel dele.

Considerou então o fato de que ainda tinha muito o que aprender em relação àquele homem intrigante. Concluiu que, uma vez que era obrigada a aceitar a presença dele, seria melhor se tornasse as coisas mais fáceis entre os dois. Afinal, se ele tinha tanto prestígio, não devia ser tão impossível conviver com ele.

Olhou-o de relance e notou que estava desperto. Indagou gentilmente:

— Para onde estamos indo?

— Para um lugar chamado Kilcaber, em Reenfrewshire — ele informou. Você conhece o lugar?

— Nunca estive lá — ela admitiu. E logo completou: — compraremos um mapa assim que pararmos para abastecer.

Quando pararam num posto, Noemy se revoltou por ter de pagar a gasolina, enquanto Brian calmamente escolhia um mapa dentro da lanchonete. Mas controlou-se.

Viajaram por mais de uma hora, então Noemy achou que ele necessitava de um descanso e resolveu dar uma parada.

Estacionou em frente a um restaurante de beira de estrada e, quando

Brian a fitou com um ar de interrogação, mentiu:

— Preciso descansar um pouco. Não quer comer alguma coisa? — perguntou da maneira mais indiferente possível. — Ou prefere que eu compre algo para a gente comer no caminho?

— Longe de mim privar você de um descanso — ele replicou, seco. Foi o primeiro a sair do carro e entrar no restaurante.

Sentaram a uma mesa e ele pediu um pernil ao *curry* com batata, enquanto Noemy optou por uma salada.

— Gosta do seu trabalho? — ele perguntou enquanto aguardavam a comida.

— Qual, o de motorista? — ela indagou, desconfiada.

— O de secretária — ele esclareceu, sorrindo.

Foram interrompidos pelo garçom, que trazia os pedidos.

— Sim, gosto muito do meu trabalho — Noemy respondeu, observando que ele usava apenas a mão direita para comer. — Oh, Brian! — deixou escapar sem querer. — Eu devia ter pensado...

— Quando precisar da sua ajuda para cortar a carne, eu aviso — ele interveio, ainda sorrindo.

De volta ao carro, continuaram seguindo para o norte. O céu ficara nublado, mas o tempo ainda era agradável. Brian examinava o mapa. Após uma hora e meia, ela quis dar-lhe a oportunidade de esticar um pouco as pernas.

— Estou louca por uma xícara de chá — mentiu novamente. — Que tal?

— Não quero desapontá-la de modo algum — resmungou ele.

Pararam numa lanchonete e desfrutaram uma deliciosa xícara de chá acompanhada de biscoitos. Ambos estavam muito bem-humorados e permaneceram lá por meia hora.

Noemy consolou-se com a idéia de que um homem de negócios tão ocupado como ele, acostumado à agitação, se cansaria logo de seu exílio escocês.

Retornaram ao carro. Curiosa para saber a razão de ele estar em sua cidadezinha naquela fatídica noite, Noemy perguntou:

— Você vai sempre a Reefingham?

— Se está pensando que, após me recuperar por completo, vou lhe fazer uma visita... esqueça! — ele retrucou, sarcástico.

— Como? — Noemy investiu, zangada. — Espero sinceramente nunca mais vê-lo depois desta viagem! Pode estar certo de que, se o avistar na rua, no mesmo instante caminharei para o lado oposto! Isto é...

— Exatamente o que eu devia ter feito — ele observou, mordaz, interrompendo-a. — Foi bobagem minha supor que você pararia diante do sinal vermelho.

O restante da viagem transcorreu em total silêncio. Noemy cada vez mais o achava vil e grosseiro. Quando chegaram a Reenfrewshire, ela parou o carro e, sem dirigir-lhe a palavra, inclinou-se e retirou o mapa do porta-luvas. Localizou Kilcaber e partiu para lá.

Assim que passaram pela placa à entrada de Kilcaber, estacionou e esperou calada. Não demorou muito para Brian compreender a mensagem; rapidamente deu-lhe o endereço e ela pôs-se a caminho de novo.

Noemy não se sentiu melhor quando chegaram ao local indicado. Não se tratava de um hotel comum, como ela imaginava, mas sim de um pequeno bangalô de aparência moderna, escondido nos confins do pequeno povoado.

Ela saiu do automóvel avaliando o quanto a secretária de Brian obedecera às ordens dele ao pé da letra. Aquilo parecia o fim do mundo!

— Vai ficar aí parada para sempre ou vai abrir o bagageiro?

Noemy voltou-se e percebeu que ele saíra do veículo e estava parado ao lado dela. Lançou-lhe um olhar de desgosto, mas foi abrir o porta-malas. Brian parecia impaciente e, assim que ela abriu a tampa, ele inclinou-se para retirar a bagagem.

— Deixe que eu carrego minha mala! — Noemy falou rapidamente, temendo que Brian fizesse algum esforço além do que suas condições físicas permitiam.

— Por que achou que eu a carregaria para você? — ele devolveu irônico.

Fumegando de raiva, Noemy pôs-se a caminhar, a mala na mão, pela trilha que conduzia ao bangalô. Quase chegando lá, a porta se abriu e apareceu uma mulher de cabelos grisalhos e rosto bondoso com um avental amarrado à cintura.

— Escutei o carro parar. — A senhora cumprimentou Brian e não viu Noemy, que passava por trás de um arbusto de azaléias. — Entre — ela convidou num agradável sotaque escocês —, está tudo preparado para o senhor!

Noemy sentiu um pequeno alívio ao saber que havia uma caseira morando lá. Não desejava ter aquele bruto como única companhia.

— Oh, céus! — a mulher exclamou ao notar a presença de Noemy. — Não avisaram que traria sua esposa!

Esposa! Noemy se aproximou da porta e desejou esclarecer a verdade

sem nenhum rodeio, mas achou prudente permanecer calada. Assim que entraram, a mulher se apresentou como a sra. Macdonald e tratou-os por sr. e sra. Adams. A secretária fizera um excelente trabalho. Não podia ter arranjado um nome melhor como disfarce.

Então Noemy imaginou que aquela mulher não devia ser uma caseira, e sim alguém que trabalhava ocasionalmente para uma agência de aluguel de imóveis. Ao que parecia, fora requisitada para arejar o bangalô, comprar algumas provisões e preparar uma refeição no dia em que o sr. Adams chegasse.

— Não sabia a que horas chegaria e, como o tempo esfriou ligeiramente, preparei uma canja. Está dentro do forno — a sra. Macdonald informou, demonstrando aborrecimento —, mas não sei se a porção vai dar para duas pessoas.

— Eu lhe asseguro que sim, sra. Macdonald! — Brian disse à mulher, com um sorriso tão charmoso que quase fez Noemy se esquecer da atitude rude que ele tivera cinco minutos antes. Perplexa, ela o ouviu declarar: — Minha esposa e eu almoçamos e tomamos um lanche durante a viagem. Uma pequena porção de canja será mais que suficiente.

— Se tem certeza... — a sra. Macdonald começou, mas foi interrompida por Brian, que perguntou quanto devia a ela. — As notas das compras estão sobre a mesa da cozinha.

Noemy largou sua mala no hall de entrada e seguiu Brian e a mulher para dentro da cozinha.

Olhou ao redor, enquanto o "sr. Adams" acertava as contas, e observou que o aposento estava impecavelmente limpo.

— Há bacon, ovos, manteiga e leite na geladeira, e pão na despensa — a sra. Macdonald informou. — O número do meu telefone está no caderninho ao lado do aparelho, caso precisem de mim para alguma coisa.

Noemy ficou satisfeita em saber que havia um telefone no bangalô. Precisava ligar para Gerry, embora ainda não soubesse como falaria com ele na presença de Brian. A mulher explicou que morava a dois quilômetros dali, descendo a estrada de terra.

Brian parecia bastante fatigado quando acompanhou a sra. Macdonald até a porta.

— Até logo, sr. Adams... até logo, sra. Adams. — A mulher sorriu com simpatia.

— Até logo... e obrigada. — Noemy sorriu também. Através da janela da cozinha, viu a sra. Macdonald pegar a bicicleta e descer para a estrada.

— Se me permite, sr. Adams — Noemy falou, gentil —, sugiro que vá

para a cama.

Brian a encarou, e ela se preparou para ouvir outra grosseria, mas para sua surpresa a reação dele foi bem diferente.

— Se me permite, sra. Adams — ele replicou no mesmo tom que Noemy usara —, que tal me chamar de Brian, uma vez que se tornou uma pessoa diferente?

Noemy não atendeu à sugestão, mas achou que tinha algo a ver com o fato de ela estar aceitando aquela situação toda, já que não possuía alternativa.

— Vamos dar uma olhada por aí — ele sugeriu, caminhando para o hall.

Um bonito conjunto de sofá, mesa e poltrona compunha a mobília da sala, sobre um discreto carpete felpudo. No canto direito um aparelho de televisão e no esquerdo... o telefone! Vários quadros de um relativo bom gosto adornavam as paredes pintadas num tom neutro.

— O lugar até que é bom — Brian comentou,

O bangalô tinha ainda uma sala de jantar, dois quartos, ambos com duas camas, e um banheiro.

— Qual dos quartos prefere? — ele indagou.

— Você fica com esse — Noemy indicou o quarto que tinha uma das camas arrumada — Por que não aproveita e dá uma cochilada agora mesmo? Foi um longo dia para você. Se quiser, posso servir-lhe o jantar mais tarde.

— Você está sendo muito generosa — ele agradeceu e olhou para a cama convidativa. — Chame-me às oito.

Noemy o deixou e foi para o outro quarto. Achou lençóis e fronhas limpos e uma colcha branca para fazer sua cama. Movia-se silenciosamente para não acordar Brian no recinto anexo. Aproveitou para tirar algumas coisas da mala. Às quinze para as oito, ela arrumava a mesa na sala de jantar quando Brian apareceu. O rosto dele adquirira uma cor mais saudável.

— Eu já ia chamá-lo — ela comunicou.

— Poupei-lhe esse trabalho.

— Tomou o remédio? — ela indagou. — Quer que eu traga um copo de água?

— Eu já engoli as cápsulas a seco — ele contou. — Posso ajudar em alguma coisa?

— Sim, pode sentar-se lá — ela ordenou num tom autoritário, arrependendo-se logo a seguir. Mas, para sua surpresa, Brian tomou seu

lugar humildemente. Antes de sair da sala, olhou-o de relance e quase jurou que ele se controlava para não rir.

"Ele estaria se divertindo com o quê?", Noemy se perguntou enquanto cortava o pão. Talvez fosse pelo fato de ela estar lhe dando ordens.

— Está muito bom — ele comentou após dar a primeira colherada na canja que ela lhe servira.

— É, está uma delícia — ela concordou, e comeram em silêncio.

Noemy ficou contente com o apetite de Brian. Se ele continuasse assim, logo se recuperaria... e eles poderiam retornar mais cedo para suas respectivas casas.

— Está satisfeito? — Noemy quis saber, quando ele depositou a colher no prato vazio.

— Até demais — ele assegurou.

— A sra. Macdonald deixou uma torta de maçã...

— Não, obrigado — Brian recusou gentilmente, e Noemy fitou os olhos negros que apresentavam evidentes sinais de cansaço.

— Por que não aproveita para se deitar cedo? — ela sugeriu, percebendo que também estava sendo examinada.

— Parece que uma boa noite de sono faria bem a você também — observou ele.

Aquilo não a surpreendeu. Ela devia estar com olheiras enormes, pois havia três noites que não dormia direito.

Começou a tirar a mesa e notou que ele a ajudava, mas não o impediu. Brian foi para a cozinha e enxugou a louça da maneira que pôde, usando as mãos, com dificuldade.

Quando terminaram de arrumar tudo, Noemy olhou ao redor, satisfeita. Então resolveu que iria direto para a cama. Quando passou por ele, ao sair da cozinha, limitou-se a dizer:

— Boa noite! — E dirigiu-se rapidamente para o quarto. Sentou-se na cama e deu um longo suspiro. Até quando agüentaria aquela situação, lá nos confins da Escócia, tendo como única companhia um homem rude que, ainda por cima, não simpatizava com ela? Preferia estar em Reefingham, ou melhor, em Penny Dale, para estar com o novo sobrinho. Lá ao menos estaria com pessoas que a amavam.

## CAPÍTULO VI

Noemy dormiu muitíssimo bem naquela noite e acordou bem mais

disposta na manhã seguinte.

Para não perturbar seu "paciente", foi até o banheiro silenciosamente, tomou um banho e, como o tempo esfriara, vestiu um conjunto de moletom azul-claro.

Retornou ao quarto, escovou os longos cabelos loiros e, prendeu-os numa trança. Depois foi para a cozinha e começou a procurar o que preparar para o desjejum.

Meia hora mais tarde, a porta da cozinha se abriu e Brian apareceu, de barba feita, com uma aparência bem melhor.

— Bom dia! — ela o saudou alegremente.

— Pelo visto, alguém aqui dormiu muito bem — Brian observou.

— E você, dormiu bem?

— Como um bebê.

— Tomou seus comprimidos?

— Droga! — ele resmungou. — Você precisa lembrar isso a toda hora?

— Aposto que não os tomou... para ver se eu lembraria! — Noemy olhou-o com um ar brincalhão, fingindo desdém, e logo em seguida os dois começaram a rir.

— O que temos para comer? — Brian perguntou, animado.

— Eu pensei em ovos cozidos. — E, aproveitando o momento da descontração: — Quanto tempo vamos ficar aqui?

— Já está com saudade de casa? — A voz de Brian tornou-se ríspida subitamente, como se ele se arrependesse de ter-se permitido descontrair ao lado da mulher que tinha a seu lado para lhe pagar uma dívida. — Ou é porque está com saudade do namorado?

Noemy fitou-o aborrecida, mas controlou-se, determinada a manter o bom humor. Decididamente, Brian era um paciente bastante rabugento.

— Claro que não. — ela replicou, irônica. — Só tenho de agradecer-lhe por ter me tirado da minha rotina para estas férias maravilhosas!

Por um momento Noemy julgou ter visto um leve sinal de sorriso nos lábios dele, mas foi tão rápido que ficou em dúvida.

— Se preferir, podemos ir até a delegacia mais próxima — ele murmurou com um leve sarcasmo.

Noemy arregalou os olhos, mas preferiu não continuar com aquele assunto.

— Por quanto tempo quer que eu ferva os ovos?

— Não tenho a mínima idéia — ele resmungou. Era óbvio que ele nunca tivera de se virar sozinho.

— Nós tomaremos o desjejum aqui na cozinha, tudo bem? — ela

anunciou, na esperança de não o ofender com aquela sugestão.

Ele, no entanto, encolheu os ombros, mostrando que aquilo pouco importava.

Quando sentaram-se à mesa para comer ovos cozidos e pão com manteiga, uma estranha curiosidade em relação ao dia-a-dia de Brian assaltou Noemy. Lera na reportagem que ele não era casado. Quem então prepararia suas refeições? Será que vivia com alguém? Mas logo concluiu que se houvesse alguém importante em sua vida com certeza estaria com ele naquele momento.

— Alguma coisa a perturba? — A voz de Brian subitamente interrompeu-lhe os pensamentos, fazendo-a corar como se tivesse sido pega em falta.

— Eu... — ela balbuciou, tentando recompor-se. — Se vamos ficar aqui por mais tempo, precisarei fazer algumas compras.

— Eu irei com você — ele anunciou.

Noemy arregalou os olhos azuis e perguntou num tom ingênuo:

— Você mesmo costuma fazer as compras da casa?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Normalmente é a sra. Greavès, minha governanta, quem se encarrega disso.

Ela sorriu satisfeita por saber que era uma governanta quem cuidava de Brian.

— Você não se preocupa em ser reconhecido?

— Está querendo insinuar que quer sair sozinha?

— Pensei que seu humor já tivesse melhorado! — Noemy retrucou. — Ou será que é sempre assim, irritado e grosseiro? Foi você que quis um "refúgio", não eu! — ela o lembrou, zangada.

— Ninguém aqui sabe quem é o sr. Adams — ele esclareceu, calmo. — A não ser que você revele, o que logicamente não fará.

Noemy percebeu o toque ameaçador naquelas palavras.

— Mas eu possuo mais um disfarce — ele continuou, enquanto juntava as cascas de ovos no prato. — Nosso amigo Adams possui uma linda esposa... e Kendrick não... Pelo menos por enquanto.

Noemy baixou a cabeça e ergueu-se, começando a tirar a mesa. Pela segunda vez, Brian dizia que a achava bonita, e aquilo a deixava pouco à vontade.

Novamente ele enxugou a louça para ajudá-la. Assim que terminaram, Noemy informou:

— Eu só vou arrumar sua cama e varrer o quarto, depois...

— Eu já fiz minha cama — ele interveio.

— Então podemos sair para fazer as compras.

Quando chegaram ao centro de Kilcaber, o céu estava completamente nublado, mas não chovia e a temperatura era agradável. Havia apenas duas pequenas mercearias no vilarejo.

— É melhor a gente procurar um povoado maior — ela comentou com Brian.

— Não temos nada a perder — ele respondeu, animado e Noemy refletiu que o humor dele de fato melhorara.

Para um homem sofisticado como ele, não devia ser fácil rodar à procura de açougues e padarias no desconforto de um Fusca. Tomada por uma sensação estranha, que não conseguia definir, Noemy pronunciou o nome dele devagar, quase involuntariamente:

— Brian Kendrick...

Brian a fitou admirado, e ela pediu desculpas, tirando os olhos da estrada por um segundo para encará-lo. Não soube o que dizer.

Encontraram um supermercado numa cidade vizinha, que também vendia roupas. Brian aproveitou para comprar duas camisas. Noemy pensou em sugerir-lhe que voltasse para o carro e deixasse a compra dos suprimentos para a casa por conta dela. Mas, diante da boa disposição que ele demonstrava, desistiu. Não tinha argumentos para convencê-lo.

— Vamos pegar um carrinho — ela sugeriu quando entraram na seção de alimentos; achou que, se ele estivesse cansado, teria algo em que se apoiar. E acrescentou: — Você pode empurrá-lo.

— Você transformaria qualquer um num ótimo criado — Brian protestou, brincando.

— Ora, não diga tolices — ela respondeu, fingindo estar zangada.

Brian revelou-se um consumidor exigente: examinava tudo com cuidado, retirando os produtos da prateleira, e ficava satisfeito quando aprovava algum artigo e o colocava no carrinho. Obviamente estava encantado com a novidade de ele mesmo fazer compras. E, como Noemy presumira, escolheu alimentos demais. Infelizmente, ela pensou, aquilo parecia a compra do mês.

Com esse pensamento, ela voltou a preocupar-se com Cláudia. A irmã certamente estranharia seu longo afastamento e acabaria ligando para a mãe. Teve um ligeiro estremecimento mas, ao ver o que Brian acabava de jogar no carrinho, esqueceu a preocupação.

— Para que precisamos de damascos? — quis saber.

— Não sei... — ele murmurou, uma expressão divertida nos olhos

negros. E acrescentou: — Desculpe, acho que ainda não estou muito bem.

Ela ria animada enquanto o ajudava a empurrar o carrinho até o caixa. Felizmente o supermercado contava com os serviços de um carregador, o que poupou a ambos.

De volta à cozinha do bangalô, observavam que os armários de que dispunham comportavam todos os suprimentos.

— O que prefere para o almoço? — Noemy perguntou, aborrecendo-se por vê-lo carregar a caixa mais pesada.

— Qualquer coisa está bom — ele replicou, indiferente, deixando-a preocupada. Estaria perdendo o apetite? Mas sua ansiedade desapareceu quando ele completou logo a seguir: — Porém, seja o que você fizer, dá para me preparar uma porção dupla?

O ovo cozido devia ter sido pouco substancioso para um homem daquele tamanho, Noemy concluiu. Depois de pensar por alguns instantes, decidiu preparar peixe ensopado com arroz à grega.

Enquanto despejava leite numa panela, perguntou-se por que se preocupava tanto com o apetite de Brian. Obteve então duas respostas: primeiro, porque sentia-se culpada e responsável por seu estado; e, segundo, porque quanto antes ele se recuperasse mais cedo a liberaria.

— Está satisfeito? — ela indagou depois de ele ter saboreado a sobremesa, a torta de maçã que a sra. Macdonald fizera.

— Bastante... Estava delicioso — ele comentou. — Quem lhe ensinou os segredos da culinária?

Noemy sorriu com a curiosidade dele.

— Minha mãe — ela confessou. — Minha irmã e eu... — Ela engasgou, mas achou melhor continuar antes que Brian desconfiasse de alguma coisa. — Nós duas aprendemos a cozinhar desde cedo.

— Quantos anos você tem? — ele quis saber.

Noemy suspirou aliviada ao ver que ele não insistiu em falar sobre a irmã.

— Vinte e quatro.

— Com essa trança — ele sorriu, inclinando-se para observar melhor o cabelo dela —, parece ter quinze.

— Gosto do meu cabelo assim — ela se defendeu.

— Eu não disse que não gostava — volveu Brian, e Noemy experimentou uma sensação boa diante do elogio inesperado.

— No jornal diziam que você tem trinta e seis anos — ela lembrou. — Eles acertaram?

— Pela primeira vez. — Brian limitou-se a dizer, e seu rosto se tornou

sombrio.

Noemy repreendeu-se pela falta de tato. Por que fora mencionar o maldito jornal, que trazia de volta a lembrança do acidente?

Quando Brian a acompanhou à cozinha, com expressão carrancuda, ela adivinhou que ele também pensava no atropelamento.

— Deixe que eu faço isso — ela se apressou a dizer quando ele pegou o pano de prato.

— Como queira! — Em seguida Brian sentou-se numa das cadeiras, fechado em si mesmo, para desespero de Noemy.

Enquanto arrumava a cozinha, Noemy não ousou olhar para ele. Estaria observando os movimentos dela ou se achava mergulhado nos próprios pensamentos?

Noemy terminou de guardar a louça e, antes de sair da cozinha, olhou de soslaio para Brian. Parecia abatido.

— Por que não?... — ela começou, mas achou que mandá-lo descansar não seria uma boa idéia. Sem saber o que dizer, indagou: — Vai ficar aí sentando o dia inteiro?

Ele estreitou os olhos e ergueu-se, fitando-a com desdém.

— Não. Vou dar um passeio, e você vem comigo.

Noemy se irritou com o jeito autoritário de Brian e levantou a cabeça para ele, encarando-o em silêncio. Estava pálido novamente. Sem dúvida alguém precisava acompanhá-lo.

— Quem resistiria a um convite tão gentil? — ironizou ela, demonstrando que não se submeteria a ele assim tão facilmente.

A caminhada durou uns trinta minutos e ambos se falaram o mínimo possível. E assim foi durante o resto do dia e o final de semana. Ambos se esforçavam para ser gentis e conversavam apenas o necessário. Era como se não tivessem nada para dizer um ao outro.

Ansiosa para voltar logo a Reefingham, Noemy ocupava-se em preparar refeições nutritivas e deliciosas para melhorar o apetite de Brian e ajudá-lo a se restabelecer mais depressa. Na segunda-feira, ele mostrava uma sensível melhora. Caminhava com firmeza, e a cor do rosto voltara ao normal; os ferimentos dos pulsos também estavam quase cicatrizados. Noemy, contudo, teve um pensamento que a deixou em pânico: se Cláudia não tinha coragem de ligar para a mãe, o mesmo não acontecia com Robert. Àquela altura, com certeza ele já telefonara para a sra. Haynes, querendo saber sobre o estado de saúde dela e perguntando por Noemy.

Na terça-feira de manhã, ela se desesperava tentando encontrar um jeito de entrar em contato com Gerry e saber o que sucedia por lá.

Uma boa ocasião surgiu quando, após lavarem a louça do desjejum, ela percebeu que haviam comprado pouco leite, o que significava que teria uma boa chance para procurar um telefone público.

— O leite que temos aqui já está no fim — ela anunciou, triunfante, achando que Brian não estava disposto a enfrentar outra vez um supermercado. — Acho que terei de ir comprar mais.

— Estou pronto, podemos ir quando quiser — ele declarou sem hesitar.

"Droga!", Noemy refletia enquanto dirigia o Fusca, com Brian sentado a seu lado.

No caminho de volta, pensando nos próprios problemas, sobressaltou-se quando Brian perguntou:

— Há quanto tempo mora em Reefingham?

Desconfiada, Noemy tentou ganhar tempo olhando pelo espelho retrovisor como se estivesse concentrada em alguma coisa atrás. Não sabia se existia algo por trás daquela pergunta.

— Por que quer saber? — ela indagou com cautela.

Notou com o canto do olho que ele encolhia os ombros num gesto de indiferença.

— Por nenhuma razão em especial. Só estava curioso para saber por que saiu de sua casa em Solihull.

— Eu nunca morei em Soli... — Ela se deteve, irritante, mas achou melhor confessar a verdade. — Sempre vivi em Reefingham.

— Ah! — ele exclamou após um momento. — Sua família se mudou para Solihull recentemente e você não quis ir com seus pais e sua irmã.

Diante daquela brilhante dedução Noemy sentiu que um peso fora removido de seus ombros. Enquanto ele pensasse que sua irmã morava em Solihull, Gerry estava a salvo.

— Exatamente — ela se limitou a dizer.

— Por que você ficou? — ele insistiu.

— Eu... não quis ir com eles.

— Por quê?

— Você deve ter amolado bastante sua mãe, quando era pequeno! — Noemy retrucou, irritada com aquela insistência.

— Felizmente ela tinha muita paciência.

— Imagino! — Sem refletir, ela sentiu vontade de saber mais sobre a mãe de Brian, sua família, mas ele foi mais rápido, voltando ao assunto.

— É segredo?

— O quê?

— O motivo que a fez ficar em Reefingham.

— Claro que não! — ela retrucou. Não sabia mais o que fazer para mudar a conversa de rumo. — É que eu tinha um bom emprego, um chefe espetacular...

— E quem mais tão espetacular para fazer você mentir assim descaradamente? — Brian a interrompeu.

— Não é da sua conta!

— Deve haver um homem envolvido nisso, é claro — ele concluiu, sarcástico, ignorando a resposta malcriada.

— E se tiver? — ela indagou num tom desafiador.

— Quando sua família se mudou para Solihull?

— Foi... — Noemy suspirou, impaciente. — Há dois anos.

Ela não estava gostando daquela situação. Desconfiava que por trás daquelas perguntas aparentemente sem importância se escondiam intenções escusas.

— E você ainda é virgem! — ele falou quase num sussurro.

— O que isso tem a ver com o resto? — ela zangou-se.

— Muita coisa!

Noemy achou melhor ignorá-lo, mas assim que avançaram meio quilômetro ele tornou a perguntar:

— Você ainda sai com ele?

— Freqüentemente — ela retrucou, segurando a direção com mais força.

— Você estava com ele uma semana atrás quando, depois de uma comemoração, nós... nos encontramos! — ele ironizou.

— Não, não estava! — Noemy exclamou, temendo que Brian talvez tivesse notado que ela não estava sozinha no carro naquela noite. — Para sua informação, Robert ficou a semana passada inteira em Gales.

— Vamos torcer para que ele não tenha perdido muito tempo durante o final de semana, procurando por você — Brian observou, deixando-a mais tensa ainda.

Mais tarde, durante o almoço, nenhum dos dois parecia disposto a conversar. Noemy começou a torcer para que Brian se cansasse logo da companhia dela, assim aquelas férias forçadas terminariam mais cedo.

Enquanto Brian secava a louça que ela lavava, notou que estava magoada com o pensamento de que ele não apreciava sua companhia. Aquilo a irritou.

Depois eles saíram para a costumeira caminhada depois do almoço, e Noemy seguiu um passo à frente dele para não ter de conversar. Uma

ansiedade inexplicável a atormentava.

Após caminharem por uma meia hora, ela achou melhor regressarem. Brian melhorara bastante, mas não deveria exagerar. Sem discutir, ele a acompanhou de volta e ambos continuaram em silêncio. Noemy resolveu que não diria mais nada em relação à saúde daquele homem grosseiro que já a chamara de mandona mais de uma vez.

Quando se aproximavam do bangalô, ela deu uma olhada para trás, para se certificar de que ele estava bem, justificou para si mesma. Mas desviou o olhar rapidamente ao perceber que Brian a observava.

Depois que chegaram, quase não o viu até o jantar. Ele se enfurnou na sala para ler os jornais e os livros de bolso que comprara pela manhã, enquanto Noemy permaneceu na cozinha. Ela fez alguns bolinhos e preparou as verduras para mais tarde. Nesse meio tempo, folheava uma revista sobre a mesa.

Quando entrou na sala para arrumar a mesa, Brian já se ocupara dessa tarefa. Ela sentiu-se sensibilizada e não gostou da própria reação. Depois interpretou a ajuda dele como uma forma gentil de pedir desculpas por ser tão grosseiro.

Mais tarde, quando o chamou para jantar, notou que se sentia bem mais à vontade ao lado dele. Mas Brian não se mostrou muito comunicativo. Enquanto comiam, só falou para pedir a pimenta, e Noemy pensou que talvez a comida não o tivesse agradado.

Ela ergueu os olhos para verificar a expressão do rosto aristocrático e novamente surpreendeu-o observando-a. Fez menção de dizer algo, mas se deteve. No entanto, achando que causaria a impressão de que ocultava alguma coisa, resolveu fazer a primeira pergunta que lhe veio à cabeça:

— Você conhece bem Reefingham?

Para seu alívio, Brian respondeu de maneira civilizada.

— Não, realmente. Fui até lá para presidir uma reunião, na terça-feira, com alguns empresários interessados no nosso produto.

— Você está pensando em construir uma fábrica no Springfields Industrial Estate? — Noemy indagou, orgulhosa por formular uma questão inteligente com tanta rapidez.

Brian assentiu com a cabeça. Então mirou os lábios delicados e ligeiramente abertos, depois os olhos azuis, e de repente seu rosto se tornou sombrio. O entusiasmo de Noemy arrefeceu.

— Em vista dos milhões envolvidos, decidi dar uma olhada na cidade de Reefingham antes da reunião. Mas não cheguei muito longe... Assim que saí do hotel e fui até a primeira esquina... Você já sabe o resto.

Noemy fitou-o angustiada. Aquelas palavras soaram como um tapa no rosto dela. Os enormes olhos azuis pareciam tomar conta do rosto aveludado. Então, aos poucos, as lágrimas os inundaram.

Ela pôs-se de pé e, sentindo-se humilhada, correu para a porta.

— Noemy! — Brian a chamou.

Sem dar-lhe atenção, ela entrou em seu quarto, atirou-se sobre a cama e chorou copiosamente. Levou algum tempo para conseguir se controlar. Não entendeu por que ficara tão magoada com Brian, que só havia mencionado um fato que ela conhecia muito bem.

Não ousou sair do quarto naquela noite. Deveria tirar a mesa e levar a louça, mas sabia que as lágrimas voltariam ao menor sinal de contrariedade. E, uma vez que Brian era a causa daquilo, ainda não se achava pronta para encará-lo.

Sentia-se como uma prisioneira. Mesmo sem grades ao seu redor, Brian estava sempre atrás dela, como uma sombra.

Ao deitar-se para dormir, só conseguia pensar em como odiava aquele homem. Remoeu todos os últimos acontecimentos até conseguir dormir, horas mais tarde.

Na manhã seguinte, acabou dormindo até tarde. Ainda não estava completamente acordada quando ouviu umas batidas secas na porta do quarto. Ao abrir os olhos, enxergou um vulto entrando devagar, e aos poucos reconheceu Brian. Viu-o depositar uma xícara em seu criado-mudo e olhou para ele, sem entender aquela atitude.

Lembrando-se das palavras dele na noite anterior, ela forçou-se a sentar, puxando as cobertas até os ombros.

— O que você está fazendo? — ela indagou, desconfiada.

— Achei que não seria errado nem inoportuno se fizesse... alguma coisa agradável... por você, para variar um pouco — ele falou suavemente e sorriu.

Noemy desejou acreditar que aquele sorriso era sincero, queria confiar nele. Brian se aproximou, sentando-se na cama e, para surpresa dela, confessou:

— Tenho me comportado como um monstro, não é mesmo?

Noemy fitou-o atônito por alguns segundos. Sua voz não saiu mais forte do que um sussurro ao replicar, fitando-o nos olhos:

— Precisa perguntar?

Brian sustentou seu olhar, fazendo-a sentir uma emoção diferente.

— Você me perdoa? — ele indagou em voz baixa.

— Você não tem estado... muito bem — murmurou, e em seguida, sentindo o coração bater mais forte, viu-o curvar-se em sua direção e aproximar o rosto do dela.

Gentilmente, Brian tocou-lhe os lábios, e Noemy entendeu, enquanto ele se afastava um pouco, que aquele beijo suave selava o início de uma amizade. Então sorriu, para demonstrar que o perdoava.

Esperou que ele se levantasse mas, em vez disso, Brian desceu o olhar dos olhos azuis para a boca sorridente e demorou-se um tempo a fitá-la. Em seguida, num movimento lento, ele a envolveu nos braços.

O coração de Noemy disparou ao sentir aqueles braços fortes ao seu redor. Ele a beijou novamente, mas agora de um modo diferente.

Os lábios de Brian tornaram-se exigentes, exprimindo um ardor que aumentava a cada segundo. Noemy, completamente aturdida, experimentava emoções que a faziam desejar mais e mais o calor ardente daquele beijo.

— Brian! — sussurrou, quando ele deixou os lábios vermelhos por um instante olhando-os com uma perturbadora expressão de desejo.

Noemy pensou que enlouqueceria de prazer quando Brian começou a beijar-lhe o pescoço e acariciar-lhe sensualmente as costas.

— Noemy! — ele murmurou e tornou a tomar-lhe os lábios, enquanto lhe massageava os ombros. Lentamente começou a descer as alças da camisola de renda.

Noemy sentiu-se corar de vergonha, mas o desejo que aumentava dentro de si a fez esquecer tudo. Ele desnudou por completo os ombros alvos e macios, em seguida, abaixando-lhe mais o traje, tocou os seios rosados.

Ele a desejava, e Noemy se entregava cada vez mais às carícias ardentes, com a respiração ofegante. Então Brian a encarou, depois olhou para a pele acetinada, as formas arredondadas, e subitamente enrijeceu-se.

— Droga! — sussurrou, com a voz rouca. Então falou mais alto: — Eu não planejei isto Noemy, acredite-me.

— Eu... — ela murmurou, a respiração entrecortada. Aceitava aquelas demonstrações de carinho como algo totalmente espontâneo entre eles, uma explosão repentina, e teve de lutar com todas as suas forças para controlar as emoções que estavam sendo a experiência mais incrível de sua vida. Nunca desejara nenhum homem daquele jeito antes! — Talvez... — conseguiu dizer, afinal — ...talvez, sr. Adams... seja melhor que saia.

A expressão de Brian era suave, e ele nem pareceu ouvir o pedido de

Noemy. Continuou olhando-a por um longo tempo, com uma visível admiração no olhar.

Em seguida ergueu de volta a camisola, num gesto lento, e observou os mamilos intumescidos, que se salientavam sob o tecido fino de renda.

Noemy assustou-se ao vê-lo levantar-se bruscamente.

— Talvez... sra. Adams — ele falou, terno —, você esteja certa.

Noemy acompanhou-o com o olhar enquanto ele saía do quarto e fechava a porta. Permaneceu imóvel por mais cinco minutos, imaginando se aquela mulher ardente e apaixonada era ela mesma. Nunca se imaginara capaz de sentir emoções tão intensas.

## CAPÍTULO VII

Enquanto tomava banho e se vestia, Noemy não conseguia afastar da mente o que acabara de acontecer entre Brian e ela. Aquilo realmente sucedera? Era ela mesma aquela mulher ardente que quase se entregara sem reservas? Então avistou a xícara de chá sobre o criado-mudo.

Oh, sim, aquilo não fora um sonho, e ela sabia que nunca mais voltaria a ser a mesma pessoa de antes. Saiu do quarto sentindo-se ainda confusa e um pouco envergonhada. Não sabia como encararia Brian.

Contudo, aquele problema foi solucionado quando, chegando à porta da sala, viu-o parado, de costas, falando ao telefone. Ouviu-o dizer:

— Ela gosta de rosas... Mande-lhe duas dúzias com a seguinte mensagem: "Voltarei em breve".

Quando ele colocou o fone no gancho, uma dor quase física assaltou-a. Sabia que Brian não mandaria aquelas flores para ela. Por que o faria? Uma vez que estavam juntos, no mesmo local, dificilmente aquela mensagem seria para ela.

Sentiu uma enorme fraqueza, como se sucumbisse sob uma cruel revelação.

Então Brian se voltou, fitando-a surpreso.

— Você... — ele começou, deparando-se com o olhar frio.

— Se não tomarmos o desjejum agora — ela declarou, sabendo que não conseguiria engolir nem uma migalha de pão —, é melhor pensarmos no almoço.

E caminhou decidida para a cozinha, colocou água para ferver e pão na torradeira. Tentava não pensar em nada. Contudo, assim que Brian

entrou na cozinha, sentiu-lhe imediatamente a presença, sem sequer olhar para trás.

— Posso ajudar em alguma coisa? — ele se ofereceu, falando num tom de voz indiferente.

Então, Noemy notou, angustiada, que ele não estava dando a mínima importância para ela ou suas emoções.

Recusou a oferta balançando a cabeça e, tentando aparentar calma, coou o café e colocou as torradas num prato. Ele colocou o bule de café sobre a mesa, enquanto Noemy arranjava os pratos e talheres. Embora tivessem feito várias refeições em silêncio, aquele café da manhã estava causando uma tensão insuportável.

Noemy esforçou-se para não demonstrar o que sentia. Brian parecia perfeitamente à vontade; pelo visto, nem se incomodava com o silêncio que reinava entre eles. Depois de dar o último gole de café, perguntou:

— Posso tomar o seu carro emprestado?

Noemy reprimiu uma resposta indelicada e fitou-o com frieza, recebendo em troca um olhar igualmente gelado. Aquela era a primeira vez que Brian queria sair sem ela.

— E eu devo estar aqui, quando voltar? — ela indagou com um certo cinismo, fazendo-o estreitar os olhos.

— Está pensando em ir a algum lugar? — ele a desafiou. — Pelo que a conheço... duvido que faça isso.

Brian se levantou da mesa.

Noemy se ergueu também. Nem pensou em responder-lhe, sabendo que não sairia de lá... não ousaria fazer aquilo, e ele sabia. Foi até o quarto e pegou as chaves da bolsa.

— Não precisa se apressar para estar de volta! — ela se esforçou para usar um tom indiferente e colocou as chaves sobre a mesa. Virou-se de costas para Brian e logo ouviu a porta da frente se abrir e em seguida se fechar. Ele estava com pressa para sair dali.

Ela foi até a porta da sala, de onde não podia ser vista, e observou-o descer a estrada com o carro. Sentiu um alívio por ele ter saído. Voltou para a cozinha sentindo-se magoada. Necessitava ficar sozinha.

Então era daquela forma que alguém se sentia quando se apaixonava? Deixou-se cair numa cadeira. Desde o momento em que abrira os olhos, naquela manhã, as mais diferentes emoções a haviam assaltado.

Só então percebeu o que estava sentindo por Brian. Sem dúvida era amor, e ele vinha amadurecendo já havia algum tempo. Ela não parara de pensar naquele homem desde o primeiro momento em que o vira. Aquilo

não era algo surpreendente, devido às circunstâncias em que o conhecera. Mas duvidava de que sentiria as coisas da mesma forma se ele não lhe provocasse aquela atração peculiar.

Era por causa daquele amor que ficava tão magoada com certas atitudes dele. E pelo mesmo motivo experimentara aquele sentimento de ciúme ao ouvi-lo falar ao telefone, pouco antes.

Queria permanecer indiferente diante do fato de ele mandar rosas para alguém, mas não conseguia.

"Eu o amo", ela concluiu. Agora sabia o porquê de sua resposta ardente e arrasadora naquela manhã! Nunca em sua vida experimentara sensações e desejos tão fortes e selvagens. Se Brian não se tivesse detido, provavelmente ela não teria oferecido nenhuma resistência para irem até o fim. E aquilo tudo acontecera antes de ela entender que o amava! Aquilo a certificou de uma coisa: daquele momento em diante, teria de resistir a Brian com todas as suas forças. Não que achasse que ele desejava tomá-la nos braços novamente. Do jeito frio como saíra, sem dizer sequer um até logo, ela não se surpreenderia se eles não se falassem mais enquanto permanecessem em Kilcaber.

Noemy levantou-se da cadeira com relutância, achando que Brian não poderia encontrá-la naquele estado. Começou a juntar as coisas da mesa e de repente se deteve, perguntando-se o que fora feito com a louça do jantar da noite anterior. Ela fora para a cama cedo e deixara tudo por lavar. Mas não havia nada sujo sobre a pia; nem mesmo as panelas.

Devagar, foi até a sala de jantar e espiou. A mesa estava limpa e tudo se encontrava em ordem.

Lágrimas surgiram em seus olhos. Brian, apesar de não estar totalmente recuperado, limpara, lavara e guardara tudo.

— Oh, Brian... — ela suspirou suavemente.

Após alguns minutos conscientizou-se de que, durante os desentendimentos entre eles, Brian sempre parecia mais inclinado a pensar que ela o odiava, em vez de amá-lo. Então relembrou os momentos em que ele fizera algo para agradá-la.

Desejou que já tivessem voltado para Reefingham. Assim, ela estaria com o orgulho intato e ele nunca saberia...

Ora! Noemy ficara tão envolvida pensando em Brian que se esquecera completamente de que estava sozinha e poderia dar aquele telefonema para o cunhado.

Correu até a sala e discou depressa para Penny Dale. Brian poderia voltar a qualquer momento. Desejou ansiosamente que Gerry atendesse o

telefone. No caso de ser a irmã, teria de mentir para ela, o que lhe seria bastante desagradável.

— Alô? — Era Gerry.

— Alô, Gerry, é Noemy — ela falou rapidamente. — Eu...

— Como está? — ele a cumprimentou animadamente. — Estávamos começando a achar que nunca mais saberíamos de você. Como está sua mãe?

— Cláudia está aí? — Noemy indagou, ansiosa.

— Ela está lá em cima, no quarto, cuidando de Luke... Espere um pouco, vou chamá-la.

— Não! — Noemy gritou e se apressou a perguntar: — Você ainda está aí?

— Sim — Gerry replicou, para o alívio dela. Devia ter percebido sua agitação. — O que está acontecendo, Noemy?

— Eu só perguntei sobre Cláudia porque não sabia se ela estava na sala com você, mas primeiro... A polícia ainda?...

— Não se falou mais nesse assunto, o caso foi abafado — Gerry assegurou-lhe.

Noemy suspirou aliviada. Então contou ao cunhado as novidades, onde e com quem se encontrava. Em seguida ouviu-o balbuciar:

— Você não... quer dizer que... Não posso acreditar, Noemy!

— O importante — ela continuou — é o seguinte: eu não sei quando estarei de volta. Brian... Kendrick — ela completou — decidiu que a nossa estada duraria um mês, e...

— Ele está te tratando bem, Noemy? — o cunhado indagou, preocupado. — Quer dizer, ele não... fez nada para você... não obrigou você a fazer nada que...

— Não — ela assegurou-lhe — exceto querer quê eu tome conta dele até que se recupere totalmente. Meu medo é que Cláudia fique preocupada, ligue para mamãe e descubra que não há nada de errado com ela.

— Eu lhe darei cobertura — Gerry se prontificou.

— Dá pra você também me dar cobertura se Robert ligar para ela? — implorou. — Estou morrendo de medo de que ele já tenha feito isso e...

— Não se preocupe, querida — o cunhado a confortou. — Sinto muito mesmo por você estar enfrentando tudo isso por minha causa... É melhor dar-me o número daí, caso eu precise entrar em contato com você.

— Prefiro não fazer isso... Não será fácil eu atender o telefone...

— Prometo que só ligarei se for absolutamente indispensável — Gerry

assegurou, e Noemy deu-lhe o número.

Terminada a chamada, Brian ainda não retornara, e ela foi para a cozinha lavar a louça do café. Enquanto fazia aquelas tarefas domésticas, não conseguia evitar o impulso de espiar de vez em quando pela janela, para ver se ele já voltava.

Quando terminou de passar um pano molhado no chão, sem sinal de Brian, resolveu pensar em outro assunto.

Será que deveria telefonar para o sr. Probert e dizer-lhe que não estaria de volta antes do final da próxima semana?

Ponderou por alguns minutos e depois decidiu ligar, já que aquela talvez fosse sua única chance de falar ao telefone. E seu chefe merecia aquele satisfação. Aproximou-se do aparelho com as faces coradas. Odiava ter de mentir.

De repente mudou de idéia. Ligaria para Robert, assim ele não a procuraria na casa da mãe, pondo tudo a perder.

— O sr. Naylor tentou entrar em contato com você — informou Vicky, a secretária dele. — A diretoria está implantando um novo sistema, e o pessoal do estoque, incluindo o sr. Naylor, deve ficar mais algumas semanas em Gales. Eu sei que é um pouco inconveniente, mas são ordens superiores. Quer deixar algum recado para ele?

Noemy desligou o telefone, agradecendo por não ter precisado mentir. Não deixou recado. Sentiu-se mais animada; afinal, era um problema a menos.

Começou a ficar seriamente preocupada quando a hora do almoço passou e Brian não apareceu. Às quatro horas da tarde, já estava quase certa de que ele se sentira mal e sofrera um acidente de carro. Ficou zangada consigo mesma por tê-lo deixado ir sozinho e irritou-se com o fato de ele não ter dito a que horas voltaria. Depois lembrando-se das rosas e da mensagem, achou que sua preocupação se devia apenas ao ciúme que sentia.

Às nove horas da noite, no entanto, Noemy estava à beira das lágrimas, tal a ansiedade que a atormentava. Já estava a ponto de telefonar para os hospitais e a polícia, quando um ruído chegou-lhe aos ouvidos. Reconheceu que era um carro que se aproximava. Sua angústia aumentou mais ainda: e se fosse a polícia, para informá-la de que Brian se acidentara? Descobriu que amar podia ser desesperador.

Levantou-se e caminhou vagarosamente para o hall de entrada, numa expectativa terrível. Então ouviu a porta da cozinha se abrir. Era Brian. Lágrimas surgiram nos olhos azuis, mas ao mesmo tempo ela ficou furiosa.

— Por onde você andou? — investiu, irrompendo na cozinha.

Ele estava parado no meio do recinto, completamente ileso. Noemy teve vontade de dar-lhe um puxão de orelha. Parecia calmo e satisfeito, enquanto ela passara pelo menos oito horas em indescritível agonia.

Brian ergueu uma das sobrancelhas diante daquela pergunta inesperada, mas permaneceu calado. Depois estendeu a mão direita, que escondera atrás de si, revelando um lindo buquê de rosas.

— Para você — disse, sorrindo ternamente.

— Você oferece rosas para todas as mulheres que conhece? — ela indagou, áspera, sabendo exatamente onde colocaria aquelas flores: na despensa. Mas, naquele instante, pegou-as da mão dele e simplesmente largou-as sobre a pia.

Brian examinou o rosto dela demoradamente, com um brilho diferente naqueles olhos negros.

— Apenas para minhas melhores garotas — murmurou num tom rouco.

## CAPÍTULO VIII

Noemy arrependeu-se por ter demonstrado tanta preocupação com Brian, uma vez que ele estava ali à sua frente são e salvo e, ainda por cima, com aquele ar irônico.

— Você não parecia muito bem quando saiu hoje de manhã — ela mentiu, para disfarçar a angústia que quase a enlouquecera. — Pensei que tivesse desmaiado na direção do carro.

Ele a fitou com ternura, e Noemy sentiu um friozinho no estômago.

— Estava preocupada comigo? — Brian perguntou docemente, aproximando-se dela e abraçando-a com delicadeza.

— Mas... era natural que eu me preocupasse. — Ela tentou colocar as idéias em ordem. — Que tipo de pessoa eu seria se não me preocupasse, sabendo que você ainda não se recuperou por completo?

— Acho que você é uma pessoa bastante sensível — Brian observou com suavidade e, mirando-a nos olhos, acrescentou: — Talvez eu devesse ter lhe dito que estava indo a Perth, para visitar minha mãe.

— Sua mãe mora em Perth? — Noemy indagou, sabendo que aquela cidade ficava perto dali. — Você foi visitá-la? — ela continuou, sem esperar que Brian respondesse à primeira pergunta. Aquela proximidade a perturbava. — Acho que, se eu acreditar nisso, acreditarei em qualquer

coisa nesse mundo.

— E... isso a preocupa? — ele questionou de forma marota.

Contudo, Noemy decidiu que jamais confessaria que ficara realmente angustiada por causa dele.

— Esse acidente deve ter deixado você com o miolo mole! — ela retrucou, e ia continuar quando Brian silenciou-a com um beijo.

Quando ele ergueu a cabeça, afastando-se, Noemy esquecera completamente o que ia dizer.

Lutava para se controlar, sabia que não devia corresponder àquela demonstração de carinho. Baixou os olhos e lembrou-se das rosas sobre a pia.

— É melhor eu... colocar as rosas na água — falou, desvencilhando-se de Brian. Procurou um vaso, encheu-o de água e colocou as flores dentro, tentando arranjá-las num lindo buquê. Lembrou-se de que apenas alguns minutos antes queria jogá-las na despensa.

O beijo de Brian provou ser uma atitude isolada. Ambos passaram os dois dias seguintes e o final de semana calmamente, sem nada de novo. Na segunda, Noemy já havia recuperado o autocontrole e conseguia disfarçar muito bem seus sentimentos.

Algumas vezes teve a impressão de que Brian a observava, mas toda vez que ousou fitá-lo encontrou-o entretido com um livro ou com o olhar perdido na paisagem que se descortinava através da janela.

Na terça-feira, quando tomavam o desjejum na cozinha, ela sentiu o olhar de Brian sobre ela. Ergueu a cabeça, pegando-o em flagrante.

Ele não pareceu ficar constrangido. Então Noemy se deu conta de que sempre a observava atentamente, mesmo enquanto parecia absorto nos próprios pensamentos.

— Por acaso... não está na hora de fazermos compras novamente? — ele indagou.

Noemy animou-se diante da perspectiva de um passeio ao lado de Brian. Mesmo porque agora já não lhe interessava mais sair sozinha, já que dera os telefonemas que a preocupavam.

Quando deu a volta no Fusca para ocupar seu lugar ao volante, percebeu, atônita, que o pequeno amassado do pára-lama desaparecera.

— Sumiu! — ela exclamou, surpresa, olhando para Brian por cima do carro. — A depressão no pára-lama sumiu!

— Fantástico! — ele replicou.

— Você... — ela apontou-lhe o dedo — você fez isso! Você arrumou o pára-lama na quarta-feira!

— Venha até aqui e repita a acusação, se for capaz — ele a desafiou, fazendo Noemy cair na risada.

Apesar de saber que naquela tarde Brian também visitara uma mulher, que provavelmente não era a mãe dele, Noemy dirigiu o carro alegremente para a cidade vizinha.

Por que ele teria feito aquilo?, ela refletiu. Para o caso de haver qualquer tipo de investigação, provavelmente. Mas as razões não a interessavam. Ela o amava também por aquele gesto.

Sentia remorsos por ter lhe perguntado tantas vezes quando deixariam Kilcaber. Agora desejava que a convalescença dele não ocorresse nunca, para que não tivessem de separar-se para sempre.

Decidiu que faria tudo para que os poucos dias que lhes restavam fossem muito felizes, para ter boas lembranças quando chegasse o fatídico dia da separação. Tinha certeza de que, depois, seus caminhos nunca mais se cruzariam.

Os dias se passaram em perfeita paz. Brian e Noemy conviviam como dois bons amigos. Na sexta-feira, porém, quando Noemy começou a preparar o jantar, o telefone tocou, pela primeira vez, desde que haviam chegado ali.

Brian riu do sobressalto dela. Em seguida atendeu o telefone.

— Alô? — Depois de uns instantes, porém, recolocou o fone no gancho. — Deve ter sido engano — comentou.

— É melhor eu voltar para a cozinha — Noemy replicou, sorrindo.

Ela já esquecera completamente aquele incidente quando, no dia seguinte, sábado, à mesma hora, o telefone tocou e Brian atendeu novamente. Mais uma vez desligaram do outro lado, sem dizer nada. Noemy inquietou-se. Podia ser apenas coincidência, mas... e se fosse Gerry?

No domingo ela esperou por uma chance para ligar para Gerry e perguntar se tudo estava bem. Mas, cada vez que chegava perto do telefone, Brian aparecia.

Ele estava sentado na sala, lendo o jornal, quando por volta das seis e meia o telefone tocou outra vez.

"Oh, não!", Noemy ficou preocupada ao vê-lo atender. Sua ansiedade aumentou ao notar que ele não dizia nada, apenas ouvia. Devia estar desconfiado.

Uns bons trinta segundos se passaram, e ele continuava quieto com o fone no ouvido. Então resolveu chamá-lo bem alto, para que a pessoa do outro lado da linha também ouvisse.

Mas, antes que o fizesse, ouviu-o perguntar com uma expressão sombria no rosto:

— Quem gostaria de falar com ela?

Depois, estendeu-lhe o fone, carrancudo.

Noemy pegou o aparelho com o coração aos saltos e rezou para que Brian a deixasse sozinha. Mas não foi atendida: ele lançou-lhe um olhar de desgosto e virou-se para a janela. Por um momento ela o detestou por aquilo.

— Alô? — ela atendeu e logo descobriu que suas suspeitas tinham fundamento. Ouviu a voz do cunhado.

— Sei que estou dificultando as coisas para você, Noemy, mas precisava arriscar.

— É...

— Não diga nada, a não ser sim ou não — Gerry a interrompeu bruscamente. — Tudo está bem aqui — ele se apressou a dizer —, mas Cláudia está um pouco... mal-humorada.

— Mal-humorada? — Noemy esqueceu as instruções que acabara de receber.

— Não tem nada a ver com depressão pós-parto ou qualquer coisa parecida — Gerry esclareceu —, mas Luke está dando muito mais trabalho que as meninas, e ela está preocupada em como vai dar conta das cinco crianças quando eu voltar a trabalhar amanhã. Já tirei uma semana extra de folga e não posso mais prolongar o afastamento.

— Eu... entendo — Noemy falou, devagar.

— O problema é o seguinte — ele continuou — Cláudia acha que, se você conseguiu três semanas de folga para cuidar de sua mãe, então também conseguiria tirar mais uma para vir até aqui e ajudá-la. Ela colocou isso na cabeça e eu não consigo convencê-la do contrário.

— Eu... não sei como poderia — Noemy replicou, sentindo-se infeliz pela irmã.

— Eu sabia que seria pedir demais — Gerry suspirou. — Mas me vi forçado a tentar.

Noemy desligou o telefone, pensando na devoção do cunhado pela esposa e no tom preocupado da voz dele. Então notou Brian parado à sua frente, de braços cruzados, furioso.

— Quem era ele? — ele indagou rispidamente.

Noemy respirou fundo e resolveu não se intimidar.

— Pensei que você havia perguntado — ela devolveu, de cabeça erguida.

— Você me disse que seu namorado se chamava Robert! — ele relembrou, irritado.

— Sim, e daí?

— E daí, quem é Gerry?

Noemy entrou em pânico.

— É apenas... um amigo — ela limitou-se a dizer.

— Como ele soube que você estava aqui? — Brian continuou com o interrogatório.

— Eu liguei para ele — Noemy confessou num tom desafiador, mas imaginou que Brian estava preocupado por não querer que ninguém soubesse do seu "esconderijo". — Eu liguei para ele — ela repetiu para demonstrar que aquele olhar ameaçador não a assustava — no dia em que você foi visitar sua... mãe!

Ela se arrependeu imediatamente da insinuação maldosa. Brian deu um passo em sua direção, furioso.

— Não se atreva a tocar em mim! — ela gritou, estendendo as mãos para frente, numa atitude de defesa.

— Por que o... — Brian começou, e então agarrou-a com força pela mão. O contato com a pele sedosa pareceu instigá-lo ainda mais.

Noemy sabia que devia puxar a mão, mas não conseguiu reagir. O toque de Brian a afetava também. Fitou-o atordoada, os olhos azuis arregalados. Então ele a puxou para si e beijou-a furiosamente, envolvendo-a com força nos braços e moldando o corpo delicado ao seu. Enquanto isso, a boca dele exigia mais e mais.

Noemy tentou lutar, mas o desejo começou a tomar conta dela, fazendo-a abandonar-se nos braços fortes e pressionar o corpo ao peito viril.

— Noemy! — Brian falou com a voz rouca. Então segurou-a com um braço, enquanto com a mão livre desabotoava os dois botões superiores da blusa dela.

Noemy quase enlouqueceu de prazer quando ele curvou a cabeça, beijando-lhe o pescoço e foi traçando um caminho com os lábios até a pele acetinada entre os seios firmes.

Ele conduziu-a lentamente até o sofá.

— Oh, Brian! — ela sussurrou, já deitada, enquanto ele terminava de desabotoar-lhe a blusa.

Noemy só se lembrou de que estava sem sutiã quando sentiu o calor da mão de Brian sobre a pele sensível de seu seio. Gemeu num êxtase íntimo. Ao ver o rosto afogueado dela, Brian acariciou devagar aquela

forma arredondada e macia.

Desejando sentir mais o corpo másculo, Noemy tentou desabotoar-lhe a camisa, com as mãos trêmulas. Brian sorriu para ela e ajudou-a a livrar-se da peça.

Ela sentiu os pêlos ásperos do peito musculoso em contato com os mamilos sensíveis.

Brian já não estava mais zangado com ela, pensou. Estava sendo tão carinhoso que ela o amou ainda mais.

Noemy foi invadida por uma onda de sensualidade que nunca imaginara existir quando Brian acariciou-lhe os seios com a ponta da língua, repousando em seguida os lábios sobre o bico rosado e intumescido. Então, abraçou-a com mais força e a mão esquerda desceu até o botão da saia.

Ela sabia que não conseguiria negar-lhe nada. Nunca sentira uma emoção tão forte e não sabia como refreá-la.

Ou pensava que não. Suspirou profundamente e, como por instinto, pousou a mão sobre a dele, que já puxava o zíper. Brian aproveitou a oportunidade para estudar o rosto abrasado tão próximo do seu.

Noemy não soube o que ele leu em sua expressão. Com certeza devia ter notado que ela o queria, mas após examinar os olhos azuis cheios de paixão, Brian subitamente se enrijeceu.

— Meu Deus... — ele resmungou. Em seguida se afastou e saiu da sala.

Atordoada, Noemy sentou-se e por um longo tempo permaneceu olhando para a porta pela qual ele saíra. Então percebeu que estava seminua e arrumou rapidamente a blusa.

Correu para o quarto e fechou a porta, recostando-se nela. Lutou para controlar a respiração e colocar as idéias em ordem.

Não sabia como o encararia novamente. Sabia que Brian sentia uma forte atração por ela, mas não a amava.

Noemy afastou-se da porta e começou a se debater com suas emoções. Não devia ter cedido a ele, de jeito nenhum. Resistira de início mas, sentindo o calor daquele corpo másculo, enfraquecera.

Estava angustiada com esses pensamentos, quando ouviu uma batida à porta.

Desejou ardentemente não responder, mas sabia que Brian não hesitaria em entrar se ela o fizesse esperar por muito tempo. Juntou todas as forças e foi até a porta.

Quando abriu, achou-o ainda mais alto e mais atraente. Ele estudou o

rosto delicado por alguns segundos. Noemy sentiu-se corar, mas sustentou-lhe o olhar com firmeza.

— O jantar está pronto — ele anunciou, deixando-a atônita.

Ela havia se esquecido completamente da hora, do preparo da refeição, e sentiu uma vontade irresistível de agradecer a Brian por sua atenção. Mas logo se recobrou e falou friamente:

— Obrigada, mas não estou com fome. — Toda a ternura desapareceu do rosto de Brian. Antes que ele pensasse que Noemy perdera a fome por ter sido rejeitada uma hora antes, ela acrescentou: — Na verdade, eu gostaria de voltar para Reefingham se...

— Para os braços de Gerry? — ele a interrompeu com um olhar sombrio. — Mas por que se aborrecer? — ele observou com um cinismo selvagem. — Pela maneira como você correspondeu às minhas carícias, há pouco, qualquer homem pode substituí-lo!

— Seu indecente! — ela gritou, chocada, e desviou os olhos, que se encheram de lágrimas.

— Oh, droga! — ele gemeu, abraçando-a gentilmente. — Perdoe-me! — Sua voz soava sincera. E, como se soubesse a reação que provocava nela, perguntou com suavidade: — Você está tão confusa que não sabe onde foi se meter, não é mesmo?

Noemy, apavorada, não sabia ao certo a que ele se referia. Temia que Brian tivesse percebido que o amava. Achou melhor agir depressa. Reuniu toda a sua coragem e força para se desvencilhar daqueles braços fortes, embora eles lhe proporcionassem tanto conforto.

— Eu sei onde desejo me meter! — ela retrucou, furiosa.

Brian ergueu o queixo com arrogância, largou-a e deu um passo para trás.

— Criminosa! — disparou num tom áspero, e seu olhar se tornou duro. Em seguida deixou-a sozinha.

Na manhã seguinte, Noemy acordou sentindo-se muito infeliz.

Tomou um longo banho e se vestiu. Ainda amava Brian com muita intensidade, mas não achava prazer naquilo. Felizmente restava-lhe o orgulho, pensou enquanto escovava com força os longos cabelos loiros, desembaraçando os cachos que se formavam nas pontas. Aquele sentimento forte a ajudaria a enfrentar o dia.

— Bom dia — Briam a cumprimentou ao vê-la entrar na cozinha.

— Bom dia — ela replicou, sentindo uma certa tensão no ar.

Depois de preparar dois ovos fritos, Noemy fez café e arrumou a mesa.

Brian já se encontrava sentado em seu lugar, e ela fez o mesmo. O silêncio pesado que se instalou entre os dois era insuportável.

Noemy já comera a metade de sua torrada quando ousou olhar para Brian, que mastigava calmamente. Pela primeira vez ele estava com uma aparência sadia, o que a deixou bastante feliz.

Então, ele levantou os olhos e Noemy desviou os seus rapidamente. Durante o breve momento em que os olhos negros a miraram, ela se sentiu vacilar.

— Você está bem agora, não é mesmo? — ela observou, notando uma expressão de raiva nos olhos dele.

— Se está querendo saber se me recuperei das lesões que sofri quando você jogou o carro em cima de mim e, como uma covarde, fugiu — ele relatou de maneira mordaz —, então lhe digo que faz uma semana que estou completamente bem!

Aquela resposta teve sobre Noemy o efeito de uma chicotada. Mas ela começava a perceber que Brian comprazia-se em machucá-la quando estava de mau humor. Ergueu o queixo e fitou-o com desdém.

— Então, talvez você não se importe em dizer-me por que me mantém aqui cuidando de você — ela rebateu com firmeza. — Você não precisa mais de mim!

— Você está se tornando repetitiva — Brian respondeu, seco.

Noemy se indignou. O que mais ele queria dela? Ela estava bastante ansiosa por voltar para casa. Mas ele continuou:

— Minha boa saúde pode ter voltado, mas nada mais mudou. — E recostou-se na cadeira, falando num tom suave e ameaçador: — Tenho certeza de que não preciso relembrá-la de que a polícia ainda está à procura do motorista foragido que me deixou inconsciente numa noite do mês passado.

— Foi uma pena você ter voltado a si! — Noemy rebateu, furiosa, e atirou o guardanapo sobre a mesa, levantando-se bruscamente.

Ela já estava saindo da cozinha, quando o escutou zombar:

— Eu também adoro você, querida.

Nos dias que se seguiram o clima entre Noemy e Brian ficou mais tenso que nunca. Ela se arrependera do que dissera e mais de uma vez pensou em pedir-lhe desculpas, mas ele não aparentava nenhum remorso por tê-la provocado, portanto...

A manhã de quinta-feira se mostrou nebulosa e triste.

— Bom dia — Brian a cumprimentou, com indiferença, assim que entrou na cozinha.

— Bom dia — Noemy retribuiu a saudação e perguntou-se até quando os dois continuariam se tratando daquele jeito. Ele não demonstrava nenhum sinal de que aquilo o incomodasse.

Indiferente à presença dela, Brian tomou o café da manhã e saiu em seguida.

Preocupada com Cláudia, Noemy pensou em aproveitar a ausência dele para ligar para a irmã. Afinal, as oportunidades eram tão raras! Imediatamente discou para Penny Dale.

— Noemy! — a irmã gritou de alegria, quando ouviu sua voz. — Oh, sabia que você não me deixaria na mão... Quando poderá estar aqui?

— Eu... ha... não estou em Reefingham — Noemy achou melhor esclarecer.

— Você ainda está com mamãe? — Cláudia se admirou. — Céus! Quase não acreditei quando Gerry me contou que você perderia suas férias para cuidar dela. — Hesitou por um momento, depois concluiu num tom autoritário: — Mamãe já gozou da sua companhia o suficiente; então diga-lhe que quer ficar um pouco comigo também e...

— Mas... e meu emprego? — Noemy a interrompeu, esforçando-se para ocultar a verdade que poderia comprometer a felicidade de Cláudia.

— Ora, o sr. Probert é um chefe muito compreensivo. Mesmo que você gaste todos os dias de suas férias, ele lhe dará mais alguns dias de folga, tenho certeza. Principalmente quando lhe disser o quanto preciso de você.

— As coisas estão realmente tão mal assim? — Noemy indagou, sabendo que a irmã nunca fora de se preocupar com a ordem da casa.

— Um caos completo! — Cláudia replicou com a voz embargada. — Luke só chora, da manhã até a noite, a casa está de pernas para o ar, e Gerry tem trabalhado até mais tarde nas últimas três noites, para compensar a semana passada. Eu... não agüento mais... não consigo dar conta de tudo!

Noemy tentou acalmá-la por quase cinco minutos. Então, meio chorosa, Cláudia informou que precisava desligar por que Luke estava berrando e implorou-lhe para que fosse ajudá-la.

— Verei o que posso fazer — foi o melhor que conseguiu prometer. Largou o telefone, muito preocupada. Em outras circunstâncias voaria para Penny Dale o mais rápido possível.

Noemy suspirou profundamente e foi para a cozinha. Lavou a louça, enxugou e guardou tudo. Daquela vez era Cláudia quem não lhe saía da cabeça.

Pegou um espanador e foi para a sala. Cláudia sempre a ajudara

quando precisara dela, e naquele momento Noemy não podia ir em seu auxílio. Lembrou-se então de que estava a quilômetros de distância de Penny Dale.

Sua ansiedade atingiu o clímax quando ouviu Brian retornar. Desejou correr até ele e suplicar-lhe para deixá-la ir, mas já sabia de antemão a resposta que iria obter: "Não seja repetitiva".

Brian parou no limiar da porta de entrada, fitando-a; franziu a testa, lançando-lhe um olhar cheio de preocupação. Com certeza notara sua angústia.

— Brian! — Ela tinha de lhe falar.

— Sim? — Ele aproximou-se devagar.

— Eu... — ela hesitou por um momento e resolveu dizer a verdade. — Minha irmã quer me ver!

— Sua... irmã quer vê-la? — Ele ergueu uma das sobrancelhas numa atitude de desconfiança.

— Liguei para ela quando você saiu — confessou e recebeu um olhar de reprovação.

— Naturalmente — ele observou, sarcástico.

— Acontece que... — ela continuou, ainda hesitante — minha irmã está deprimida... e eu achei que seria bom se nós... ela e eu... você precisava ouvir a voz dela...

— Por que está deprimida? — Brian indagou.

— Ela teve um bebê... recentemente. — Noemy se deteve um pouco para pensar bem no que iria dizer. De qualquer forma, não diria nada sobre estar com Gerry naquela noite do atropelamento. — Algumas mulheres sentem-se desanimadas depois do parto.

— Ela não está com sua mãe?

— Não. De onde tirou essa idéia?

— Você me disse! — ele declarou. — A pergunta me parece óbvia, uma vez que sua irmã mora com seus pais. A não ser que ela não se dê bem com eles.

— Oh... — Noemy murmurou, enrubescendo diante do olhar perscrutador de Brian. — Cláudia... não mora em Solihull... na verdade.

— Onde ela mora na verdade! — ele quis saber.

— Com o marido... e cinco filhos — Noemy confessou.

— Onde? — Brian insistiu.

— Em Penny Dale — ela informou e, vendo que ele não conhecia o pequeno vilarejo, esclareceu: — Fica perto de Reefingham.

— A que distância?

Noemy já estava irritada com aquele monte de perguntas.

— Uns oito quilômetros. — Ela encolheu os ombros indiferente.

— Praticamente ao lado da sua casa — Brian comentou.

— Isso mesmo — Noemy concordou, áspera.

— Sua mala já está pronta? — ele perguntou de repente, após alguns instantes de silêncio.

— Como? — ela indagou, desorientada.

— Sua mala — Brian repetiu. — Se quisermos estar em Penny Dale antes do cair da noite, é bom não perdermos tempo — advertiu.

Após fazerem as malas, chamaram a sra. Macdonald pelo telefone, informaram que estavam partindo e pediram para que ela fosse limpar e arrumar o bangalô.

Com Brian na direção, passaram pela casa da sra. Macdonald para deixar a chave e partiram pelo mesmo caminho por onde haviam passado, três semanas antes.

No fundo Noemy sentia um enorme desânimo por estarem indo embora e ficou satisfeita por Brian querer dirigir. Aquilo tudo parecia estranho, pois lá no bangalô ela conhecera o prazer e a tristeza, a felicidade e a angústia. E o principal: descobrira que amava Brian, e naquele momento a convivência entre eles estava próxima do fim. Desejou que aquela viagem nunca terminasse.

— Está com fome? — Brian perguntou subitamente, e Noemy teve de disfarçar as lágrimas que haviam surgido em seus olhos.

— Um pouco — ela mentiu.

Assim que pararam, Noemy recriminou-se por estar retardando a chegada em Penny Dale, já que a irmã precisava tanto dela. Mas adiar o momento de dizer adeus ao homem que lhe roubara o coração era mais importante.

Após aquela parada, Brian dirigiu por três horas sem parar. Noemy esperou que ele fizesse uma pausa para tomar um chá mas, como isso não aconteceu, ela mesma decidiu fazer a sugestão.

— Poderíamos parar para tomar uma xícara de chá?

Não se demoraram muito e, na volta ao carro, Noemy se ofereceu para dirigir, achando que Brian estava cansado. Ele no entanto recusou.

— Não estamos muito longe agora — Brian observou com indiferença.

Então Noemy lembrou-se de um perigo iminente: Brian a levaria até a casa de Cláudia, em Penny Dale. Então rezou para que Gerry trabalhasse até mais tarde naquele dia também. Não queria que Brian o visse. Talvez o reconhecesse...

— Nós... poderíamos ligar para o Belvedere e avisá-los de que você pegará o carro hoje à noite — ela sugeriu, na esperança de que ele não demorasse na casa de Cláudia.

— Não é necessário — ele replicou calmamente, deixando-a frustrada.

Noemy tinha de saber o que Brian faria quando chegassem a Reefingham.

— Você vai dirigir de volta para Londres ainda esta noite? — ela quis saber, tentando parecer o mais desinteressada possível.

— Ainda não pensei nisso — ele informou, aborrecido.

Noemy permaneceu calada, remoendo suas dúvidas.

Quando passaram pela placa que indicava o retorno para entrar em Penny Dale, apressou-se a informar:

— Não é necessário você se desviar do seu caminho. Existe...

— Não tem problema — Brian interrompeu-a. — Para quem já viajou centenas de quilômetros, oito a mais ou a menos tanto faz.

— Sim, mas... você deve estar querendo passar pelo Belvedere, para pegar seu carro... — Deteve-se diante do olhar interrogativo de Brian. Então resolveu usar outra tática. — Você já está sendo muito amável. Não me parece direito fazê-lo...

— Você me chamou de muitas coisas durante o tempo em que estivemos juntos — ele a interrompeu novamente. — Mas nunca me acusou de amável.

Noemy teve vontade de bater nele. Então suspirou, sentindo-se derrotada.

— Eu apenas não gostaria de largar Cláudia para levá-lo até Reefingham — tentou argumentar.

— E eu nem sonharia em permitir uma coisa dessa — Brian garantiu gentilmente. — Tenho certeza de que o serviço local de táxi será mais do que adequado.

Daí em diante, Noemy só falou para orientar Brian até a casa de Cláudia. Torcia em silêncio para que ele e Gerry não se encontrassem.

Assim que estacionaram, Noemy percebeu que tudo estava começando errado. Cláudia aproveitava no jardim os últimos raios de sol daquela tarde de quinta-feira.

— Noemy! — a irmã gritou de alegria quando a viu entrar pelo portão acompanhada de Brian.

As duas se abraçaram, e Noemy analisou Cláudia, que parecia estar muito bem.

— Cláudia — ela sorriu, olhando para Brian a seu lado —, este é Brian

Kendrick.

Noemy torceu para que a irmã, que estava sempre muito ocupada com a casa e os filhos, não se lembrasse daquele nome, recentemente envolvido num acidente na avenida principal de Reefingham.

— Brian — ela continuou sorrindo —, esta é minha irmã, Cláudia Overton.

Imaginou se seria muito cedo para dizer à irmã que precisavam de um táxi.

— Onde estão as meninas? — ela indagou, torcendo para que tivessem saído com a mãe de Gerry, para dar um tempo para a irmã.

— Gerry levou-as para tomar sorvete — Cláudia informou, radiante. Pelo olhar de Brian, Noemy percebeu que ele registrara aquele nome. — Gerry é meu marido — Cláudia explicou, sorrindo —, e as meninas são minhas filhas. E este — ela puxou o carrinho do bebê e disse com orgulho: — é meu filho.

O pequeno Luke era lindo, mas Noemy não conseguiu apreciá-lo muito, pois estava mais preocupada em se ver livre de Brian o mais rápido possível, antes que Gerry retornasse. Embora duvidasse de que o cunhado deixasse escapar alguma coisa, não achava boa idéia os dois se encontrarem.

Sentiu o coração apertado quando ouviu a irmã oferecer um refresco a Brian.

— Brian não vai ficar! — ela interveio, recusando por ele. Olhou para a irmã, depois para os olhos negros penetrantes e forçou um sorriso. — Você disse alguma coisa sobre tomar um táxi, não é mesmo?

— Sim, eu disse — ele replicou, mas logo em seguida tentou continuar: — Talvez...

— Posso usar o telefone para chamar um táxi? — Noemy se apressou a perguntar.

— Claro — Cláudia concordou, sorrindo.

Noemy deu um passo na direção da casa, mas seu coração quase parou quando ouviu a irmã comentar com Brian:

— Notei, quando chegaram, que você estava dirigindo. — Ela sorriu. — Talvez você seja como meu marido, que não suporta sentar-se num carro com uma mulher à direção.

Naquele mesmo instante, Brian fitou os olhos azuis que expressavam todo o medo que Noemy sentia. Ele percebeu que alguma coisa estava errada.

Noemy se esqueceu do telefonema e tentou rapidamente pensar em

algo para falar que desviasse a atenção de Brian. Entretanto, ele foi mais ágil novamente.

— Noemy nunca mencionou que seu marido partilhava da mesma aversão que eu. — Ele sorriu, charmoso, para Cláudia.

Noemy rezou para que a irmã não respondesse, mas é claro que o esforço foi em vão.

— Isso não me surpreende. — A irmã sorriu também. — Provavelmente ela ainda está zangada com Gerry pelo que aconteceu na última vez em que ele dirigiu o carro dela.

— E o que aconteceu? — Brian parecia muito interessado em saber.

Noemy tentou se acalmar, convencendo-se de que Gerry não lhe contara sobre o acidente.

— Eu estava no hospital, Luke acabara de nascer — Cláudia continuou inocentemente. — Gerry e Noemy iam me visitar. Então, o carro de meu marido enguiçou e ele ligou para a minha irmã, pedindo-lhe que fosse pegá-lo. Mas Gerry é Gerry, não permitiu que ela guiasse. Descaramento: é assim que eu classifico a atitude de meu marido. — Ela sorriu para Noemy. — Principalmente depois que você teve o trabalho de vir pegá-lo.

— Há quanto tempo você teve o seu bebê? — Brian quis saber.

Noemy sentiu que o sangue lhe sumia do rosto. Mal conseguia acreditar que aquele pesadelo era real. Brian se inclinou para o bebê, como que para avaliar-lhe a idade.

— Luke completará quatro semanas na próxima segunda-feira — Cláudia declarou com orgulho.

Noemy teve vontade de gritar. A irmã estava contando tudo. De repente sentiu as pernas tremerem, mal conseguiu se manter em pé. Então Cláudia continuou, acrescentando mais:

— Não me surpreenderia se Noemy não falasse com meu marido chauvinista nunca mais — Cláudia continuou.

— Por quê? — Brian inquiriu, educado.

— Tenho certeza de que Brian não está interessado nesse assunto — Noemy conseguiu dizer afinal.

— Mas é claro que estou, Noemy — ele replicou gentilmente, e Cláudia não precisou de muito encorajamento para contar tudo.

— Segundo o meu marido, depois de ele e Noemy terem ido me visitar, resolveram comemorar o nascimento de Luke. Na volta para casa, Gerry perdeu a direção e bateu num muro.

— Com licença — Noemy murmurou em voz baixa e entrou na casa

para telefonar. Não havia nada que pudesse fazer para remediar o caso.

Após fazer a chamada, ela voltou ao jardim, juntando-se a eles novamente, sem coragem de olhar para Brian.

— Gerry estava realmente preocupado, Noemy — a irmã relatou com sinceridade. — Acho que ele não iria me contar nada, mas percebi que algo o preocupava e o convenci a confessar o motivo.

Naquele momento, Luke despertou e começou a chorar. Para alívio de Noemy.

Por sorte, logo depois o táxi chegou. Brian se despediu de Cláudia e não disse nada a Noemy. Mesmo quando retirou seus pertences do carro dela, não a fitou nenhuma vez. Depois entrou no táxi.

Noemy correu até ele.

— Brian! — chamou-o, angustiada.

Ele se voltou, encarando-a, carrancudo.

— Você não vai... — Ela engasgou. — Por favor... não faça nada para...

Deteve-se quando viu a expressão cruel nos olhos escuros.

Sem dizer uma palavra, Brian fez sinal para que o táxi partisse.

Cláudia não conseguia conter a curiosidade e, mesmo com Luke berrando no colo, perguntou por sobre o carrinho:

— Quem... é ele!

Noemy desviou o olhar, sem querer responder.

— Aí estão eles: Gerry e as meninas — ela disse, agradecendo por terem chegado naquele momento.

Gerry estacionou, e as meninas saíram correndo e gritando o nome da tia.

— Chega, meninas! — Cláudia riu enquanto ralhava com as filhas, sem muita autoridade. — Noemy vai ficar cheia de sorvete. Venham lavar as mãos antes de abraçá-la.

— Olá, Noemy, como vão as coisas? — Gerry a cumprimentou, beijando-a no rosto. Parecia preocupado.

— Muito bem, obrigada.

A confusão foi geral: com quatro mocinhas desejando chamar a atenção e o pequeno Luke exigindo seus direitos, eles não tiveram chance de conversar.

A cama de Noemy já havia sido arrumada, e as crianças já tinham ido dormir quando Gerry foi informado de que um homem chamado Brian Kendrick dirigira o carro da cunhada até ali. Ele se mostrou preocupado; Noemy pressentia que teriam problemas pela frente, mas duvidou de que fosse possível conversar em particular com o marido da irmã.

Sabia que era errado não avisá-lo, mas se Cláudia o visse aborrecido acabaria extorquindo a verdade, que lhe traria mais preocupações.

Portanto, Noemy sorriu e se esforçou para aparentar alegria e despreocupação. Gerry descontraiu-se, e Cláudia mostrava-se muito alegre.

— Você parece muito melhor do que quando eu liguei esta manhã, não é mesmo, querida? — Noemy indagou.

— Sim, ainda bem! — Cláudia replicou, suspirando profundamente. — Nada parecia dar certo hoje cedo — ela justificou-se e pediu desculpas. — Sinto muito pelo escândalo que arrumei quando você telefonou. Arrependi-me assim que desliguei...

— Isto é perfeitamente compreensível — Gerry interveio, fitando Cláudia com amor.

— Alguém já lhe disse que é o melhor marido que uma mulher poderia desejar? — Cláudia o provocou.

— Bem, depois de um elogio desse, é melhor eu fazer um café para provar minhas qualidades. — Gerry sorriu, maroto, e saiu.

— Então, quem é ele! — Cláudia se apressou em perguntar à irmã.

— Pensei que você já o tinha esquecido — Noemy retrucou, tentando ganhar tempo. Precisava encontrar uma explicação convincente para justificar a presença de um estranho, de quem Cláudia nunca ouvira falar.

— Um tipão daquele é difícil esquecer — Cláudia observou. — Eu não perguntei sobre Brian na frente de Gerry de propósito, para não deixá-la constrangida.

Noemy entendeu as insinuações da irmã: uma vez que ela nunca levara nenhum homem lá, exceto Robert, e devido à sua relutância em falar sobre Brian, Cláudia chegara a uma conclusão lógica. Mas ao mesmo tempo aquilo lhe deu uma ótima saída.

— Brian é... uma pessoa... especial — Noemy confessou a verdade.

— Também achei! — Cláudia concordou.

— Eu não deixei isso transparecer, não é mesmo? — Noemy indagou, assustada.

— Claro que não — a irmã lhe assegurou. — Onde você o conheceu? Foi enquanto esteve com mamãe e papai?

— Eu... — Noemy titubeou, nervosa, sabendo que precisava ser cautelosa. — Eu... — repetiu, fugindo da questão. — Eu estou um tanto... Você se importa se mudarmos de assunto?

Noemy se odiou por aquela atitude quando Cláudia a fitou, compreensiva.

— Eu entendo, você ainda não sabe como Brian se sente a seu respeito, não é?

Noemy foi para a cama achando que não poderia ter encontrado justificativa melhor: Cláudia jamais faria perguntas sobre Brian se soubesse que isso a magoava.

Teve um sono agitado, acordando várias vezes com o rosto ameaçador de Brian na mente. Jamais esqueceria a expressão cruel dos olhos negros naquela tarde. Ao mesmo tempo, sentia um vazio enorme por saber que ele não se encontrava no quarto ao lado; fazia-lhe muita falta, e desejou tê-lo a seu lado.

Ficou muito tempo acordada, sentindo uma tristeza enorme por saber que não o veria nunca mais.

Acordou na manhã de sexta-feira com o choro de Luke. Subitamente lembrou-se do que Cláudia contara a Brian e entrou em pânico.

Saiu da cama, tomou banho e se vestiu. Desceu a escada apreensiva, imaginando que a próxima carta que receberiam seria uma intimação destinada a Gerry.

Não sabia se Cláudia contara alguma coisa ao marido. Gerry saíra cedo e Noemy manteve-se bastante ocupada, portanto não conseguira conversar com ele.

Noemy passou a manhã limpando e arrumando a casa. As três sobrinhas mais velhas estavam na escola; Cláudia cuidava de Luke e contava histórias para a pequena Prudence, de três anos, enquanto passava uma pilha enorme de roupas.

— No que está pensando? — Cláudia indagou após algum tempo, fazendo Noemy sobressaltar-se.

— Nos problemas que terei quando voltar a trabalhar — Noemy mentiu, mas não queria que a irmã continuasse bisbilhotando.

Quando foi buscar as meninas na escola, os pensamentos de Noemy continuavam em Brian. O que iria fazer? Será que o tempo que haviam passado juntos na Escócia não significara nada para ele? Aprendera a considerá-lo um homem justo mas, levando-se em conta sua aversão em ser passado para trás, talvez achasse que o castigo pelo atropelamento ainda não estava pago.

Voltou com as sobrinhas para casa num clima de descontração. Contudo, assim que se passaram umas duas horas, a ansiedade que tomava conta dela chegou a um nível insuportável. Precisava agir.

— Vou telefonar — comunicou a Cláudia.

— Tudo bem. Vamos, meninas! Vamos para o quintal ver se achamos

um cantinho gostoso para fazer um piquenique?

— Não há necessidade de... — Noemy começou a dizer.

— Há, sim — Cláudia retrucou, interrompendo-a. — Você não calcula o barulho que elas são capazes de fazer. Seria impossível você conversar em paz.

Noemy estava sem coragem. Levou cinco minutos para se convencer a fazer a ligação. Discou o número das indústrias Kendrick com os dedos trêmulos. Enquanto esperava ser atendida, suspirou profundamente.

— Indústrias Kendrick, boa tarde — atendeu uma voz agradável.

— Srta. Boulter, por favor — ela pediu, achando que perderia seu tempo se chamasse o sr. Kendrick diretamente.

— Helen Boulter — alguém apresentou-se num tom de voz eficiente.

— Srta. Boulter, aqui é Noemy Haynes... poderia falar com o sr. Kendrick?

— Sinto muito, mas ele não se encontra no momento. Quer deixar algum recado ou falar com outra pessoa?

Noemy achou que aquele era o procedimento normal para poupar Brian de atender a chamados sem importância. Então acrescentou um leve riso ao seu tom de voz.

— Oh... eu devia ter dito que é um chamado pessoal... Se disser a Brian que é Noemy, tenho certeza de que...

— Sinto muito, srta. Haynes, mas o sr. Kendrick está viajando de férias, fora do país.

Noemy desligou o telefone sentindo-se derrotada, com raiva. Saber que Brian não demorara nada para afastar-se de tudo o que se passara entre os dois mortificava-a. Uma pergunta preocupante surgiu-lhe na mente: teria ele passado em seu advogado antes de ir para o aeroporto?

Durante uma hora desfrutou de um piquenique no jardim, tentando mostrar que estava mais contente após o telefonema. Na realidade, o ciúme a corroía. Provavelmente Brian viajara acompanhado da destinatária daquelas duas dúzias de rosas.

Gerry chegou um pouco mais tarde, e Cláudia sugeriu que ele levasse a família toda para o supermercado.

— A família toda? — ele repetiu, divertido, encolhendo os ombros. — Isto é mesmo necessário?

— A despensa está vazia — Cláudia o informou.

— Então vamos lá! — Gerry concordou e sentou-se para tomar uma xícara de chá. — Dê-me apenas alguns minutos para recuperar minhas forças.

— Não faz mal se eu não for? — Noemy indagou.

— Que vai ficar fazendo? — Gerry perguntou.

Quando ficou sozinha, Noemy sentou-se no sofá e com calma relembrou os fatos. Obviamente o telefonema daquele dia mereceu a maior atenção. A secretária dissera que Brian estava fora do país. Seria verdade?

Helen Boulter parecia eficiente e cumpridora de seus deveres: fazia o que o chefe mandava. Ela mesma havia presenciado seu desempenho ao providenciar o "refúgio" na Escócia. Mas onde estava Brian?, perguntou-se, angustiada.

Então teve a idéia de ligar para o bangalô. Sentiu um frio no estômago enquanto aguardava, mas ninguém atendeu o chamado.

Colocou o fone no gancho e suspirou, cansada. Parecia imperativo que entrasse em contato com Brian mas estava confusa. Não sabia se aquela urgência se devia ao fato de querer suplicar-lhe para não prejudicar a vida de sua irmã ou ao desespero de querer ouvir-lhe a voz.

Noemy não acreditava que Brian estivesse no hotel Belvedere, mas mesmo assim viu-se compelida a ligar para lá, já que não lhe ocorreu uma idéia melhor.

— Hotel Belvedere, boa noite.

— Poderia me ligar com a suíte do sr. Brian Kendrick, por favor? — ela pediu e, chocada, ouviu a recepcionista pedir-lhe que esperasse um instante.

Nem havia se recuperado da surpresa quando a telefonista informou que ia completar a ligação.

Noemy abriu a boca, mas sua voz não saiu. Do outro lado também permaneceram em silêncio.

— É... Brian? — conseguiu balbuciar.

— Você está bem, Noemy? O que aconteceu?

— Eu... não sabia onde encontrá-lo. — Sentiu-se uma perfeita idiota dizendo aquilo. Como ele nada comentou, continuou: — O que... você vai fazer?

— Sobre o quê?

— Sobre Gerry — ela esclareceu, demonstrando tensão.

— Por que não vem até aqui e descobre por si mesma? — O tom dele era de arrogância.

Noemy não teve tempo de responder; ele simplesmente desligou.

## CAPÍTULO IX

O primeiro impulso de Noemy, após o telefonema, foi pegar o carro e correr para o Belvedere o mais rápido possível. Mas as coisas não eram tão simples assim: precisava esperar a volta de Cláudia e Gerry para avisá-los e nem sabia se eles tinham levado a chave de casa.

Além disso, não se sentia pronta para encarar Brian; queria estar calma quando o visse novamente. Aproveitou então o tempo de espera para tomar uma ducha e trocar de roupa. Escolheu um vestido de linho azul, passou uma maquilagem leve e prendeu os cabelos louros num coque; algumas mechas soltas emolduravam o rosto delicado e lhe davam um leve toque de sofisticação. Depois, afastando-se, mirou-se no espelho. Satisfeita, viu uma mulher segura e elegante ali refletida.

Desceu lentamente a escada, sentindo-se mais confiante. Ela levara aquele vestido para a Escócia, mas não tivera oportunidade de usá-lo. Portanto Brian não o conhecia. Pelo que lembrava, também não prendera os cabelos daquele jeito enquanto haviam estado juntos.

De qualquer forma, naqueles dias de "férias" Brian nem podia notar sua aparência, tão interessado que estava em irritá-la e fazê-la pagar por sua culpa no acidente.

Após duas horas de espera angustiante, viu pela janela o carro de Gerry se aproximar. Saiu da casa e já estava com as chaves do carro na mão quando o cunhado entrou na garagem.

— Vou sair — comunicou, aproximando-se da janela aberta do lado de Cláudia.

Diante da expressão séria de Noemy, Cláudia desistiu da brincadeira maliciosa que tinha na ponta da língua.

— Seja lá o que for, tenho certeza de que dará certo — encorajou-a com um olhar de cumplicidade.

À medida que Noemy se aproximava de Reefingham, seu coração batia mais rápido.

Ao estacionar à frente do hotel, olhou-se no espelho para conferir sua aparência. Desejava que sua expressão não mostrasse o turbilhão que lhe ia no íntimo.

— Poderia avisar o sr. Kendrick de que estou aqui? — Pediu ao recepcionista.

— Srta. Haynes? — o rapaz perguntou, sorrindo. E diante da resposta afirmativa dela, prosseguiu: — O sr. Kendriçk está a sua espera. Pedirei que alguém a acompanhe até lá em cima.

Ao chegarem à porta do apartamento de Brian, o funcionário do Belvedere que a guiava afastou-se discretamente. Noemy bateu de leve. Estava trêmula e sentiu vontade de sair correndo. Contudo, permaneceu firme no lugar, relembrando que fora até ali para tratar do destino de Gerry. Então a porta foi aberta e Brian apareceu a sua frente, tão atraente como sempre. Os olhos negros fitaram seu rosto e em seguida passearam pelas formas arredondadas que se delineavam sob o vestido. Então examinaram o cabelo e retornaram para as faces afogueadas. Ele parecia cansado.

— Você veio a pé? — indagou, sarcástico, após a minuciosa observação. Certamente referia-se ao tempo que ela demorara para chegar até lá.

— Cláudia e... eu tinha de... eles foram ao supermercado e eu tive de esperar até voltarem. Não sabia se eles... — Noemy parou de falar, percebendo que gaguejava. Passou por ele, entrando na confortável suíte de vários cômodos.

— Sente-se — ele convidou, lacônico, assim que fechou a porta e atravessou a sala acarpetada. Indicou-lhe um dos dois sofás em frente à lareira.

— Obrigada — ela murmurou polidamente e se acomodou, cruzando as pernas com naturalidade numa tentativa de parecer à vontade. Não sabia por onde começar. — Você... pediu que eu viesse.

— O que você cumpriu num tempo... justo — ele observou, frio, tomando lugar no sofá em frente a Noemy.

— Você sabe por que estou aqui.

— Que tal me relembrar? — ele sugeriu, fazendo Noemy enraivecer-se.

— Gostaria de saber o que vai fazer em relação a... — ela começou, controlando-se, mas voltou a ficar exasperada — ...a Gerry, meu cunhado?

— Ah, sim, Gerry, o homem que ligou para você quando estávamos em Kilcaber.

— Ele telefonou para pedir que eu voltasse para ajudar Cláudia — Noemy esclareceu.

— Você já havia ligado antes, para dizer onde se encontrava.

— Eu precisava ligar... você não entende? — Ela se exaltou. — Ninguém sabia onde eu estava... exceto o sr. Probert... meu chefe. — Percebeu que Brian não se esquecera do telefonema que ela fizera de seu apartamento e continuou: — Bem, ele achava que eu estava em Solihull. De qualquer modo, o importante era Cláudia não descobrir que eu não fora ver minha mãe, o que fatalmente aconteceria se Robert telefonasse para

ela...

— Para sua mãe? — Brian interrompeu, e ela até agradeceu o corte, pois já começava a falar demais.

— Sim — assentiu. — Na verdade, se eu soubesse que Robert ficaria tanto tempo em Gales, não teria...

— Você ainda não o viu desde que voltamos?

Noemy balançou a cabeça num gesto de negação. Desde que haviam retornado, pensara apenas uma vez em Robert. Mesmo assim, por um breve momento.

— Não — ela declarou, vendo a expressão agressiva de Brian suavizar-se um pouco. — Se eu tivesse ligado para Robert primeiro, saberia que...

— Ligou de Kilcaber também para Robert? — ele interrompeu, furioso.

— Eu... — Noemy estava uma pilha de nervos — ...liguei para o trabalho dele... mas não o encontrei...

— Sobre o que queria falar com ele?

Noemy se irritou com aquelas interrupções constantes; será que aquele insensível não via o quanto lhe estava sendo difícil aquela conversa?

— Porque ele é meu namorado! — ela respondeu.

Brian estreitou os olhos e parecia que pularia em cima dela a qualquer momento.

Noemy se apressou em completar:

—E porque precisava preveni-lo de que não ligasse para minha mãe.

— Por que ele faria isso? — Brian perguntou com impaciência.

Noemy estava estranhando as atitudes de Brian, não entendia o que sua vida pessoal tinha a ver com o futuro de Gerry.

Pelo visto, teria de responder a cada uma daquelas perguntas chatas, se desejava obter êxito.

— Porque... — ela começou — eu sabia que, se Robert ligasse para minha casa e não me encontrasse, telefonaria para a prefeitura e o sr. Probert contaria que eu estava com minha mãe. Ou, então, procuraria por Cláudia, que lhe diria a mesma coisa.

— O que o faria ligar para sua mãe e descobrir que você não estava lá — Brian concluiu depressa.

— Exatamente.

— Você não temia que Cláudia ligasse para Solihull procurando-a? Pelo que pude ver, você e sua irmã são muito unidas — ele avaliou num tom de voz mais gentil.

— Somos, sim — Noemy confirmou. — Mas Cláudia e meus pais... se

desentenderam há alguns anos, e eu achei que isso me ajudaria por algum tempo. Quando contei a Gerry onde estava, ele disse à Cláudia que eu viajara de férias com meus pais, para minha mãe descansar dos afazeres domésticos e recuperar-se. Com isso, estava descartada a hipótese de ela ligar para Solihull.

— Agora eu pergunto — Brian cortou — Por que um marido mentiria para a própria esposa.

— Você sabe por quê! — Noemy replicou.

— Não, eu não sei. Também não tenho certeza se sei por que você mentiu naquele nosso primeiro encontro, no hospital.

— Eu... é que... — Noemy se deteve e começou tudo de novo. — Gerry não poderia contar para Cláudia a verdade sobre o acidente. Será que não entende? Isso lhe causaria um aborrecimento enorme.

— Por quê? — ele perguntou devagar. — Se ele contou a ela que amassara seu carro batendo num "muro", então por que não contou logo a verdade? Não queria que a esposa descobrisse o quanto fora covarde fugindo daquele jeito?

Noemy permaneceu calada; sentia-se atordoada. Brian tinha tudo para denunciar Gerry. Decidiu então que não diria mais nada. Ele que deduzisse o resto sozinho.

— Considerando-se que ninguém morreu — ele continuou — e que vocês haviam tomado um único drinque, portanto ele não seria indiciado por dirigir embriagado, não vejo motivo para ocultar o acidente. — Noemy soube então que não demoraria para Brian chegar à verdade. — Seu cunhado já respondeu a outros processos por infrações de trânsito, não é verdade?

Noemy continuou fitando-o em silêncio. Estava atônita com tamanha rapidez de raciocínio.

— Claro, é mais do que óbvio — ele ratificou. — Gerald Overton já deve ter processos em número suficiente para que num próximo delito sua licença seja cassada!

— Ele precisa da carteira de habilitação para trabalhar, Brian! — Noemy descruzou as pernas, inclinando-se para a frente.

Só então deu-se conta de que lhe entregara toda a verdade de mão beijada. Como fora tola! E agora, o que iria fazer? Ajoelhar aos pés de Brian implorando-lhe que não denunciasse Gerry?

— Será que não percebe que, para a segurança de Cláudia e das cinco crianças, seria um crime denunciar Gerry? — Noemy argumentou.

— Um crime? — Brian repetiu.

— Não dá para você entender que, com a segurança da minha irmã em jogo, eu nunca devia ter me aventurado pela ala dos acidentados do Hospital Geral de Reefingham, logo no dia seguinte ao acidente? — Noemy começou a tentar uma outra argumentação: — Será?...

— Mas você se aventurou — Brian afirmou, seguro.

— Eu não tive a intenção — ela esclareceu. — Acontece que não consegui dormir direito naquela noite e, na manhã seguinte, quando escutei no rádio que você estava no hospital e que perdera a memória, senti-me horrível.

— Era o mínimo que podia fazer por mim! — ele resmungou.

— Eu quis parar, quando batemos em você — ela garantiu. — Estava certa de que Gerry pararia, mas ele...

— Ele se recusou — Brian terminou a frase por ela.

Noemy não ousou admitir aquilo e continuou:

— Por causa do acidente, de não ter parado não consegui me concentrar no trabalho no dia seguinte, o sr. Probert achou que eu estava preocupada com Cláudia e...

— Ela não estava passando bem?

— Nada de muito grave — Noemy explicou. — A temperatura dela subira de repente, obrigando-a a permanecer no hospital por mais dois dias. De qualquer modo, ao descobrir diversos erros no meu trabalho, o sr. Probert achou que eu estava nervosa por causa de Cláudia...

— Você estava preocupada comigo? — Brian indagou em voz baixa.

— Claro que sim! — ela exclamou. — Qualquer um ficaria! — desabafou, voltando rapidamente ao relato: — Então o sr. Probert permitiu que eu saísse por uma hora para visitar Cláudia. E... quando percebi... estava na ala dos acidentados.

— Sua consciência a carregou para lá, para me ver — Brian deduziu.

Subitamente, Noemy descobriu que não conseguia mais mentir para ele.

— Eu não tinha intenção nenhuma de visitá-lo — ela confessou. — E procurava a sala das enfermeiras, quando abri a porta errada e... Levei o maior susto da minha vida quando dei de cara com você.

— Você me reconheceu imediatamente, não foi? — ele perguntou e, mesmo que pudesse, Noemy não tinha como negar aquilo. Ele se lembraria de que ela começara a conversar com ele, indo direto ao assunto do acidente.

— Você olhou para mim — ela explicou — um pouco antes de o carro bater em você e... eu sabia que nunca mais esqueceria seu rosto.

Ela tremia e ficou ainda mais assustada quando Brian levantou-se e, com dois passos largos, acomodou-se a seu lado no sofá.

Fitando os enormes olhos azuis, que refletiam pureza e ingenuidade, ele murmurou suavemente:

— Pobre Noemy! Você sofreu um bocado, não é mesmo?

— Eu... — A voz dela morreu na garganta. Mal podia acreditar na ternura que os olhos negros expressavam. Mas, ainda desconfiada, falou a primeira coisa que lhe veio à cabeça. — Você... também me reconheceu de imediato? No hospital... você disse que não perdeu a memória.

— Do acidente não me lembro de nada — esclareceu ele. — Quando acordei, no hospital, a enfermeira me contou que eu tinha sido atropelado por um motorista que fugiu. Então, enquanto eu ainda lutava para colocar minhas idéias em ordem, surgiu à minha frente uma loira belíssima, carregando cravos vermelhos no braço.

Não querendo que Brian percebesse o quanto aquele elogio a tocava, Noemy confessou num fio de voz:

— Na realidade... os cravos eram para Cláudia.

— Sim, mas naquela hora eu não sabia disso — ele declarou, não parecendo ofendido. — Fiquei pensando sobre você um bom tempo, depois que foi embora.

— Você... pensou em mim? — ela indagou com cautela.

— E muito — Brian confirmou em voz baixa.

Noemy intuiu que as idéias de Brian a seu respeito pouco tinham a ver com o acidente, mas ele ainda estava confuso.

— Isto é... natural, eu suponho — ela comentou, sentindo a tensão crescer no ambiente. — Eu... conforme pensou... enfiara você num hospital. Era natural que... pensasse em mim.

— Foi exatamente o que eu disse a mim mesmo — murmurou ele. — Nada mais natural do que ficar zangado, ouvindo você contar todas aquelas mentiras sobre a ambulância. E nada mais natural do que ficar furioso com você por ter me deixado ferido e incapacitado numa cama de hospital, o que particularmente odeio! — E continuou, num tom de voz mais carinhoso: — Mas então eu me perguntei por que, apesar de tudo, também me sentia intrigado com você.

— Intrigado? — Noemy indagou, angustiada.

— Claro. Como poderia deixar de ficar intrigado com uma bela mulher, que após ter me atropelado e fugido, reapareceu ao lado da minha cama, mesmo sabendo que poderia enfrentar um monte de perguntas indesejáveis?

— Eu fui... um tanto estúpida, não é mesmo? — ela falou num fio de voz.

— Eu não diria isso. Apenas uma pessoa preocupada com os outros, o que logo deu para notar.

Noemy não respondeu.

— No entanto, sua segunda visita ao hospital não foi tão espontânea — Brian continuou.

— Você exigiu que eu fosse vê-lo! — ela relembrou.

— E você demorou... — volveu ele.

— Se desejava tanto a minha visita, por que me tratou daquele jeito? — Noemy falou sem pensar, arrependendo-se em seguida.

A resposta deixou-a perplexa:

— Tive medo de que não fosse aparecer. Arrependi-me por tê-la deixado perceber que não tinha a mínima intenção de denunciá-la pelo acidente. Não imagina o quanto me odiei por isso.

— Você não ia me denunciar? — Noemy balbuciou. — Mas... Quer dizer que fui à Escócia com você por nada? Você...

— É claro que eu não faria isso! — Brian replicou.

— Imagino que não mesmo — ela teve de concordar, lembrando-se de como ele estava abatido ao sair do hospital. — Precisava de alguém que cuidasse de você, então por que não a mesma pessoa que o havia colocado no hospital?

— Foi exatamente o que pensei — ele declarou. — Mas, para ser franco, eu já estava doente antes do acidente.

— Doente? — Noemy não conseguiu disfarçar um tom de preocupação. — O que você?...

— Nada de muito grave — Brian esclareceu, sorrindo com ternura. — Eu estava com uma gripe muito forte, mas não dei importância. De repente, acordei num hospital...

— Mas você estava em Reefingham para tratar de negócios. Não deveria estar trabalhando...

— Sou um viciado no trabalho — Brian confessou com suavidade, como se quisesse acalmá-la. — Admito que meu desempenho não tenha sido dos melhores, sentia-me péssimo. Então quando acordei no hospital, percebi que precisava mesmo de um descanso. Fui obrigado a encarar o fato de que estava exausto.

— Você podia ter pegado uma pneumonia! — Noemy observou, alarmada. — O choque do acidente junto com a gripe poderia ter resultado numa pneumonia!

— Você cuidou muito bem de mim — ele declarou gentilmente.

— Oh, Brian — O suspiro que acompanhou essas palavras foi mais revelador do que ela pretendia.

— Você é tão doce! — ele falou e, sem conseguir resistir, inclinou-se para ela, beijando-a de leve nos lábios. O coração de Noemy disparou. Então, ele se afastou e fitou-a diretamente nos olhos, dizendo: — Não se sinta tão culpada por tudo o que aconteceu, Noemy. Devo confessar que uma ou duas coisas boas resultaram desse acidente.

— O que pode haver de bom em ser atropelado? — ela se indignou, sem perceber que abandonara a defesa de seu cunhado para ficar do lado do homem que a amava.

Brian observou em silêncio o belo rosto contraído e aflito, emocionando-se.

— Talvez eu precisasse desses dias de repouso forçado no hospital — disse ele. — Do contrário, nunca teria feito uma pausa na minha vida para refletir sobre minha necessidade de trabalhar sempre num ritmo alucinante.

— E chegou a alguma conclusão?

— Sim. Descobri que a postura irresponsável e trapaceira de meu pai foi o que me levou a viver buscando a perfeição. Desde cedo resolvi que seria diferente dele.

Era a primeira vez que Brian mencionava o pai, e Noemy envaideceu-se por ele estar confiando a ela um assunto tão íntimo.

— Bem se vê que de irresponsável você não tem nada — ela falou com ternura, ciente de que ninguém chegaria à posição que ele ocupava sem trabalhar duro.

Noemy estava adorando cada minuto daquela conversa.

— Quando tirou suas últimas férias? — perguntou.

— Sem contar a Escócia...

— Que foi um período de convalescença... — ela emendou.

— Está bem. — Ele sorriu. — Não me lembro da última vez que tirei férias.

— Então o repouso forçado pelo acidente foi providencial — Noemy avaliou.

— Foi o que pensei quando acordei naquele hospital sentindo-me todo dolorido e arrasado. Então a idéia de largar tudo por uns tempos me pareceu atraente. Mas minha cabeça estava confusa: quando começava a raciocinar com lógica, adormecia, exausto. Foi assim aquele primeiro dia todo — ele comentou.

— Você chegou a mencionar isso comigo — Noemy relembrou.

— Acho que foi por esse motivo que eu não quis dizer quem era. Preferi desfrutar do prazer de ser anônimo — Brian confessou. — Mas sabia que isso não ia durar muito tempo.

— O gerente do hotel estragou sua brincadeira — ela zombou.

— Verdade — ele concordou. — E, quando você me visitou pela primeira vez, eu já estava pensando seriamente em tirar uma folga.

— Bem que estava precisando.

— Descobri que viver em constante agitação não levava a lugar algum. Então achei que era a hora certa para parar um pouco e recarregar a bateria.

— Então você tomou essa decisão conscientemente.

— Mais ou menos. Eu sabia que a empresa poderia caminhar perfeitamente sem mim por um mês... então, comecei a pensar em achar um refúgio.

— Você desejava ficar longe da imprensa — Noemy concluiu, e ele assentiu com a cabeça.

— Mas ir para onde? Eu nem podia dirigir.

— Então pensou em mim.

— Pareceu-me lógico. Mas até essa idéia partiu de você mesma quando, preocupada, disse que eu não poderia sair do hospital sem alguém que cuidasse de mim. Portanto, quem melhor que você? Eu sabia que podia manejá-la ao meu bel-prazer, já que se sentia em dívida comigo.

Os fatos subitamente ficaram confusos na cabeça de Noemy. Por um lado, achava-se uma tola pelo modo ingênuo como agira com Brian. Mas, por outro lado, estava ansiosa para saber mais sobre ele.

— Eu tornei as coisas muito fáceis para você, não é mesmo? — ela comentou.

— Fáceis?! — Brian exclamou. — Você deve estar brincando.

— Mas você... foi para o meu apartamento e...

— Quando decidi sair do hospital, minha única alternativa era voltar para Londres, onde com certeza os negócios me envolveriam e eu não descansaria. Senti-me como se tivesse chegado a uma encruzilhada na minha vida, Noemy... — Ele hesitou.

Noemy estava feliz em ouvir aquelas palavras.

— Trabalhei duro para chegar a ser um empresário de sucesso, venci pelos meus próprios esforços... Não há mais nada para provar.

Noemy ficou em silêncio por alguns segundos e desviou o olhar, preocupada em ocultar suas emoções diante de tais confidencias.

— Então — ela concluiu, recobrando-se —, você deu alta a si mesmo, saiu do hospital e foi para o meu apartamento, onde começou a recompor suas energias e...

— Confesso que tive medo de que minha resolução maluca me trouxesse problemas — ele disse meio sem jeito. Parou para observá-la e depois continuou: — Sua idéia de ir para a Escócia foi providencial.

Noemy ficou séria. Lembrou-se de que a ida à Escócia dera a Brian a chance de visitar "alguém" em Perth. Não conseguiu evitar uma pontada de ciúme.

— Porque assim você teve tempo de reavaliar sua vida? — ela perguntou num tom frio.

— Reavaliar... Droga! — Brian replicou, e ela virou o rosto para ele.

Noemy sentiu o coração bater mais rápido quando uma mão forte segurou seu queixo, obrigando-a a se virar para encará-lo.

— Não faça isso comigo, Noemy, não agora. Uma hora você está contente, e na outra esfria completamente — ele pediu, angustiado, e parecia também estar experimentando um turbilhão de emoções. Então, respirou fundo, como se aquilo o ajudasse a se controlar, e continuou: — Eu ainda não recuperei minhas energias.

— Ainda não se sente totalmente bem? — Noemy preocupou-se.

— Fisicamente, sim. Mas como eu posso me recuperar... Organizar minha vida — ele prosseguiu —, ao descobrir... Que fui um fracasso total com você?

Ela ficou completamente aturdida; os olhos azuis pareciam tomar conta do rosto delicado, de tão assustados. Tentou virar a cabeça, mas Brian ainda segurava firmemente seu queixo.

— O que... você... está dizendo? — conseguiu balbuciar.

— Estou dizendo, minha querida Noemy — ele replicou com ternura, fazendo-a sentir um frio no estômago —, que sempre tive a capacidade de olhar para tudo com clareza e objetividade. Assim que conheci você, meu raciocínio lógico desapareceu... em meio a uma mistura de emoções que eu ainda não entendia. Enquanto isso, minha objetividade foi igualmente distorcida.

— Pelas... emoções? — ele confirmou, fitando-lhe os olhos angustiados. Largou o queixo de Noemy e segurou-lhe a mão trêmula. — Antes de entender o que estava acontecendo, vi-me em meio a um turbilhão de emoções que nunca experimentara antes.

— Que tipo... de emoções? — ela quis saber.

Sem perceber, Noemy apertava a mão dele com força.

— Ciúme, por um lado — Brian confessou.

— Ciúme? — ela sussurrou.

— Um ciúme violento — ele confirmou —, só de imaginar que você tivesse um amante, morando no mesmo apartamento.

— Amante... — Noemy, repetiu incrédula.

— Eu ainda estava no hospital — ele esclareceu. — Mal a conhecia quando você começou a argumentar que eu não podia ir ao seu apartamento. Então achei que morasse com alguém. Experimentei a força arrasadora do ciúme... até descobrir que estava errado.

— Céus! — Noemy balbuciou.

— Se você está abalada, imagine como eu me senti — murmurou ele. — Quando lhe pedi para que fosse me ver no dia seguinte e vi que você não chegava, entrei em desespero. Desde aquele dia descobri que morria de ciúme e... quando você foi embora... soube que não fora uma perda de tempo vir até Reefingham e ser atropelado.

Noemy sentia a garganta seca. Queria acreditar com todas as forças do coração no que Brian dizia, mas parecia tudo tão irreal que teve medo.

— Você estava esgotado e doente — ela procurou achar um motivo diferente para aquele estado emocional.

— Foi exatamente assim que eu pensei quando me levantei da cama de manhã cedinho, depois daquela noite que passei no seu apartamento.

— Mas eu não escutei nada.

— Você parecia ter simplesmente desmaiado de cansaço — Brian contou. — Suspeitei de que devia ter passado a maior parte da noite acordada naquele sofá desconfortável. Fiquei parado, olhando para você, quando uma emoção forte tomou conta de mim e meu coração bateu tão depressa que achei que meu peito fosse explodir. Soube então por que havia procurado seu endereço, ainda no hospital, e pego um táxi para ir atrás de você.

Noemy desejava desesperadamente perguntar "Por quê?", mas não teve coragem.

— Você... — ela limpou a garganta antes de continuar — ...achou melhor voltar para a cama. Estava lá quando acordei e fui dar uma espiada em você — ela relembrou. — Você sorriu... — Interrompeu-se, morrendo de vergonha ao perceber as tolices que dizia.

— Você estava adorável, ali parada, com os cabelos dourados caindo em desordem pelos ombros — ele murmurou, olhando de relance para o coque que prendia os cabelos sedosos. — Mas — ele continuou —, quando nos encontramos novamente, à mesa do café da manhã, achei que esse

novo lado emocional que surgira dentro de mim esmagaria meu ser que ainda sofria as conseqüências do acidente. Então reagi sufocando qualquer sentimento de... prazer que sentia em relação a você. Devo dizer que foi muito cruel quando sugeriu que eu parecia estar bem e que poderia ir para casa.

Brian sorriu com ternura diante do silêncio confuso de Noemy.

— Desejava ficar mais tempo com você, Noemy — ele falou suavemente. — E, na viagem para a Escócia, quando se mostrou tão solícita para comigo, procurando saber como eu estava suportando o percurso, fiquei apavorado ao notar o quanto me sentia vulnerável em relação a você.

— Vulnerável... você? — Noemy indagou, perplexa.

— Tudo aquilo era novidade para mim — ele explicou. — Então, quando nos divertíamos com alguma coisa, eu tentava me lembrar de que não admitia ficar vulnerável. Mas estava, porque novamente experimentei um ciúme terrível quando soube do seu namorado. E então, de repente, pela primeira vez em vários anos, consegui relaxar estando longe do meu trabalho. Comecei a me sentir ótimo.

— Fico contente em saber disso — Noemy comentou com sinceridade.

— Eu também — Brian confessou, segurando a outra mão dela. — Sofri de vários modos desde que conheci você, querida Noemy — ele continuou, terno. — Você não quer acabar com esse meu sofrimento?

— Eu... — ela hesitou. Brian a olhava fixamente, e Noemy teve de fazer uma pausa para tomar fôlego. — Eu não tenho certeza... do que está me pedindo.

— Ainda não compreendeu do que estou falando? Por que senti essas coisas? — ele perguntou, a voz grave.

Noemy fitou-o em silêncio. Tinha medo até de piscar. Sentiu o coração se acelerar novamente quando Brian se inclinou para beijá-la no rosto.

— Meu amor, será que me enganei ao avaliar suas reações nas vezes em que fui cruel com você... ou naqueles breves momentos de intimidade? — Ele hesitou por um momento, depois olhou para Noemy atentamente. — E será que não foi ciúme que vi em seus olhos quando você me ouviu mandar rosas para alguém?...

— Eu... — Noemy estava pronta para negar, mas hesitou. Temia que Brian estivesse fazendo apenas um jogo com ela, mas por outro lado... Será que não aprendera nada sobre ele durante aquelas semanas na Escócia?

"Oh, Brian, ajude-me", Noemy teve vontade de dizer. "Por favor, diga em palavras o que está tentando expressar." Ela voltou a encará-lo e viu a

sinceridade que aqueles olhos negros transmitiam... como se dissesse: confie em mim. Engoliu em seco e depois perguntou:

— Você realmente foi ver sua mãe naquele dia?

— Sim, Noemy, fui ver minha mãe — ele declarou com firmeza. — As rosas eram para ela também. Era seu aniversário, e eu desejava alegrar-lhe um pouco a vida que, antes de eu conseguir ascender financeiramente, não foi das mais fáceis.

— Brian! — Noemy exclamou, ganhando dele um sorriso terno.

— Minha mãe não goza de boa saúde — ele continuou —, mas mesmo assim eu não queria ficar longe de você por muito tempo.

— Verdade?

Ele assentiu com a cabeça.

— Quando mandei consertar seu carro, eles deram duas demãos de pintura, e precisei esperar que a tinta secasse. Aquilo me pareceu durar uma eternidade!

— Oh, Brian! — Noemy suspirou novamente, ante o olhar cheio de paixão que recebia. Então conseguiu confessar sem nenhuma hesitação: — Eu senti ciúme de você naquele dia inteiro, e desde então sinto por qualquer coisa.

Por alguns segundos Brian a analisou com uma expressão perplexa. Então, subitamente, um sorriso muito charmoso surgiu em seu rosto.

— Meu amor! — ele exclamou, triunfante, tomando-a nos braços. Segurava-a bem junto de si, como se nunca mais quisesse soltá-la.

Noemy não dizia nada, e Brian afastou-a delicadamente, segurando-a pelos ombros. Fitou os lindos olhos azuis por um longo tempo.

— Minha querida! — sussurrou em seguida, tomando-a nos braços novamente. Tocou os lábios dela com os seus e depois cobriu todo o rosto delicado com pequenos beijos. — Minha adorada! — tornou a murmurar antes de se apossar de sua boca, num beijo longo e cheio de ardor.

Então Brian desfez o encanto, afastando-se um pouco mas com os braços ainda ao redor dela.

— Quando será que começou este amor que eu não mereço, mas do qual necessito tanto?

— Não... tenho muita certeza... — ela respondeu, ainda ofegante. — Eu me lembro de que senti um grande alívio quando descobri que você tinha uma governanta e não uma amante que vivia com você. Portanto, acho que o ciúme deve ter sido a raiz de tudo. — Noemy se deleitou com o sorriso de felicidade que Brian lhe lançou diante da confissão singela. — E eu tive muito ciúme da mulher para quem você mandou rosas. Naquele dia

soube que o amava.

Brian a puxou para mais junto de si e, entre beijos carinhosos, falou de seu amor por ela, de como temera que a tivesse assustado enquanto tentava desesperadamente descobrir se ela sentia alguma coisa por ele.

— Verdade? — ela indagou com os olhos arregalados.

— Verdade — ele confirmou. — Eu voltei de Perth e a tomei nos braços. Quando você não me afastou de imediato, beijei-a porque havia sentido sua falta. Passei os dias seguintes desejando tê-la nos meus braços outra vez, mas como não tinha certeza dos seus sentimentos, não quis arriscar e pôr tudo a perder.

— Mas você fez isso... Segurou-me nos braços novamente.

— Não pense que esqueci. — Ele sorriu com um brilho de desejo nos olhos. — Nunca vou esquecer a fúria que tomou conta de mim no domingo passado, quando Gerry ligou e você teve a ousadia de dizer que ele era um amigo.

— Eu não podia revelar que era meu cunhado — Noemy observou com doçura. — Mas pensei que o motivo da sua raiva fosse eu ter revelado seu esconderijo a alguém.

— Esconderijo coisa nenhuma — Brian resmungou com um ar maroto. — Meu ciúme chegou a um ponto que eu não conseguia ouvir mais nada, ver mais nada além da minha fixação doentia de que você havia me enganado, ligando às minhas costas para um homem. Somente quando você começou a corresponder aos meus beijos consegui recuperar um pouco da minha sanidade. Então meu amor — ele sussurrou, — quando eu olhei para o seu rosto afogueado, alguma coisa se moveu dentro de mim e eu voltei ao meu controle total. E sabia que precisava largá-la enquanto ainda era tempo.

— Então você descobriu que eu... não teria... impedido?

— Perdoe-me, meu amor — ele murmurou. — Mas, sim, eu sabia disso. No entanto também tinha de pensar no momento seguinte. Se nós tivéssemos feito amor, quando todo o encanto daqueles instantes passasse você poderia pensar que eu a havia seduzido ou, pior, que usara de chantagem para fazê-la entregar-se a mim. E se você acabasse me odiando? O que eu poderia fazer, então, se desejava vê-la se entregando por amor?

— Oh, Brian, eu nunca conseguiria odiar você — ela falou com amor.

— Agora vem me dizer isso? — ele a provocou, apertando-a com carinho. Em seguida relembrou os dias sombrios que haviam se seguido após ela dizer que desejava voltar a Reefingham. — Você disse que eu não

precisava mais de sua presença, mas eu sabia que necessitava de você mais do que qualquer coisa na minha vida. Entendi que sem você minha vida não tinha sentido.

Noemy suspirou, e Brian beijou seus cabelos. Depois, gentilmente retirou os grampos que os prendiam.

— Você se importa? — indagou enquanto passava os dedos pelos longos fios dourados.

— De modo algum. — Ela sorriu.

— Lindo! — ele exclamou, satisfeito. Então, com expressão solene, perguntou: — Você vai convidar suas quatro sobrinhas para serem suas damas de honra?

— Brian... — Uma onda de alegria inundou o coração de Noemy. — Nós... vamos nos casar?

— Por acaso está querendo dizer "não"? — ele quis saber, com um ar sério.

— Eu... não poderia nem sonhar com isso — ela replicou, embevecida. — Sempre achei que você era do tipo de homem que nunca se casaria.

— Todo homem quer casar quando encontra a mulher certa — ele murmurou. — Me abrace.

Os lábios de ambos se uniram num beijo ardente, um gesto que encerrava o passado e inaugurava o futuro.

**FIM**